REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

1.º DE SETEMBRO, 1889

Summario

Pag. 261 — Cartas de Fradique Mendes..... Eça de Queiroz.
» 291 — Os filhos de D. João I..... Oliveira Martins.
» 320 — Á memoria do insigne historiador e poeta portuguez Alexandre Herculano..... Fernando Leal.
» 333 — A Epopêa da Humanidade..... Theophilo Braga.
» 358 — Um economista portuguez..... Rodrigues de Freitas.
» 371 — A cavallaria portugueza na Edade média..... Christovão Ayres.
» 387 — Boletim bibliographico.

LUGAN & GENELIOUX

EDITORES

PORTO

Volume I. Numero 3.

Summario do numero do 1.º de agosto

Os filhos de D. João I..... Oliveira Martins.
Pastoral..... Bento Moreno.
Toiradas em Portugal..... Conde de Sabugosa.
Recordações..... Silva Gayo.
A Epopêa da Humanidade..... Theophilo Braga.
Excursão á «Grande muralha da China» Bernardo de Pindella.
A Dansa Macabra..... José de Sousa Monteiro.
Chronica politica (internacional)..... P. de Oliveira.
Chronica politica..... J. A. Gonçalves.
Boletim bibliographico.

Collaboradores brazileiros da REVISTA DE PORTUGAL

Alberto d'Oliveira.
Aureliano de Campos.
Barão de Rio Branco.
Capistrano d'Abreu.
Domicio da Gama.
Eduardo Prado.
Ferreira d'Araujo.
João Ribeiro.
Machado d'Assis.
Medeiros e Albuquerque.
Olavo Bilac.
Raul Pompeia.
Raymundo Correia.
Tancredo de Mello.
Dr. Teixeira de Mello.

A lista completa dos collaboradores brazileiros da **Revista de Portugal** será dada n'um numero subsequente.

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

CARTAS DE FRADIQUE MENDES [1]

FRADIQUE MENDES

(MEMORIAS E NOTAS)

I

A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880, em Paris, pela Paschoa, — quando elle justamente regressava da sua viagem á Africa Austral. O meu conhecimento porém com esse homem admiravel datava de Lisboa, do anno remoto de 1867. Foi no verão d'esse anno, uma tarde, no café Martinho, que encontrei, n'um numero já sujo e antigo da *Revolução de Setembro*, este nome de C. Fradique Mendes, em letras enormes, por baixo de versos que me maravilharam.

Os themas (« os motivos emocionaes », como nós diziamos em 1867) d'essas cinco ou seis poesias, reunidas em folhetim sob o titulo de LAPIDARIAS, tinham logo para mim uma originalidade captivante e bemvinda. Era o tempo em que eu e os meus camaradas de Cenaculo, deslumbrados pelo Lyrismo epico da *Légende des Siècles*, « o livro que um grande vento nos

[1] Este estudo, de que no seu estado incompleto foram já publicados alguns fragmentos, é hoje dado na sua fórma definitiva, e integral, como a indispensavel introducção ás *Cartas de Fradique Mendes*, que, sem elle, seriam imperfeitamente comprehendidas.

trouxera de Guernesey » — decidiramos abominar, com vehemencia e com methodo, o Lyrismo sentimental, que, enclausurado nas duas pollegadas do coração, não comprehendendo d'entre todos os rumores do Universo senão o rumor das saias d'Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monotona e interminavel confidencia de glorias e martyrios de amor. Ora Fradique Mendes pertencia evidentemente aos poetas novos que, seguindo o Mestre sem igual da *Légende des Siècles* iam, n'uma universal sympathia, buscar motivos emocionaes fóra das limitadas palpitações do coração — á Historia, á Lenda, aos Costumes, ás Religiões, a tudo que através das idades, differentemente e unamente, revela e define o homem. Mas além d'isso Fradique Mendes trabalhava um outro filão poetico que infinitamente me seduzia — o da Modernidade, a notação fina e sobria das graças e dos horrores da Vida, da Vida ambiente e costumada, tal como nas moradas visinhas das nossas, nas ruas que todos trilhamos, a podemos testemunhar ou presentir.

Assim, n'esses poemetos das LAPIDARIAS, um Santo symbolico, um Solitario do seculo VI, ao fim de cincoenta annos de penitencia e d'ermo, morria, com desesperadas saudades do mundo e da carne, sobre as neves da Silesia: um corvo, facundo e velho além de toda a velhice, contava façanhas do tempo em que seguira n'um bando alegre as legiões de Cesar subindo á Bretanha escura e vaga, depois as hordas de Alarico rolando para a Italia, nitida, e toda de marmores brancos sob o azul: o bom cavalleiro Percival, correndo o mundo em busca do San-Gral, deixava, por collinas e areaes, o rumor e o faiscante sulco da sua armadura d'ouro: um Satanaz de feitio germanico, lido em Spinosa e Leibnitz, dava n'uma viella de cidade medieval uma serenada ironica aos astros, « gottas de luz no frio ar geladas »... E entre estes motivos, de esplendida estranheza, lá vinha o quadro de clara e fresca modernidade, as *Velhinhas*, cinco velhinhas, com chales de ramagens pelos hombros, um lenço ou um cabaz na mão, sentadas sobre um banco de pedra, n'um longo silencio de saudade, a uma restea de sol d'outono.

Não asseguro todavia a exactidão d'estas reminiscencias. Desde essa sésta de agosto, no Martinho, não voltei a lêr as LAPIDARIAS. E o que n'ellas de resto me prendeu, enlevadamente, não foi a Idéa, mas a Fórma — uma fórma soberba de plasticidade e de vida, que ao mesmo tempo me lembrava o verso marmoreo de Lecomte de Lisle com um sangue mais quente nas veias do marmore, e a nervosidade intensa de Baudelaire vibrando com mais norma e cadencia.

Precisamente, n'aquelle anno de 1867, eu, J. Teixeira de Azevedo e outros camaradas, tinhamos descoberto no céo da Poesia Franceza (unico para que nossos olhos se erguiam) toda uma pleiade d'estrellas novas onde sobresahiam, pela sua refulgencia superior e especial, esses dois sóes — Baudelaire e Lecomte de Lisle. Victor Hugo, a quem chamavamos já o « papá Hugo » ou « Senhor Hugo-Todo-Poderoso », não era para nós um astro — mas o Deus mesmo, inicial e immanente, de quem os astros recebiam a vida, a luz, o movimento e o rythmo. Aos seus pés Lecomte de Lisle e Baudelaire faziam duas constellações de adoravel brilho : e o seu encontro fôra um deslumbramento e um amor ! A mocidade d'hoje, comedida e positiva, que se occupa d'eleições, entende as cotações da *Bolsa* e lê George Ohnet, mal póde comprehender os santos enthusiasmos com que nós recebiamos a iniciação d'essa Arte Nova, que em França, nos começos do Segundo Imperio, surgiu das ruinas do Romantismo como sua derradeira encarnação, e que nos foi trazida, em Poesia, pelos versos de Lecomte de Lisle, de Baudelaire, de Coppée, de Dierx, de Mallarmé, d'outros menores : e menos talvez os póde comprehender aquella parte da mocidade culta que logo desde as escólas se nutre de Spencer e de Taine, e que procura com ancia e agudeza exercer a critica, onde nós outr'ora, mais ingenuos e ardentes, nos abandonavamos á emoção. Eu mesmo sorrio hoje ao pensar n'essas noites em que, no quarto de J. Teixeira d'Azevedo, enchia d'espanto e terror dois conegos que ao lado moravam, uivando por horas mortas a *Charogne* de Baudelaire, tremulo e pallido de paixão :

Vous serez semblable à cette ordure,
A cette horrible infection,
Étoile de mes yeux, soleil de ma nature,
Vous, mon ange et ma passion!

Do outro lado do tabique sentiamos o raspar espavorido de phosphoros, as camas rangendo sob a agitação dos ecclesiasticos... E eu, a tremer, mais pallido, esganiçado de paixão:

Alors, oh ma beauté, dites à la vermine
Qui vous couvrira de baisers,
Que j'ai gardé la forme et l'essence divine
De mes amours decomposés!

Certamente Baudelaire não valia este tremor e esta pallidez. Todo o culto sincero, porém, tem uma belleza essencial, independente dos merecimentos do Deus para quem se evola. Duas mãos postas com genuina fé serão sempre tocantes — mesmo quando se ergam para um Santo tão affectado e postiço como S. Simeão Stylita. E o nosso fervor era absolutamente candido. N'aquelle ponto inicial em que as coisas se equivalem e o vôo da pomba não differe do vôo do condôr, este encantado alvoroço com que liamos os poetas novos — reproduzia o transporte que outr'ora tomava os navegadores peninsulares ao pisarem as terras nunca d'antes pisadas, Eldorados maravilhosos, ferteis em delicias e thesouros, onde os seixos das praias lhes pareciam logo diamantes a reluzir.

Li algures que Juan Ponce de Leon, enfastiado das cinzentas planicies de Castella-a-Velha, não encontrando tambem já encanto nos pomares verde-negros da Andaluzia — se fizera ao mar, para buscar outras terras, e *mirar algo nuevo*. Tres annos sulcou incertamente a melancolia das aguas atlanticas: mezes tristes errou perdido nos nevoeiros das Bermudas: toda a esperança findára, já as prôas gastas se voltavam para os lados onde ficára a Hespanha. E eis que uma manhã de grande sol, em dia de S. João, surgem ante a armada extatica os esplendores da Florida! « *Gracias te sean, mi S. Juan bendito,*

que hé mirado algo nuevo! » As lagrimas corriam-lhe pelas barbas brancas — e Juan Ponce de Leon morreu de commoção. Nós não morremos: mas lagrimas remotamente parecidas com as do velho marcante, e nascidas do mesmo ideal satisfeito, saltaram-me dos olhos, quando pela primeira vez penetrei por entre o brilho sombrio e os perfumes acres das *Flôres do Mal.* Eramos assim absurdos em 1867!

De resto, exactamente como Ponce de Leon, eu só procurava em Litteratura e Poesia *algo nuevo que mirar.* E para um meridional de vinte annos, amando sobretudo a seducção da côr e o enlevo do som, que poderia ser esse *algo nuevo* senão um luxo novo de fórmas novas?

Litterariamente, n'esses tempos, todo o meu interesse e o meu cuidado se concentravam na apparencia exterior do Pensamento e do Sentimento. Sentimentos e Pensamentos não me eram decerto indifferentes. Com infinito apreço acolhia eu os themas rebuscados na Historia e na Lenda, as requintadas subtilisações da emoção, as analyses desesperadas mergulhando até a profundidade da alma a procurar o inedito que ainda pudesse haver nos seus recantos: e seguramente me encantava mais Baudelaire mostrando á sua amante na *Charogne* o cadaver pôdre do cão, do que Lamartine no *Lago* mostrando a Elvira a cansada lua, e comparando em ambas a pallidez e a graça meiga. Mas se este aspero, atormentado e funebre espiritualismo de Baudelaire me chegasse expresso na lingua lassa e molle de Casimir Delavigne — eu não lhe teria dado mais valor do que a versos vis do *Almanach de Lembranças.*

Foi sob a influencia d'este inferior criterio, sensualmente enterrado na idolatria da Fórma, que deparei com essas Lapidarias de Fradique Mendes, onde julguei vêr reunidas e fundidas as qualidades discordantes de magestade e de nervosidade que constituiam, ou me pareciam constituir, a grandeza dos meus dois idolos — o auctor das *Flôres do Mal* e o auctor dos *Poemas Barbaros.* A isto acrescia, para me fascinar, que este poeta era portuguez, cinzelava assim preciosamente a lingua que até ahi tivera como joias admiradas o *Noivado do Se-*

pulchro e o *Avè Cesar!*, habitava Lisboa, pertencia aos Novos, possuia decerto na alma, talvez no viver, tanta originalidade poetica como nos seus poemas! Que irmão para conhecer e para amar! E não é de surprehender que n'estas condições, aos vinte annos, eu désse a esse folhetim da *Revolução de Setembro* a importancia d'uma divina revelação d'Arte, uma aurora de Poesia, rompendo para banhar as almas moças na luz e no calor especial a que ellas aspiravam, meio adormecidas, quasi regeladas sob o algido luar do Romantismo. Graças te sejam dadas, meu Fradique bemdito, que na minha velha lingua *hé mirado algo nuevo!* Creio que murmurei isto, abysmado em gratidão. E, com o numero da *Revolução de Setembro*, corri a casa de J. Teixeira de Azevedo, á travessa do Guarda-Mór, a levar a nova esplendida!

Encontrei-o, como era por vezes seu costume nos silenciosos vagares das tardes de verão, em mangas de camisa, diante de uma bacia que trasbordava de morangos e de vinho de Torres. Com vozes retumbantes, atirando gestos pathetieos até ao tecto, declamei-lhe a *Morte do Santo*. Se bem recordo este asceta tinha, sobre as neves da Silesia, um fim bem atormentado pela perfida, inexoravel Natureza! Todos os appetites da paixão e do corpo, tão laboriosamente recalcados durante meio seculo d'ermo, irrompiam de repente, á beira da eternidade, n'um tumulto bestial, não querendo para sempre findar com a carne que ia findar antes de serem uma vez satisfeitos. E os anjos que para o receber desciam d'aza serena, trazendo mólhos de Palmas de Gloria e cantando os Epithalamios da Graça, encontravam, em vez d'um Santo, um Satyro, senil e grotesco — que de rojos, entre berros sordidos, mordia com beijos vorazes a neve, a macia neve, onde o seu delirio furiosamente imaginava nudezas de cortezãs... Tudo isto era tratado com uma grandeza sobria e rude que me parecia sublime. J. Teixeira d'Azevedo achou tambem « sublime — mas bréjeiro ». O claro bando dos anjos batera o vôo, aterrado. Eu murmurava : — « Ó Azevedo, é necessario conhecer este homem! » J. Teixeira d'Azevedo concordou que convinha procurar Fradique

Mendes, e erguel-o no alto do escudo como mestre dos Novos.

Fui logo n'essa noite á *Revolução de Setembro*, então installada na Calçada do Correio. Havia lá um companheiro meu de Coimbra, Marcos Vidigal, que nos nossos alegres tempos de Direito Romano ganhára, por tocar concertina e lêr Scudo, uma auctoridade forte nos dominios da Musica. Agora, vadiando em Lisboa, escrevia na *Revolução* aos domingos uma chronica musical, para ter gratuitamente o bilhete de S. Carlos.

Era um moço sem sobrancelhas, alvo e sardento, com cabellos côr de manteiga fresca, apagado de idéas e de modos — que despertava e se illuminava todo quando tinha a opportunidade de conhecer um homem que considerasse célebre, ou « entrar (como elle dizia) n'uma coisa que se lhe afigurasse original »; e isto tornára-o a elle pouco a pouco quasi original e quasi célebre. N'essa noite, que era sabbado e de grande calor, lá estava á banca, com uma quinzena d'alpaca, suando, bufando, a espremer do seu pobre craneo, como d'um velho limão meio sêcco, gottas d'uma chronica sobre a Volpini. Apenas eu murmurei o nome de Fradique Mendes, alludi áquelles versos que me tinham maravilhado — Vidigal arrojou a penna, já risonho, com um clarão na face:

— Fradique!? O Fradique!? Se conheço o grande Fradique!? É meu parente, meu patricio e meu parceiro!

— Ainda bem, Vidigal, ainda bem!

Fomos ao Passeio Publico (onde Marcos se ia encontrar com um agiota). Tomámos sorvetes debaixo das arvores; e o chronista da *Revolução* desenrolou, com abundancia e carinho, a historia do poeta das Lapidarias.

Carlos Fradique Mendes pertencia a uma velha e rica familia dos Açores, descendente por linha varonil de certo Lopo Mendes, filho segundo da casa da Troba, que fôra donatario d'uma das melhores capitanias creadas nas Ilhas por começos do seculo XVI. Seu pai, homem magnificamente bello, mas de

gostos rudes, morrera (quando Carlos ainda gatinhava) d'um desastre, na caça. Seis annos depois sua mãi, senhora tão airosa, pensativa e loura que merecera d'um poeta da Terceira o nome de *Virgem d'Ossian*, morria tambem, d'uma febre trazida dos campos onde andára bucolicamente, n'um dia de sol forte, a ceifar feno com uma fouce de prata. Carlos ficou em companhia e sob tutela de sua avó materna, D. Angelina Fradique, velha leviana, erudita e excentrica que colleccionava aves empalhadas, traduzia Klopstock, e se correspondia com Cesar Cantu. A sua primeira educação foi singularmente emmaranhada: o capellão de D. Angelina, antigo frade benedictino, ensinou-lhe o latim, a doutrina, o horror á maçonaria e outros principios solidos: depois um coronel francez, velho jacobino que se batera em 1830 na barricada de St-Merry, veio abalar estes alicerces espirituaes fazendo traduzir ao rapaz a *Pucelle* de Voltaire e a *Declaração dos direitos do homem;* e finalmente um allemão, que ajudava D. Angelina a enfardelar Klopstock na vernaculidade de Filinto Elysio, e se dizia parente de Emmanuel Kant, completou a confusão iniciando Carlos, ainda antes de lhe nascer o buço, na *Critica da Razão pura* e na heterodoxia metaphysica dos professores de Tubinguen. Felizmente Carlos arejava estas suffocantes camadas d'instrucção, gastando longos dias a cavallo nos montes com a sua matilha de galgos: — e da anemia que lhe teriam causado estas abstracções do raciocinio, salvou-o o sôpro fresco dos montados e a singela pureza dos regatos em que bebia.

A avó, tendo successivamente approvado estas embrulhadas linhas d'educação, decidiu de repente, quando Carlos completou dezeseis annos, mandal-o para Coimbra que ella considerava um nobre centro d'estudos classicos e o derradeiro refugio das Humanidades. Dizia-se porém na Ilha que a traductora de Klopstock, apesar dos sessenta annos que lhe revestiam a face d'um pêllo mais denso que a hera d'uma ruina, decidira afastar o neto — para casar com o cocheiro.

Durante tres annos Carlos tocou guitarra pelo *Penedo da Saudade*, encharcou-se de carrascão na tasca das Camêlas, pu-

blicou na *Idéa* sonetos asceticos, e amou desesperadamente a filha d'um ferrador de Lorvão. Acabava de ser pela segunda vez reprovado em geometria quando a avó morreu subitamente, na sua quinta das *Tornas*, n'um caramanchão de rosas em que se esquecera até á noitinha, tomando café, e escutando a viola que o cocheiro repicava com os dedos carregados d'anneis.

Restava a Carlos um tio, Thadeu Mendes, homem d'ociosidade, de luxo e de boa mesa, que vivia em Paris onde era um dos fieis (e dos crédores) do principe Napoleão, presidente da Republica e Salvador da Sociedade. E Carlos foi para Paris estudar Direito nas cervejarias que cercam a Sorbonne, á espera da maioridade que lhe devia trazer as heranças accumuladas do pai e da avó, calculadas por Vidigal n'um farto milhão de cruzados. Vidigal era filho d'uma sobrinha de D. Angelina, e possuia por legado, conjuntamente com Carlos, uma quinta chamada o *Corvovello*. D'ahi lhe vinha a parceria.

Depois d'isto Vidigal sabia apenas que Fradique, livre e rico, sahira do *Quartier-Latin* a começar uma existencia «sublime». Com um impeto de ave solta, viajára logo por todo o mundo, em todas as direcções do vento, desde New-York até Jerusalem, desde a Siberia até ao Saharà. N'estas jornadas, sempre emprehendidas por uma solicitação da intelligencia ou por ancia d'emoções, achára-se envolvido em feitos historicos, e tratára altas personalidades do seculo. Vestido com a camisa escarlate, ao lado de Dumas pai, acompanhára Garibaldi na conquista das Duas-Sicilias. Encorporado no Estado-Maior de lord Napier, que lhe chamava *the portuguese devil* (o demonio portuguez), fizera toda a pittoresca campanha da Abyssinia. Recebia cartas de Mazzini. Havia apenas mezes que visitára Hugo, no seu rochedo de Guernesey...

Aqui recuei, com os olhos esbugalhados. Victor Hugo (todos ainda se lembram), desterrado então em Guernesey, tinha para nós, idealistas e democratas de 67, as proporções propheticas e lendarias d'um S. João em Pathmos. E recuei protestando, com os olhos esbugalhados, tanto se me afigurava fóra de toda a possibilidade que um Mendes tivesse apertado nas suas

a mão augusta que escrevera a *Lenda dos Seculos!* Correspondencia com Mazzini, camaradagem com Garibaldi, vá! Mas na ilha sagrada, ao rumor das ondas da Mancha ter passeado com o vidente dos *Miseraveis*, — parecia-me a impudente exageração d'um ilhéo que me queria intrujar...

— Juro! gritou Vidigal, levantando a mão solemne ás acacias que nos cobriam.

E immediatamente, para demonstrar a verosimilhança d'aquella gloria, já tão alta para Fradique, contou-me outra bem superior, e que cercava aquelle estranho homem d'uma aureola bem mais radiante. Não se tratava já de ser estimado por um homem sublime, — mas, coisa excelsa entre todas, de ser amado por uma sublime mulher. Pois bem! Durante dois annos, em Paris, Fradique fôra o amante amado de Anna de Léon, a gloriosa Anna de Léon, a mais culta e bella cortezã (Vidigal dizia «o melhor bocado») do Segundo Imperio, a que ella communicára essa graça especial de voluptuosidade intelligente que outr'ora Aspasia deu ao seculo de Pericles.

Muitas vezes eu lêra no *Figaro* os louvores de Anna de Léon, e sabia que poetas a tinham celebrado sob o nome de *Venus Victoriosa*. Os amores com a cortezã não me impressionaram decerto tanto como a intimidade com o homem das *Contemplações:* mas a minha incredulidade cessou, — e Fradique assumiu para mim a estatura d'um d'esses sêres que, pela seducção ou pelo genio, como Alcibiades ou como Gœthe, dominam uma civilisação, e d'ella colhem deliciosamente tudo o que ella póde dar em prazeres e em triumphos.

Foi por isso talvez que córei, já intimidado, quando Vidigal, gritando por outro sorvete de leite, se offereceu para me levar a esse surprehendente Fradique. Sem me decidir, pensando em Novalis que tambem assim hesitava, enleado, ao subir uma manhã em Berlim as escadas d'Hegel — perguntei a Vidigal se o poeta das LAPIDARIAS residia em Lisboa. Não! Fradique viera de Inglaterra havia duas semanas, sem parar, até Cintra, que adorava, e onde comprára a quinta da *Saragoça* no caminho dos Capuchos, para ter de verão em Portu-

gal um repouso fidalgo. Estivera lá desde julho, com livros e um guitarrista: — e agora demorava-se dias em Lisboa, no Hotel Central, antes de recolher a Paris, seu centro e seu lar. De resto, acrescentou Marcos, não havia, como Fradique, ninguem tão profundo, tão simples, tão alegre, tão sem *pose*. E se eu desejava conhecer um homem genial, que estivesse ao outro dia, domingo, á uma, depois da missa, á porta da Casa Havaneza.

— Valeu? Á uma, religiosamente, depois da missa!

Bateu-me o coração. Por fim, com um esforço, como Novalis no patamar d'Hegel, afiancei, pagando os sorvetes, que ao outro dia, á uma, religiosamente, mas sem missa, estaria no portal da Havaneza!

II

Toda essa noite preparei phrases, cheias de profundidade e belleza, para dizer a Fradique Mendes. Tendiam todas á glorificação das Lapidarias. E lembro-me de ter, com especial cuidado, burilado e repolido esta: — «A fórma de v. exc.ª é um marmore divino com estremecimentos humanos!»

Na manhã seguinte apurei requintadamente a minha *toilette* como se, em vez de Fradique, fôsse encontrar Anna de Léon — com quem já n'essa madrugada, n'um sonho repassado de d'erudição e sensibilidade, eu passeára pela via sagrada que vai de Athenas a Eleusis, conversando sobre a morte de Socrates e sobre a versificação das Lapidarias. E ás duas horas, dentro de uma tipoia para que o macadam regado me não maculasse o verniz dos sapatos, parava na Havaneza, pallido, perfumado, commovido, com uma immensa rosa de chá na lapella. Eramos assim em 67!

Marcos Vidigal já me esperava, impaciente. Saltou para a tipoia. E batemos através do Loreto, que escaldava ao sol de agosto.

Na rua do Alecrim (para combater a pueril emoção que

me ia enleando e emmudecendo) perguntei ao meu companheiro quando publicaria Fradique o volume das LAPIDARIAS. Por entre o barulho das rodas, Vidigal gritou:

— Nunca!

E contou-me que a publicação d'aquelles trechos na *Revolução* quasi occasionára, entre Fradique e elle, um arrefecimento. Uma manhã depois de almoço, no Central, emquanto Fradique fumava sobre o divan, Vidigal, na sua plena familiaridade, como patricio e como parente, abrira sobre a mesa uma pasta de velludo negro. Descobrira, surprehendido, largas folhas de versos, n'uma tinta já amarellada... Eram as LAPIDARIAS. Lêra a primeira, a *Serenada de Satan aos astros*. E, maravilhado, pediu logo a Fradique para publicar na *Revolução* algumas d'essas estrophes divinas. O primo sorrira, consentira — com a recatada condição de serem assignadas por um pseudonymo. Qual? Fradique deixava essa escolha á phantasia de Vidigal. Na redacção, porém, ao revêr as provas, só lhe acudiram pseudonymos decrepitos, safados, o *Independente*, o *Amigo da Verdade*, o *Observador*, — nenhum bastante novo para dignamente firmar poesia tão nova. Disse comsigo: — «Acabou-se! Sublimidade não é vergonha. Ponho-lhe o nome!» Mas ao outro dia, quando Fradique viu a *Revolução de Setembro*, fez-se livido, e chamou regeladamente a Vidigal «indiscreto, burguez, e philistino»! — E aqui Vidigal parou para me pedir a significação de *philistino*. Eu não sabia; mas archivei gulosamente o termo. Recordo até que logo n'essa tarde, no Martinho, tratei de *philistino* o auctor consideravel do *Avè Cesar!* O epitheto impressionou. E durante semanas foi usado, ora como injuria, ora como louvor, em discussões e folhetins.

— De modo que, rematou Vidigal, é melhor não lhe fallares nas LAPIDARIAS.

«Porque?» pensava eu. Talvez que Fradique, á maneira do chanceller Bacon e outros homens grandes pela acção, desejasse esconder o seu ardente genio poetico! Ou talvez essa ira, ao vêr o seu nome impresso debaixo de versos com que se orgulharia Lecomte de Lisle, era a do artista nobremente e per-

petuamente insatisfeito que não aceita ante os homens como sua a obra onde sente imperfeições. Ou ainda, poeta todo intimo, d'uma delicadeza e altivez d'alma incomparaveis, não queria mostrar á multidão o seu sonho e as suas emoções, e ficar por traz d'ellas sorrindo, como o joalheiro que espalha sobre um balcão as joias que trabalhou. Homem estranho! Tudo isto cahia na minha admiração como oleo n'uma fogueira. Ao pararmos no Central, tremia d'acanhamento.

Senti quasi um allivio quando o porteiro annunciou que o snr. Fradique Mendes, logo pela manhã, partira n'uma caleche para Belem. Para Vidigal foi um desespero:

— N'uma caleche! Para Belem!... Ha alguma coisa em Belem?

Murmurei, n'uma idéa d'Arte, que havia os Jeronymos. N'esse instante uma tipoia, lançada a trote, estacou na rua, com as pilecas fumegando. Um homem pallido desceu, vestido de preto. Era Fradique Mendes.

Vidigal correu, apresentou-me como um «escriptor seu amigo». Elle adiantou a mão sorrindo — mão admiravelmente fina e branca onde scintillava um rubi. Acariciou o hombro do primo Marcos, arejou a face com o lenço: depois abriu uma carta que o porteiro lhe estendia. «Uma carta de pressa, disse o homem, mandada pelos snrs. Pintos Bastos.»

Pude então, á vontade, contemplar o cinzelador das Lapidarias, o familiar de Mazzini, o expedicionario das Duas-Sicilias, o bem-amado de Anna de Léon! O que me seduziu logo foi a sua esplendida solidez, a nobre e viril proporção dos membros fortes, o aspecto calmo de poderosa estabilidade com que parecia assentar na vida, tão livremente e tão firmemente como sobre aquelle chão de ladrilhos onde pousavam os seus largos sapatos de verniz resplandecendo sob polainas de linho. A face era do feitio aquilino e grave que se chama *cesareano*, mas sem as linhas empastadas, a espessura flaccida que a tradição das Escólas invariavelmente attribue aos Cesares na tela ou no gesso, para os revestir de magestade, antes pura e fina como a d'um Lucrecio moço, em plena gloria, todo

nos sonhos da Virtude e da Arte: e o que eu tomára por pallidez vinha d'uma brancura de pelle, lactea, fresca, sã, onde a barba, por ser pouca decerto, não deixava depois de escanhoada nenhuma sombra aspera. A finura da physionomia estava na bôca que, sob um buço crespo e leve, offerecia labios d'um córte extremamente sinuoso e subtil, como talhados assim para afinar e espiritualisar bem a expressão do pensamento. E estava tambem, mas ahi misturada com energia, nos olhos — olhos pequenos e negros, brilhantes como contas de onyx, d'uma penetração aguda, talvez insistente de mais, que perfurava, se enterrava sem esforço, como uma verruma d'aço em madeira molle.

Trazia uma quinzena solta, d'uma fazenda preta e macia, igual á das calças que cahiam sem um vinco: o collete de linho branco fechava com botões de coral pallido: e o laço da gravata de setim negro, dando relevo á alvura espelhada dos collarinhos quebrados, reproduzia a nitidez detalhada que já me encantára no seu verso.

Não sei se as mulheres o considerariam *bello*. Eu achei-o um varão magnifico — dominando sobretudo por não sei que graça clara que sahia de toda aquella força mascula. Era o seu viço que deslumbrava. A vida de tão varias e trabalhosas actividades não lhe cavára uma prega de fadiga. Parecia ter emergido, havia momentos, assim de quinzena preta e barbeado, d'entre o seio vivo da Natureza. E apesar de Vidigal me ter affirmado que Fradique já « trintára », eu sentia n'aquelle corpo a robustez tenra e agil de um ephebo, na infancia do mundo grego. Só quando sorria ou quando olhava, se percebiam immediatamente n'elle vinte seculos de litteratura.

Depois de lêr a carta, Fradique Mendes abriu os braços, n'um gesto risonho e desolado, implorando uma vez mais a misericordia de Vidigal. Tratava-se como sempre da Alfandega, fonte perenne das suas amarguras. Agora tinha lá encalhado um caixote, contendo uma mumia egypcia...

— Uma mumia...?

Sim, perfeitamente, uma mumia historica, o corpo veridico

e veneravel de Pentaour, escriba ritual do Templo de Amnon em Thebas, e chronista de Ramèzes II! Mandára-o vir de Paris para dar a uma senhora da Legação d'Inglaterra, que em plena frescura e em plena graça, colleccionava antiguidades pharaonicas. Mas apesar d'esforços sagazes não conseguia arrancar esse defunto letrado aos armazens da Alfandega — que elle enchera de confusão e de horror. Logo na primeira tarde, quando Pentaour desembarcára enfaixado dentro do seu caixão, a Alfandega aterrada avisou a policia. Depois, calmadas as desconfianças d'um crime, surgira uma insuperavel difficuldade: — que artigo da pauta poderia ser applicado ao cadaver d'um hierogrammata do tempo de Ramèzes? Elle Fradique suggerira o artigo que taxa o arenque defumado. Realmente, no fundo, o que é um arenque defumado senão a mumia, sem ligaduras e sem inscripções, d'um arenque que viveu? Ter sido peixe ou escriba nada importava para os effeitos fiscaes. O que a Alfandega via diante de si era o corpo d'uma creatura, outr'ora palpitante, hoje seccada ao fumeiro. Se ella em vida nadava n'um cardume, nas ondas do mar do Norte, ou se, nas margens do Nilo, ha quatro mil annos, arrolava as rezes de Amnon e commentava os *capitulos de fim de dia* — não era certamente da conta dos poderes publicos. Isto parecia-lhe logico. Todavia as auctoridades da Alfandega continuavam a hesitar, coçando o queixo, diante do cofre sarapintado que encerrava tanto saber e tanta piedade! E agora os amigos Pintos Bastos aconselhavam, como mais rapido e mais pratico, que se obtivesse um *empenho* do Ministro para fazer sahir sem direitos o corpo augusto do escriba de Ramèzes. Ora este empenho, quem melhor para o alcançar que Marcos — esteio da Regeneração e seu chronista musical?

Vidigal esfregava as mãos, illuminado. Ahi estava uma coisa «bem catita», bem digna d'elle — salvar uma mumia do fisco! E arrebatou a carta dos Pintos Bastos, enfiou para a tipoia, gritou ao cocheiro a morada do Ministro, seu collega na *Revolução*. Assim fiquei só com Fradique — que me convidou a subir ao seu quarto para bebermos uma «soda e limão».

Pela escada, o poeta das Lapidarias alludiu ao torrido calor d'agosto. E eu que ia atraz, e defronte do espelho no patamar parára a revistar, com um olhar furtivo, a linha da minha sobrecasaca e a frescura da minha rosa — deixei distrahidamente escapar esta coisa hedionda:

— Sim, está d'escachar!

E ainda o som não morrera no ar, já uma afflicção me dilacerava, pela chulice assim atabalhoadamente lançada como um pingo de sêbo sobre o supremo artista das Lapidarias, o homem que conversára com Hugo á beira do mar!... Entrei no quarto, embaçado, com bagas de suor na face. Debalde rebuscava uma outra phrase sobre o calor, bem trabalhada, toda scintillante e nova! Nada! Só me acudiam teimosamente sordidezes parallelas, em calão vil: — « está de rachar »! « está de derreter »!... Atravessei alli uma d'essas angustias atrozes e grotescas, que vêm unicamente aos vinte annos, quando se começa a vida e a litteratura.

Felizmente Fradique desapparecera por traz d'um reposteiro de alcova. Só, limpando o suor, reflectindo que altos pensadores se exprimem assim, com uma simplicidade rude, — serenei. E á perturbação succedeu a curiosidade de descobrir em torno, pelo aposento, algum vestigio da originalidade intensa do homem que o habitava. Não avistei raridades. Era a sabida sala d'hotel, com reps azul-ferrete, um lustre, e uma console de pés dourados entre as duas janellas que respiravam para o rio. Sómente sobre a console, e por meio dos livros que atulhavam a mesa, pousavam soberbos ramos de flôres: e a um canto afofava-se um espaçoso divan, installado decerto por Fradique, e arranjado com colchões sobrepostos, que um cobrejão oriental de côres estridentes recobria flammantemente. Errava além d'isso em toda a sala um aroma desconhecido, que tambem me pareceu oriental, como feito de rosas de Smyrna, mescladas a um fio de canella e benjoim.

Fradique Mendes voltára de dentro, vestido com uma cabaia chineza de mandarim, de sêda verde, bordada a flôres de amendoeira — que me maravilhou e me intimidou. Vi então que

tinha o cabello castanho-escuro, muito fino, levemente ondeado sobre a testa, mais polida e branca que os marfins de Normandia. E os olhos, banhados agora n'uma luz franca, não apresentavam aquella negrura profunda que eu comparára ao onyx, mas uma côr quente de tabaco escuro da Havana. Accendeu uma cigarette, ordenou a « soda e limão », e disse sorrindo, com sincera sympathia:

— Aquelle Marcos é uma flôr!

Concordei. Historiei a velha estima que me prendia a Vidigal, desde o primeiro anno de Coimbra, dos nossos tempos estouvados de Concertina e *Sebenta:* e fallámos de Coimbra, que eu execrava — mas de que Fradique conservava recordações, cheias d'alegria e illusão. Perguntou-me pelos excellentes Dorias; pelo Pedro Penedo, pelo Paes, por outros lentes ainda, do antigo typo fradesco e bruto; depois pelas tias Camêlas, essas encantadoras velhas, que escrupulosamente, através de lascivas gerações d'estudantes, tinham permanecido virgens, para poderem no céo, ao lado de Santa Cecilia, passar toda uma eternidade a tocar harpa. Era uma das suas memorias mais persistentes de Coimbra, essa taverna das tias Camêlas, e as ceias desabaladas que custavam setenta reis, comidas ruidosamente na penumbra fumarenta das pipas, com o prato de sardinhas em cima dos joelhos, o cangirão do *tinto* sobre o chão de terra negra... E que sardinhas! Que arte divina em frigir o peixe! Muitas vezes em Paris se lembrára das risadas, do appetite, e dos piteus d'então!...

Tudo isto vinha n'um tom muito moço, natural e singelo — que eu mentalmente classificava de *crystallino.* Elle estirára-se no divan; eu ficára junto da mesa, onde um ramo de rosas se desfolhava sobre volumes de Darwin e do Padre Manoel Bernardes. E então, dissipado o acanhamento, todo no appetite de revolver com elle idéas de Litteratura, sem me lembrar que esse homem, como Bacon, quereria esconder o seu genio poetico, ou artista insatisfeito nunca reconheceria a obra imperfeita, — alludi ás LAPIDARIAS.

Fradique Mendes tirou a cigarette dos labios para rir —

com um riso que seria genuinamente galhofeiro, se de certo modo o não contradissesse um laivo de vermelhidão que lhe subira á face côr de leite. Depois declarou que a publicação d'esses versos, *com a sua assignatura*, fôra uma perfidia do perjuro Marcos. Não considerava *assignaveis* esses pedaços de prosa rimada, que decalcára, havia quinze annos, na idade em que se imita, sobre versos de Leconte de Lisle. De resto passára por um tão puro e alto prazer quando os trabalhava em Paris, a uma janella por sobre as arvores do Luxemburgo, julgando-se a cada rima um innovador genial, que não lhe pezava tel-os recompensado deixando-os gozar um pouco da luz e do ruido d'um jornal.

Isto já me pareceu menos sincero — de modo nenhum *crystallino*. Affirmei no emtanto que, depois da obra de Baudelaire, nada me impressionára como as LAPIDARIAS. E preparei a minha esplendida phrase, burilada n'essa noite com paciente cuidado: — « A fórma de v. exc.ª é um marmore divino... » Ainda consegui collocar — « A fórma de v. exc.ª... » Mas o precioso resto foi cortado pelo movimento de Fradique, que se erguera, atirára a cigarette, e, *verrumando-me* com os olhos outra vez mais negros:

— Vejo então que tenho diante de mim um discipulo devoto e militante do maganão das *Flôres do Mal!*

Córei, áquelle espantoso termo de *maganão*. E, muito grave, confessei que para mim Baudelaire dominava á maneira d'um grande astro, logo abaixo d'Hugo, na moderna Poesia. Fradique sorriu: e afiançou-me que bem cedo eu perderia essa illusão! Baudelaire (que elle conhecera) não era verdadeiramente um poeta. Poesia subentendia emoção: e Baudelaire, todo intellectual, todo critico, não passava d'um analysta — um dissecador subtil d'estados morbidos. As *Flôres do Mal* continham apenas resumos criticos de emoções nervosas que Baudelaire muito finamente comprehendera, mas que nunca *sentira*. Exactamente como um pathologista, cujo coração bate normal e serenamente, emquanto descreve, á sua banca, n'uma folha de papel, as perturbações medonhas d'uma lesão cardiaca.

Tanto assim que Baudelaire compuzera primeiro em prosa as *Flôres do Mal* — e só mais tarde, tendo comprovado bem a justeza das analyses, as passava a verso, laboriosamente, com um diccionario de rimas!... De resto em França (acrescentou o estranho homem) não havia poetas. A genuina expressão da clara intelligencia franceza era a prosa. Os mais finos conhecedores francezes prefeririam sempre os poetas cuja poesia se caracterisasse pela precisão, lucidez, sobriedade — que são qualidades de prosa; e um poeta tornava-se tanto mais popular quanto mais visivelmente possuia o genio de prosador. Boileau continuaria a ser um classico e um immortal, quando já ninguem se lembrasse, em França, do tumultuoso lyrismo de Hugo...

Dizia estas coisas enormes n'uma voz lenta, penetrante — que ia recortando os termos com a certeza e a perfeição d'um buril. E eu escutava, varado. Que o entupido Boileau ficasse nos cimos da Poesia Franceza, com a corôa de louros sobre os cachos da cabelleira, quando já o nome do poeta da *Lenda dos Seculos* fosse como um suspiro do vento que passou — pareciame uma d'essas affirmações, de rebuscada originalidade, com que se procura assombrar os simples, e que eu mentalmente classificava de *insolente*. Tinha mil coisas, abundantes e esmagadoras, a contestar: mas não ousava, por não poder apresental-as n'aquella fórma rigorosa e crystallisada do poeta das Lapidarias. Essa cobardia, porém, e o esforço para reter os protestos do meu enthusiasmo pelos Mestres da minha mocidade, suffocava-me, enchia-me de mal-estar: e anciava só por abalar d'aquella sala onde, com tão sêccas opiniões classicas, tanta rosa nas jarras, e toda a canella e benjoim que deviam jazer n'algum canto, — se respirava conjuntamente um ar abafadiço de Serralho e de Academia.

Ao mesmo tempo julgava humilhante ter soltado apenas, n'aquella conversação, traços escolares e miudos sobre o Pedro Penedo e o carrascão das Camêlas. Na razoavel ambição de deslumbrar Fradique com um resumo critico, provando as minhas finas letras, recorri á phrase, á lapidada phrase, sobre a fórma do seu verso. Sorrindo, esfregando as mãos, murmurei:

— « Em todo o caso a fórma de v. exc.ª é um marmore... » Chegára ao « marmore » — quando a porta se abriu com estrondo, e surgiu Vidigal:

— Tudo prompto! gritou. Despachei o defunto!

O Ministro, homem de poesia e de eloquencia, interessára-se infinitamente por aquella mumia d'um « collega », e jurára logo poupar-lhe o opprobio de ser tarifada como peixe salgado. S. exc.ª tinha mesmo ajuntado: — « Não, senhor! não, se-« nhor! Ha de entrar livremente, com todas as honras devidas « a um classico! » E na manhã seguinte, Pentaour deixaria a Alfandega, de tipoia!

Fradique riu d'aquella designação de *classico* dada a um hierogrammata do tempo de Ramèzes — e apontou a morada do Ministro para lhe agradecer tão culta benevolencia. Então eu, tomado subitamente, sem razão, por um sentimento de inferioridade e de melancolia, estendi a mão para o chapéo. Fradique não me reteve; mas os dois passos com que me acompanhou no corredor, o seu sorriso e o seu *shake hands*, foram perfeitos. Apenas na rua, gritei commigo: — « Que pedante! »

Sim, mas inteiramente *novo*, differente de todos os typos de homens que eu até ahi conhecera! E á noite, na travessa do Guarda-Mór (occultando a escandalosa apologia de Boileau, para nada d'elle mostrar imperfeito), espantei J. Teixeira d'Azevedo com *um* Fradique idealisado, em que tudo era irresistivel, as idéas, o verbo, a cabaia de sêda, a face marmorea de Lucreeio moço, o perfume que esparzia, a graça, a erudição e o gosto!

J. Teixeira d'Azevedo tinha o enthusiasmo difficil e lento em fumegar. O homem deu-lhe apenas a impressão de ser postiço e theatral. Concordou no emtanto que convinha ir estudar « um machinismo de *pose* montado com tanto luxo ».

Fomos ambos ao Central, dias depois, no fundo d'uma tipoia. Eu, engravatado em setim, de gardenia ao peito. J. Teixeira d'Azevedo, caracterisado de « Diogenes do seculo XIX », com um jaquetão encardido e remendado que lhe emprestára o criado, chapéo braguez orlado de sêbo, grossos sapatões ruraes,

pavoroso cacete ponteado de ferro!... Tudo isto arranjado com trabalho, com despeza, com immenso nojo, só para horrorisar Fradique — e, diante d'esse homem de scepticismo e de luxo, altivamente affirmar, como democrata e como idealista, a grandeza moral do remendo e a philosophica austeridade da nodoa! Eramos assim em 1867!

Tudo perdido! Perdida a minha gardenia, perdida a immundicie estoica do meu camarada! O snr. Fradique Mendes (disse o porteiro) partira na vespera n'um vapor que ia buscar bois a Marrocos!

III

Alguns annos passaram. Trabalhei, viajei. Melhor fui cochecendo os homens e a realidade das coisas, perdi a idolatria da Fórma, não tornei a lêr Baudelaire. Marcos Vidigal, que, através da *Revolução de Setembro*, trepára da Chronica Musical á Administração Civil, governava a India como Secretario Geral, de novo entregue, n'esses ocios asiaticos que lhe fazia o Estado, aos seus sólos trabalhosos de concertina: e levado assim esse grato amigo do Tejo para o Mandovi eu não soubera mais do poeta das Lapidarias. Nunca porém se me apagára a lembrança do homem singular. Antes por vezes me succedia de repente *vêr*, claramente *vêr* diante de mim, a face eburnea e fresca, os olhos côr de tabaco insistentes e verrumando, o sorriso sinuoso e sceptico onde viviam vinte seculos de litteratura.

Em 1871 percorri o Egypto. Uma occasião, em Memphis, ou no sitio em que foi Memphis, navegava nas margens inundadas do Nilo, por entre palmeiras que emergiam da agua, e erguiam em redor, sobre o fundo de ardente luar, a sombra e a solemnidade saudosa de longas arcarias de claustros. Era uma solidão, um vasto silencio de terra morta, apenas dôcemente quebrado pela cadencia dos remos e pelo canto dolente do arraes. E eis que subitamente, sem que recordação alguma tivesse evocado esta imagem — *vejo*, nitidamente *vejo*, avançan-

do com o barco, e com elle cortando as faxas de luz e sombra, o quarto do Hotel Central, o grande divan de côres estridentes, e Fradique a celebrar classicamente, por entre o fumo da cigarette, a immortalidade de Boileau! E eu mesmo já não estava no Oriente, nem em Memphis, sobre a agua verde do Nilo; mas lá, n'esse corriqueiro aposento de hotel, sentado junto da mesa, diante das duas janellas que respiravam para o Tejo, sentindo em baixo as carroças de ferragens rolarem para o Arsenal. Perdera porém o acanhamento critico que então me enleava. E, durante o tempo que assim remámos n'essa decoração pharaonica para a morada do Sheik de Abou-Kair, fui tacitamente argumentando com o poeta das LAPIDARIAS, e enunciando emfim, na defeza de Hugo e Baudelaire, as coisas tremendas e acceradas com que o devia ter emmudecido n'aquella tarde de agosto! O arraes cantava os vergeis de Damasco. Eu berrava mentalmente: — « Mas veja v. exc.ª nos *Miseraveis* a alta lição moral... »

Ao outro dia, que era o da festa do Beiram, recolhi ao Cairo pela hora mais quente, quando os *muezzins* cantam a terceira oração. E ao apear do meu burro, diante do Hotel Sheperd, nos jardins do Ezbekieh, quem hei de eu avistar? Que homem, d'entre todos os homens, hei de eu avistar no terraço, estendido n'uma comprida cadeira de vime, com as mãos cruzadas por traz da nuca, o *Times* esquecido sobre os joelhos, embebendo-se todo de calor e de luz? Fradique Mendes.

Galguei os degraus do terraço, lançando o nome de Fradique, por entre um riso de intenso e transbordante prazer. Sem desarranjar a sua beatitude, elle descruzou apenas um braço que me estendeu com lentidão. O encanto do seu acolhimento esteve na facilidade franca com que me reconheceu, sob as minhas lunetas azues, o meu vasto chapéo panamá:

— « Então como vai desde o Hotel Central?... Ha quanto tempo pelo Cairo? »

Teve ainda outras palavras indolentes e affaveis. N'um banco ao seu lado, todo eu sorria, limpando o pó que se me empastára na face com uma espessura de mascara. Durante o curto

e dôce momento que alli conversámos, soube que Fradique chegára havia uma semana de Suez, vindo das margens do Euphrates e da Persia, por onde errára, como nos contos de fadas, um anno inteiro e um dia: e que ia partir, n'um *debarieh* que já o esperava no caes de Boulak, para o alto Egypto, para a Nubia, até Ouadi-Alfah.

Eu escutava-o, e sentia já envolver-me a influencia d'aquella voz incisiva e lenta, dos olhos persuasivos que *verrumavam*, e tomavam na luz mais crúa do Oriente uma côr mais clara de tabaco da Virginia. Todo o sol do Mar Vermelho e das planicies do Euphrates não lhe tostára a pelle lactea. Trazia, exactamente como no Hotel Central, uma larga e fresca quinzena preta, com o collete branco fechado por botões de coral. E o laço da sua gravata de setim preto (pensei eu) representava alli, na terra das roupagens soltas e rutilantes, a precisão formalista das idéas occidentaes.

Perguntou-me pela pachorrenta Lisboa, o que constava de Vidigal burocratisando entre os palmares brahmanicos, se já se completára a estrada nova de Cintra... Depois, como eu continuava a esfregar o suor e o pó, aconselhou-me que fosse mergulhar n'um banho turco, na piscina que fica ao pé da Mesquita de El-Monyed, e que repousasse toda a tarde, para irmos á noite vêr as illuminações do Beiram.

Em logar de descansar, depois do banho lustral, tentei ainda, ao trote dôce de um burro, através da poeira do deserto libyco, visitar fóra do Cairo as sepulturas dos Kalifas. Quando á noite na sala do Sheperd me sentei diante da sopa de « rabo de boi », a fadiga tirára-me o animo de pasmar para outras maravilhas musulmanas. O que me appetecia era o leito fresco, no meu quarto forrado de esteiras, onde tão romanticamente se ouvia cantarem no jardim, com uma languidez de serralho, as fontes entre os rosaes.

Fradique Mendes já estava jantando, n'uma mesa onde flammejava, entre as luzes, um ramo enorme de cactos. Ao seu lado pousava de leve, sobre um escabello mourisco, uma senhora vestida de branco, a quem eu só via a massa esplendida

dos cabellos louros e as costas perfeitas e graciosas, como as d'uma estatua de Praxiteles que usasse um collete de Madame Marcel; do outro lado, n'uma cadeira de braços, alastrava-se um homem abundante, cuja face ampla e serena, de barbas encaracoladas, cheia de força tranquilla como a de um Jupiter, eu já decerto encontrára algures, ou viva ou em marmore. E cahi logo n'esta preoccupação. Em que rua, em que museu admirára eu aquelle rosto classico, de olympica nobreza, onde apenas a fadiga do olhar, sob as palpebras pesadas, trahia a argilla mortal?

Terminei por perguntar ao negro de Seneh que me servia. O selvagem abriu um sorriso de radiosa alvura no ebano do carão redondo: — e através da mesa lançou um grunhido, onde julguei distinguir estas syllabas, respeitosamente engoroladas: — *Cé-tun-diú!* Nos labios toscos do servo de Seneh estes sons tentavam talvez significar — *C'est un Dieu!...* Justos céos! Pretenderia o negro affirmar que aquelle homem de barbas encaracoladas *era um Deus?* Fôra pois n'um altar, n'uma téla devota, que eu vira essa face, dilatada em magestade pela absorpção perenne do incenso e da prece? De novo interroguei o Nubio quando elle voltou, erguendo nas mãos espalmadas uma travessa de macarrão. De novo o Nubio me atirou em syllabas já claras, bem feridas, dissipando toda a incerteza — *C'est un Dieu!*

Era um Deus! Sorri a esta idéa de litteratura — um Deus de jaquetão, jantando á mesa do Hotel Shepherd. E, pouco a pouco, através do meu estado de enervação e fadiga (a que longos tragos de vinho de Borgonha, bebidos com uma sêde de Beduino, juntavam um começo de somnolencia), foi-se d'ella evolando não sei que sonho, esparso e tenue, como o fumo que se eleva de uma braza meio apagada. Era sobre o Olympo e os velhos Deuses e aquelle amigo de Fradique que se parecia com Jupiter. Os Deuses, seismava eu, não tinham talvez morrido: mas viviam, desde a chegada de S. Paulo á Grecia, refugiados n'um valle da Laconia, outra vez entregues, nos ocios que lhes fizera o Deus novo, ás suas occupações primordiaes de

lavradores e pastores. Sómente, pelo habito que os Deuses nunca perderam de imitar os homens, e para escapar aos ultrajes da Christandade, os olympicos abafavam sob casimiras, e chitas, e saiotes, e rabonas, o esplendor das nudezas que a Antiguidade adorára: e como tomavam outros costumes humanos, ora por necessidade (cada dia se torna mais difficil ser Deus), ora por curiosidade (cada dia se torna mais divertido ser Homem), os Deuses iam lentamente consummando a sua humanisação. Já por vezes deixavam a doçura do seu valle bucolico; e com bahús, com saccos de tapete, viajavam por distracção ou negocios, folheando os *Guias Bedecker*. Uns iam estudar nas cidades, entre a civilisação, as maravilhas da Imprensa, do Parlamentarismo e do Gaz; outros, aconselhados pelo erudito Hermes, cortavam a monotonia dos longos estios da Attica, bebendo as aguas em Vichy ou em Carlsbad: outros ainda, na saudade imperecivel das omnipotencias passadas, peregrinavam até ás ruinas dos Templos onde outr'ora lhes era offertado o mel e o sangue das rezes. Assim se tornava verosimil que aquelle homem, cuja face cheia de magestade e força serena reproduzia as feições dogmaticamente impostas a Jupiter pela Escóla d'Athenas, — fosse na realidade Jupiter, o Tonante, o Fecundador, pai inesgotavel dos Deuses, creador da Regra e da Ordem. Mas o que o trazia alli, vestido de flanella azul, pelo Cairo, pelo Hotel Sheperd, comendo o macarrão que se lhe prendia ás barbas divinas por onde a ambrosia escorrera? Tratando-se de Jupiter, o frascario, o femieiro Jupiter, os seus motivos transpareciam logo, limpidos e logicos. O que o podia arrastar ao Cairo senão *alguma saia*, esse desejo esplendidamente insaciavel de deusas e de mulheres, que outr'ora tornava pensativas as donzellas da Hellenia ao decorarem na Cartilha Pagã as datas em que elle batera as azas de Cysne entre os joelhos de Leda, sacudira as pontas de touro entre os braços d'Europa, gottejára em pingos d'ouro sobre o seio de Danae, pulára em linguas de fogo até aos labios d'Egina, e mesmo um dia, enojando Minerva e as damas sérias do Olympo, atravessára toda a Macedonia com uma escada ao hombro para trepar ao

alto eirado da morena Seméle? Agora, evidentemente, viera ao Cairo passar umas férias sentimentaes, longe da Juno conjugal, com aquella soberba mulher, cujo busto irresistivel provinha das artes conjuntas de Praxiteles e de Madame Marcel. E ella, quem seria ella? A côr das suas tranças, a suave ondulação dos seus hombros, tudo indicava claramente uma d'essas deliciosas Nymphas das Ilhas da Ionia, que outr'ora os Diaconos Christãos expulsavam dos seus frescos regatos, para n'elles baptisar centuriões cacheticos e comidos de dividas, ou velhas matronas com pêllo no queixo, tropegas do incessante peregrinar aos altares de Aphrodite. Nem elle nem ella porém podiam esconder a sua origem divina: através do vestido de cassa o corpo da Nympha irradiava uma claridade; e, attendendo bem, vêr-se-hia a fronte marmorea de Jupiter arfar em cadencia, no calmo esforço de perpetuamente conceber a Regra e a Ordem.

Mas Fradique? Como se achava alli Fradique, na intimidade dos Immortaes, bebendo com elles champagne Cliequot, ouvindo de perto a harmonia sem igual da palavra de Jove? Muito naturalmente, como se encontram sempre Fidalgos ricos e fieis, junto dos Reis no exilio. Fradique era um dos derradeiros crentes do Olympo, devotamente prostrado diante da Fórma, transbordando de alegria pagã: visitava a Laconia, fallava a lingua dos Deuses, recebia d'elles a inspiração: — nada mais consequente do que descobrir Jupiter no Cairo, e prender-se logo ao seu serviço, como *cicerone*, nas terras barbaras de Allah. E certamente com elle e com a Nympha da Ionia, ia Fradique subir o Nilo, até aos derrocados templos onde Zeus foi temido sob o nome de Amnon.

Através d'uma salada de tomates, eu desenvolvia, coordenava estas imaginações — decidido a convertel-as n'um Conto para publicar em Lisboa na *Gazeta de Portugal*. Devia chamar-se *A derradeira campanha de Jupiter:* — e n'elle obtinha o fundo erudito e phantasista para incrustar todas as notas de costumes e de paizagens, colhidas na minha viagem do Egypto. Sómente, para dar ao conto um relevo de moder-

nidade e de realismo picante, levaria a Nympha das aguas, durante a jornada do Nilo, a enamorar-se de Fradique e a trahir Jupiter! E eil-a aproveitando cada recanto de palmeiral e cada sombra lançada pelos velhos pilones d'Osiris, para se pendurar do pescoço do poeta das LAPIDARIAS, murmurar-lhe coisas em grego mais dôces que os versos de Hesiodo, deixar-lhe nas flanellas o seu aroma de ambrosia, e ser por todo esse valle do Nilo immensamente *cochonne* — emquanto o Pai dos Deuses, sem nada perceber, cofiando as barbas encaracoladas, continuaria imperturbavelmente a conceber a Ordem, augusto, ineffavel, perfeito, ancestral e cornudo!

Enthusiasmado, já construia a primeira phrase do Conto — quando vi Fradique adiantar-se para mim, com a sua chavena de café na mão. Jupiter tambem se erguera vagarosamente. Pareceu-me um Deus pesado e molle, com um principio de obesidade, arrastando a perna tarda, bem proprio para o ultraje que eu lhe preparava na *Gazeta de Portugal*. Ella porém tinha a graça, o esplendor, o aroma, o andar d'uma Deusa!... Tanto que resolvi logo substituir-me a Fradique no Conto, ser eu o *cicerone*, e com os Immortaes vogar á véla e á sirga sobre o rio de immortalidade! Junto á minha face, não á de Fradique, balbuciaria ella, desfallecendo de paixão entre os granitos sacerdotaes de Medinet-Abou, as coisas mais dôces da *Anthologia!* Ao menos, em sonho, realisava uma triumphal viagem a Thebas. E faria pensar aos assignantes da *Gazeta de Portugal:* — « O que elle por lá gozou! »

Fradique sentára-se, recebendo, de Jove e da Nympha que passavam, um sorriso cuja doçura tambem me envolveu. Vivamente puxei a cadeira para o poeta das LAPIDARIAS:

— Quem é este homem? Conheço-lhe a cara...

— Naturalmente, de gravuras... É Gautier!

Gautier! Theophilo Gautier! O grande Theo! O mestre impeccavel! Outro ardente enlevo da minha mocidade! Não me enganára pois inteiramente. Se não era um Olympico — era pelo menos o derradeiro Pagão, conservando n'estes tempos de

abstracta e cinzenta intelleetualidade, a religião verdadeira da Linha e da Côr! E esta intimidade de Fradique eom o auetor de *Mademoiselle de Maupin* tornou-me logo mais precioso e mais querido este compatriota sem par. Para saber se elle desejava genebra pousei-lhe a mão sobre a manga, com meiguice. E foi um extase, diante da sua penetração, quando elle me aclarou o grunhir do negro de Seneh. O que eu tomára pelo annuncio d'uma presença divina signifieava apenas — *c'est le deux*. Gautier no hotel occupava o quarto numero dois: e para o barbaro, o plastieo mestre do Romantismo era apenas — *o dois!*

Contei-lhe então a minha phantasia mythologiea, o Conto que ia trabalhar, os adoraveis dias de paixão que lhe destinava na viagem para a Nubia. Pedi mesmo permissão para lhe dedicar a *Derradeira campanha de Jupiter*. Fradique sorriu, agradeceu. Desejaria bem, eonfessou elle, que essa fosse a realidade, porque não se podia encontrar mulher de mais genuina belleza e de mais aguda seducção do que essa Nympha das Aguas, que se chamava Jeanne Morlaix, e era comparsa dos *Delassements-Comiques*. Mas, para seu mal, a radiosa creatura estava caninamente namorada de um Sicard, eorretor de fundos, que a trouxera ao Cairo, e que fôra n'essa tarde, eom banqueiros gregos, jantar aos jardins de Choubra...

— Em todo o caso, acresecntou o originalissimo homem, nunca esquecerei, meu caro patricio, a sua encantadora intenção!

Porque vim eu narrando, com tal diffusão, este episodio que apparentemente se prende tanto com o estudo do caracter e do espirito de Fradique, como aquelles ramos de faia que se balouçam á brisa de maio, rente da minha janella? Porque penso que elle originou a calorosa amizade de Fradique para eommigo, communicando-lhe esse sabor de phantasia e humorismo que n'ella derramou tanto eneanto. Descartes, zombando, ereio eu, da Physica Epieuriana ou Atomista, falla algures das affeições produzidas pelos *Atomos crochus* ou atomos recurvos — dando uma explicação phantasista d'um phenomeno obseuro da sensi-

bilidade por meio d'uma applicação phantasista da theoria Atomica do Universo. Estes atomos, em fórma de colchete ou d'anzol, engancham-se invisivelmente d'alma a alma e de corpo a corpo, e formam essas *cadeias*, abstractas e resistentes como o bronze, que para sempre ligam dois sêres, sem que os possam separar — nem a desillusão, nem a lassidão, nem a discordancia dos temperamentos, nem a contradicção dos caracteres. Um qualquer *nada* provoca esse fatal ou providencial enganchamento d'atomos. Por vezes um olhar, como desastradamente em Verona succedeu a Romeu e Julieta : por vezes uma fugitiva palavra que se trocou, como na amizade classica de Orestes e Pylades. Ora, por esta theoria (tão satisfactoria como qualquer outra em Psychologia affectiva), vim a pensar que a esplendida aventura de amor, que eu tão generosamente reservára a Fradique no plano da *Ultima campanha de Jupiter*, foi a causa mysteriosa, inconsciente para elle mesmo, o *nada* que determinou a sua primeira sympathia para commigo, desenvolvida, solidificada depois, em seis annos de intimidade intellectual.

Muitas vezes, no decurso das nossas relações, elle alludiu gratamente a essa minha *encantadora intenção* de lhe atar em torno do pescoço os braços de Jeanne Morlaix. Era por causa d'esses braços? Não! Logo á volta do Egypto, os teve collados a si, insistentes e já pesados, durante todo um verão, nas sombras do Vesinet. Era pela subtil e poetica homenagem que eu assim prestava ás suas seducções de homem? Quem sabe? Os motivos d'elle jaziam sempre muito enterrados nos escaninhos do seu complicado espirito, para se poderem definir com claro rigor. — Mas, quando nos erguemos para ir vêr as illuminações do Beiram, Fradique Mendes, com um modo novo, aberto, quente, quasi intimo, já me tratava por *vossê*.

As illuminações no Oriente consistem, como as do Minho, de tigelinhas de barro ou de vidro, onde arde um pavio ou uma

mecha d'estopa. Mas a descomedida profusão com que se prodigalisam as tigelinhas (quando as paga o Pachá) torna essas velhas cidades meio arruinadas, que assim se enfeitam em louvor de Allah, realmente deslumbrantes — sobretudo para um occidental besuntado de litteratura, e inclinado a vêr por toda a parte, reproduzidas no moderno Oriente, as muito lidas maravilhas d'essas *Mil e uma noites* que ninguem jámais leu.

Na celebração do Beiram o Pachá pagava devotamente, as tigelinhas eram incontaveis — e todas as linhas do Cairo, as mais quebradas e as mais fugidias, resaltavam, sublinhadas por um risco de luz. Longas fieiras de pontos refulgentes marcavam a borda dos eirados; as portas abriam sob ferraduras de lumes; os varandins pousavam em gradarias de fogo; dos toldos pendia uma franja que faiscava; um brilho tremia, com a aragem, sobre cada folha d'arvore; e os minaretes, que a Poesia Oriental classicamente compara desde seculos aos braços da Terra levantados para o Céo, ostentavam, como braços em noite de festa, um luxo de braceletes fulgindo na treva serena. Era, disse eu (querendo puerilmente, diante de Fradique, mostrar Imaginação e Litteratura), como se durante todo o dia tivesse cahido sobre a sordida cidade uma grossa pocirada d'ouro, pousando em cada friso de *moucharabieh* e em cada ramo de jardim, e agora rebrilhasse, com esplendida saliencia, na negrura da noite calma: ou ainda, como se a uma ordem divina um Anjo musulmano andasse avivando os contornos aereos do Cairo, com um pincel molhado na tinta de que Allah se serve para redigir os Destinos, e de que as estrellas são por todo o espaço a esparrinhadura radiante. Fradique sorrindo approvou estas desordenadas imagens.

Mas a belleza especial estava na multidão festiva que atulhava as praças e os bazares. E, rompendo através d'ella lentamente, avaliei então, assombrado, com quanta profundidade e miudeza Fradique conhecia o Oriente! De todos aquelles homens tão intensamente diversos, desde as feições até aos trajes — elle sabia a raça, a historia, os costumes, o logar proprio na

civilisação oriental. Devagar, abotoado n'um paletot de flanella, com um chicote de nervo (que é no Egypto o emblema da Auctoridade) entalado debaixo do braço, ia-me apontando, concisamente explicando essas estranhas figuras, que eu comparava ás d'uma masearada fabulosa, arranjada por um archeologo em noite de folia erudita, para reproduzir as « modas » dos Semitas através das idades desde Sem, filho de Noé, que usava em torno dos rins uma tira de pelle de chibo. E assim me fazia distinguir e comprehender — o *Fellah*, ridente e agil na sua longa camisa de algodão azul; o Beduino sombrio, movendo gravemente os pés entrapados em ligaduras, com o pesado alfange de bainha escarlate pendurado no peito; os Abadiehs, de grenha arranjada em fórma de mêda, e erriçada de longas cerdas de porco-espinho que os corôam d'uma aureola negra; os Arnautas insolentes, com curtos saiões tufados e encanudados, compridos bigodes esvoaçando ao vento, armas ricas reluzindo nas cintas de sêda; os bellos homens do Sennar, estatuas gregas esculpidas em ébano; os Moghrebinos altivamente embrulhados nos seus albornozes de riscas flammejantes; os cavalleiros do Hedjaz, com a cabeça envolta n'um lenço amarello cujas franjas immensas lhes fazem uma romeira de fios d'ouro... E outros ainda! Libyos arrastando as tunicas que já usavam no tempo de Herodoto; Judeus immundos, de caracoes frisados; Santões em farrapos, uivando o nome de Allah; Coptas togados á mancira de senadores; soldados pretos do Darfour, com fardetas de linho conservando as nodoas de poeira e de sangue; Ulemas de turbante verde; Persas de mitra de feltro; mendigos de mesquita, cobertos de chagas; amanuenses turcos, pomposos e anafados, de collete bordado a ouro... Que sei eu! Um estonteante Carnaval, onde a cada momento passavam, chalrando aos pares, ou sacudidos pelo trote dos burros sobre albardas vermelhas, enormes saccos enfunados — que eram mulheres. Toda esta turba se movia com uma gralhada mais viva que a de pardaes n'um loureiral, por uma tarde de maio. E a cada esquina, sob mólhos de lampadas, eram invocações a Allah, repiques de pandeiretas, gemidos estridentes partindo

das cordas das *dourbakas*, e cantos lentos — esses cantos arabes, d'uma voluptuosidade tão dolente e tão aspera, que Fradique dizia passarem n'alma com uma « carieia rascante ». Por vezes, entre o casario decrepito e rendilhado, surgia uma frontaria lisa, casa rica de Sheik ou de Pachá, com a funda varanda aberta em arcarias, por onde se avistavam lá dentro, n'um silencio de harem, sêdas eolgantes, floridos reeamos d'ouro, um tremor de lumes no crystal dos lustres, finas fórmas immoveis sob longos véos claros. Então a multidão parava, emmudecia, e de todos os labios sahia um grande *ah!* languido e maravilhado. Nada na terra podia ser mais prodigiosamente interessante para mim — que nunca assistira a uma festa no Oriente. E, todavia, bem depressa esqueci cantos, lumes, sêdas, brilhos d'armas, para só escutar Fradique Mendes!

Ao sahirmos do Moujick, este estranho homem parára a trocar, com um moço pallido, de esplendidos olhos, o *salam* — essa saudação oriental em que os dedos tres vezes precipitadamente batem a testa, a boca e o coração. E como eu, rindo, lhe invejava aquella intimidade com um « gentleman musulmano », Fradique explicou que esse moço era um Ulema de Bagdad, de raça antiga, superiormente intelligente, d'uma energia calma de apostolo — uma das mais finas e seductoras personalidades que elle encontrára na Persia. Com a familiaridade que se ia entre nós accentuando, perguntei-lhe então o que o detivera assim na Persia um anno inteiro e um dia como nos contos de fadas. E Fradique, com singeleza, confessou que se demorára tanto nas margens do Euphrates por se achar casualmente ligado a um movimento religioso que, desde 1849, tomava na Persia um desenvolvimento quasi triumphal, e que se chamava o *Babismo*. Attrahido primeiramente para essa nova seita por curiosidade critica, para observar como nasce e se funda uma Religião, chegára pouco a pouco a ganhar pelo Babismo um interesse activo — não por admiração da doutrina, mas por veneração dos apostolos. O Babismo (contou-me elle, seguindo por uma viella mais solitaria e favoravel ás confidencias) tivera por iniciador certo Mirza-Mohamed, um d'esses

Messias que cada dia surgem na incessante fermentação religiosa do Oriente, onde a religião é a occupação suprema e querida da vida. Tendo conhecido os Evangelhos Christãos por contacto com os Missionarios; iniciado na pura tradição mosaista pelos judeus do Hiraz; sabedor profundo do Guebrismo, a velha religião nacional da Persia — Mirza-Mohamed amalgamára estas doutrinas com uma concepção mais abstracta e pura do Mahometismo, e declarára-se *Bab*. Em persa *Bab* quer dizer *porta*. Elle era, portanto, a *porta* — a unica *porta* através da qual os homens poderiam jámais penetrar na absoluta Verdade. Mais litteralmente, Mirza-Mohamed apresentava-se como o grande *porteiro*, o homem eleito entre todos pelo Senhor para abrir aos crentes a porta da Verdade — e portanto do Paraiso. Em resumo era um Messias, um Christo. Como tal atravessou a classica evolução dos Messias: teve por primeiros discipulos, n'uma aldeia obscura, pastores e mulheres: soffreu a sua tentação na montanha: cumpriu as penitencias expiadoras: prégou parabolas: escandalisou em Méca os doutores: e padeceu a sua Paixão, morrendo, não me lembro se degolado, se fuzilado, depois do jejum do Rhamadan, em Tabriz.

Ora, dizia Fradique, no mundo musulmano ha duas divisões religiosas — os Sieds e os Sunis. Os Persas são Sieds, como os Turcos são Sunis. Estas differenças, porém, têm no fundo um caracter mais politico e de raça, do que theologico e de dogma; ainda que um fellah do Nilo desprezará sempre um persa do Euphrates, como *heretico* e *sujo*. A discordancia alarga-se, mais viva e marcada, logo que Sieds ou Sunis necessitem pronunciar-se perante uma nova interpretação de doutrina ou uma nova apparição de propheta. Assim o Babismo encontrára entre os Sieds uma hostilidade que se avivou até á perseguição: — e isto desde logo indicava que seria acolhido pelos Sunis com deferencia e sympathia.

Partindo d'esta idéa, Fradique, que em Bagdad se ligára familiarmente com um dos mais vigorosos e auctorisados apostolos do Babismo, Said-El-Souriz (a quem salvára o filho d'uma febre paludosa com applicações de *Fruit-salt*), suggerira-lhe um

dia, conversando ambos no cirado, ao luar, sobre estes altos interesses espirituaes, a idéa de apoiar o Babismo nas raças agricolas do valle do Nilo e nas raças nómadas da Libya. Entre homens de seita Suni, o Babismo encontraria um campo facil ás conversões; e pela tradicional marcha dos movimentos sectarios, que no Oriente, como em toda a parte, sobem das massas sinceras do povo até ás classes cultas, talvez essa nova onda de emoção religiosa, partindo dos fellahs e dos beduinos, chegasse a penetrar no ensino de alguma das mesquitas do Cairo, sobretudo na mesquita de El-Azhar, a grande Universidade do Oriente, onde os ulemas mais moços formam uma cohorte de enthusiastas, sempre disposta ás innovações e aos apostolados militantes. Ganhando ahi auctoridade theologica, e litterariamente polido, o Babismo poderia então atacar com vantagem as velhas fortalezas do Musulmanismo dogmatico. Esta idéa penetrára profundamente em Said-El-Souriz. Aquelle moço pallido, com quem elle trocára o *salam*, fôra logo mandado como emissario babista a Medinet-Abou (a antiga Thebas), para sondar o Sheik Ali-Hussein, homem de decisiva influencia em todo o valle do Nilo, pelo seu saber e pela sua virtude: e elle, Fradique, não tendo agora no Occidente occupações attractivas, cheio de curiosidade critica por tão pittoresco Advento, partia tambem para Thebas, devendo encontrar-se com o babista, á lua mingoante, em Beni-Soueff, no Nilo...

Não recordo, depois de tantos annos, se estes eram correctamente os factos. Só sei que as revelações de Fradique, lançadas assim através do Cairo em festa, me impressionaram indizivelmente. Á medida que elle fallava do Bab, d'essa missão apostolica ao velho Sheik de Thebas, de uma outra fé surgindo no mundo musulmano com o seu pathetico cortejo de martyrios e d'extasis, da possivel fundação de um imperio babista — o homem tomava aos meus olhos proporções grandiosas. Não conhecera jámais ninguem envolvido em coisas tão altas. Sentia-me ao mesmo tempo orgulhoso e aterrado de receber este segredo sublime. Outra não seria a minha commoção, se, nas vesperas de S. Paulo embarcar para a Grecia, a levar a Palavra

aos gentilicos, eu tivesse com elle passeado pelas ruas estreitas de Selcucia, ouvindo-lhe as esperanças e os sonhos!

Assim conversando, penetrámos no adro da mesquita de El-Azhar onde mais fulgurante e estridente tumultuava a festa do Beiram. Mas já não me prendiam as surprezas d'aquelle arraial musulmano — nem as *almées* dansando entre brilhos de vermelho e d'ouro; nem os poetas do deserto recitando as façanhas d'Antar; nem as luctas dos athletas nubios, bellos e ageis como dioscuros de bronze; nem os Derviches, sob as suas tendas de linho, uivando em cadencia os louvores d'Allah... Calado, invadido só pelo pensamento do Bab, revolvia commigo o confuso desejo de me aventurar n'essa campanha espiritual! Se eu partisse para Thebas com Fradique?... Porque não? Tinha a mocidade, tinha o enthusiasmo. Melhor me cabia essa carreira evangelica, que recolher de novo á banal Lisboa, a escrevinhar tiras de papel, sob um bico de gaz, na *Gazeta de Portugal!* E pouco a pouco d'este desejo, como d'uma agua que ferve, ia subindo o vapor lento d'uma visão. Via-me discipulo do Bab, — recebendo n'essa noite, do ulema de Bagdad, a iniciação da verdade. E partia logo a prégar, a espalhar o verbo babista. Onde iria? A Portugal certamente, levando de preferencia a salvação ás almas que me eram mais caras. Como S. Paulo, embarcava n'uma galera: as tormentas assaltavam a minha prôa apostolica: a imagem do Bab apparecia-me sobre as aguas, e o seu sereno olhar enchia minha alma de fortaleza indomavel. Um dia, por fim, avistava terra, e na manhã clara sulcava o claro Tejo, onde ha tantos seculos não entra um enviado de Deus. Logo de longe lançava uma injuria ás igrejas de Lisboa, construcções d'uma Fé vetusta e menos pura. Desembarcava. E, abandonando as minhas bagagens, n'um alto desprendimento dos bens terrestres, galgava aquella bemdita rua do Alecrim, e em meio do Loreto, á hora em que os Directores Geraes sobem devagar da Arcada, abria os braços e bradava: — « Eu sou a *Porta!* »

Não mergulhei no Apostolado babista — mas succedeu que, enlevado n'estas phantasmagorias, me perdi de Fradique. E não

sabia o caminho do Hotel Sheperd, nem outros termos uteis, em arabe, além de *agua* e *amor!* Foram angustiosos momentos em que fareiei estonteado pelo largo de El-Azhar, tropeçando nos fogareiros onde fervia o café, esbarrando imprudentemente contra rudes beduinos armados. Já por sobre a turba atirava, aos brados, o nome de Fradique — quando topei com elle olhando placidamente uma *almée* que dansava...

Mas seguiu logo, encolhendo os hombros. Nem me permittiu adiante admirar um lindo moço, um poeta, que, em meio de fellahs pasmados e de Moghrebinos arrimados ás lanças, lia, n'uma toada langorosa e triste, tiras de papel ensebado. A dansa e a poesia, dizia Fradique, as duas grandes artes orientaes, iam em lamentosa decadencia. N'uma e outra se tinham perdido as tradições do estylo puro. As *almées*, pervertidas pela influencia dos casinos do Ezbequieh onde se perneia o can-can — já polluiam a graça das velhas dansas arabes, atirando a perna pelos ares á moda vil de Marselha! E na Poesia triumphava a mesma banalidade, raiada de extravagancia. As fórmas delicadas do classicismo persa nem se respeitavam, nem quasi se conheciam; a fonte da imaginação seccára entre os musulmanos; e a pobre Poesia Oriental, tratando themas avelhados e gastos com uma emphase preciosa e burlesca, descambava, como a nossa, n'um *Parnasianismo* barbaro...

— De sorte, murmurei, que o Oriente...

— Está tão mediocre como o Occidente.

Recolhemos ao hotel, devagar, emquanto Fradique, findando o charuto, me dizia como hoje o espirito oriental vive sobretudo da actividade philosophica, agitado pelas novas e complicadas concepções da Moral, que sem cessar lhe offerecem os Logicos dos bazares e os Metaphysicos do deserto...

No dia seguinte acompanhei Fradique a Boulak, onde elle ia embarcar para o Alto Egypto. O seu *debarieh* esperava, amarrado á estacaria, rente das casas do Velho Cairo. O sol mergulhava nas areias libycas. No alto, o céo adormecia, sem uma sombra, sem uma nuvem, puro em toda a sua profundidade como a alma d'um justo. Pesadas barcas, vindas d'Assouan,

jaziam ao lado, carregadas de lentilhas e de mólhos de cana. Uma fila de mulheres coptas, com o esguio cantaro amarello pousado no hombro, descia para a agua do Nilo, bemdita entre todas as aguas. E os ibis, antes de recolher aos ninhos, vinham, como no tempo em que eram Deuses, roçar a beira dos eirados, espalhando com um bater d'azas a benção crepuscular sobre o coração dos humildes.

Baixei atraz de Fradique ao salão do *debarieh*, todo envidraçado, com divans fôfos de cretone escuro, armas penduradas para as manhãs de caça, rumas de livros para as séstas de estudo e de calma quando lentamente se navega á sirga. Depois, durante um momento, no convés, contemplámos silenciosamente aquella paizagem que tem sido a seducção de tantas raças, e para que têm alongado os olhos, cubiçosos ou pensativos, tantos Conquistadores, tantos Santos, tantos Sabios, através das compridas idades. Aqui, n'esta quieta margem, pararam como nós, olhando em silencio, enleados no encanto d'estas aguas, d'estes céos — Reis de Judá, Reis da Assyria, Reis da Persia; os Ptolomeus magnificos; Prefeitos de Roma e Prefeitos de Byzancio; Amrou enviado de Mahomet, S. Luiz enviado de Jesus; Alexandre-o-Grande, Cesar, Bonaparte sonhando o imperio do Oriente; e ainda os que vieram só para contar da terra adoravel, desde o loquaz Herodoto até ao primeiro Romantico, o homem pallido de grande *pose* que disse as dôres de «Réné». Bem conhecida é ella, a paizagem divina e sem igual. O Nilo corre. Para além serenamente verdejam os jardins de Rhodah. Mais longe as palmeiras de Giseh, finas e como de bronze sobre o claro ouro da tarde, abrigam aldeias pacificas. Á orla do deserto, erguem-se, no orgulho da sua eternidade, as tres Pyramides. Apenas isto — e para sempre a alma fica presa e lembrando, e para viver n'esta doçura e n'esta belleza os povos travam entre si longas guerras.

Mas a hora chegára: abracei Fradique com singular emoção. A véla fôra içada á briza suave que arrepiava a folhagem das mimosas. Á prôa o arraes, espalmando as mãos para o céo, clamou: — « Em nome de Allah que nos leve, clemente e mise-

rieordioso!» Ao redor, vozes lentas murmuraram: — « Em nome de Allah que vos leve! » Um dos remadores, sentado á borda, feriu as eordas do *dourbaka*, outro tomou uma flauta de barro. E assim, entre bençãos e eantos, a vasta barca fendeu as aguas sagradas, levando para Thebas o meu ineomparavel amigo.

Eça de Queiroz.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

III

A VILLA DO INFANTE

Por esta época, em 1418, D. Henrique era um homem de vinte e quatro annos, na plenitude da força que nos temperamentos espontaneamente activos desabrocha mais temporã. Alexandre morreu de trinta e tres annos.

Alto e corpulento, de largos e fortes membros, com a pelle tostada pelos sóes e ventanias, os cabellos negros, espessos, rijos e levantados, um bigode farto e negro tambem e duro, este infante não era bello: pelo contrario. Faltava-lhe na physionomia o encanto da bondade, sem o qual não ha formosura. A dureza do seu olhar era antipathica. Descendia directamente do pai, no qual se vira um exemplar acabado do temperamento energico e tenaz, sem poesia, sabendo alliar a violencia á astucia quando o proposito formado o reclamava para attingir um fim: do puro temperamento portuguez, ou beirão, que tem alguma coisa de taurino. A vontade predomina exclusivamente em homens d'estes, pouco dados á contemplação. Formado um pla-

[1] Continuado da pag. 156, numero do 1.º de agosto.

no, delineada uma vida, todas as energias animaes são escravisadas, e o homem torna-se o instrumento do proprio designio. Talvez por se achar retratado n'elle, D. João I dava a este filho uma estima tão preferente.

Faltava-lhe de todo, como ao seu irmão Affonso, o bastardo de Barcellos, aquella veia de sentimento germanico, legada por D. Philippa ao caracter dos outros infantes; aquelle indefinido mysticismo humano, que só em allemão tem palavra capaz de inteiramente o definir: o *gemuth*, mixto de sentimentalidade affectiva, de emoção melancolica, de serenidade d'animo contemplativa, de humorismo transcendente, em combinações infinitamente variaveis, e que desabrochando produziu as creações mais sublimes e tambem as mais extravagantes da imaginação poetica, n'um Shakespeare, n'um Gœthe, n'um Heine. D. Henrique era um peninsular hespanhol, affirmativo, duro, terminante, pratico em tudo: na acção energica, no mysticismo ardente, na habilidade astuta. Para levar por diante os seus planos, primeiro sacrificou á intriga, e depois chegou a ser cruel; e para não mentir aos seus votos, entendendo a religião ao pé da letra, ficou virgem toda a vida. Talvez d'ahi provenha tambem a deshumanidade que se lhe encontra no retrato.

A sympathia e a grandeza dos homens como foi o infante D. Henrique não está propriamente, pois, no caracter ou na individualidade: está na empreza a que se devotaram. E como o plano do infante era verdadeiro e fecundo, como a sua idéa de um Portugal novo, destacando-se da Hespanha e estendendo-se pelos confins de Marrocos, Africa em fóra, até limites indeterminados nas regiões desconhecidas do mundo, provou afinal ser uma realidade, devemos-lhe, nós portuguezes, uma segunda patria; e deve-lhe a civilisação europêa uma das suas tres ou quatro conquistas fundamentaes. É isto o que faz d'elle um heroe, na mais nobre accepção da palavra, apesar das sombras que por vezes lhe escurecem a vida, e de não se lhe encontrar belleza, nem o encanto humano que distinguem outros filhos de D. João I.

Casto e abstemio, soldado e sacerdote d'essa religião que

despontava, nas alvoradas da Renascença, abraçada ainda ás velhas crenças do christianismo medieval, a dureza ingenita do caracter do infante encontrava nas visões do seu plano um objecto e uma sancção tão profunda, que a sua alma, realistamente mystica á hespanhola, tinha allucinações, julgando proceder por mandados da divindade. Esta fé e esta inclinação do genio, que chegando á mania e tendo como objecto um fim sem utilidade real ou reconhecida, se chamam loucura, deviam concorrer para accentuar ainda mais o caracter reservado e agreste do infante.

Á primeira vista, o seu aspecto era temeroso, segundo dizem os que o trataram, e arrebatado em sanha, o semblante tornava-se-lhe muito esquivo. Nenhum homem, perseguido e dominado por uma idéa, tem meiguice, nem aquella impassibilidade intima que mais ou menos corresponde sempre á morte da energia, pela contemplação ou pelo scepticismo. Mas o infante não era expansivamente colerico, não tinha accessos, nem furias: era, pelo contrario, esquivo, isto é, reservado. Amodorrava, franzia a testa, empinava as sobrancelhas, e com a palavra mansa e o gesto comedido, mandava passear quem o desgostava: « Dou-vos a Deus, sejaes de boa ventura! »

Nunca foi avaro, e comprehende-se, porque a sua paixão era outra. A riqueza era-lhe apenas um instrumento ao serviço da sua idéa. Avarento é o homem que, fazendo-se centro do mundo, refere tudo a si; e o infante via as coisas d'um modo diametralmente opposto. O centro, o nucleo, o amago de tudo, estava n'esse plano a que se votaria a si proprio, sacrificando os seus, para exaltação da sua fé e da sua terra, para que germinasse, para que nascesse, florisse, e fructificasse a semente que trazia no pensamento envolvida tambem nas dobras da inconsciencia — porque nunca o infante sonhou os crueis resultados que á sua terra haviam de vir do glorioso sacrificio a que a votava, impondo-lhe a missão de descobrir o mundo, para que a humanidade tivesse, depois das illusões inebriantes, os desenganos finaes, e na garganta o travo amargo dos fructos paradisiacos da arvore da sciencia.

Não tinha a impassibilidade olympica: não podia ter esse condão dos apathicos. O seu temperamento fervia, mas como portador de uma idéa ardentemente crida, se o seu gesto era socegado e a sua palavra mansa, tambem o seu genio era constante nos casos adversos e alheio inteiramente á vaidade da gente debil. Modesto, como os fortes são sempre, por não carecerem de ostentação que os mantenha erectos, o infante era-o tambem por ser asceta. Casto e abstemio, como se disse, jejuava meio anno. Tinha uma vida interior absorvente que escusava as affirmações externas, essenciaes para o commum dos homens. Sem meiguice, nem encanto de especie alguma no aspecto, nem no genio, reservado, vagaroso no dizer, distrahido, quasi misanthropo, os contemporaneos levavam com acerto essa falta de qualidades agradaveis ao « senhorio que a freima havia em sua compleição, ou á emlição da sua vontade movida a algum certo fim aos homens não conhecido. »

Esse caracter fatidico e assustador vinha com effeito da *freima*, da chamma, que lhe devorava o peito, enleiando-lhe, não a vontade, mas sim as manifestações externas d'ella nas relações com os seus semelhantes. Trazia na alma um incendio e por isso mesmo o exterior era gelado: a chamma aspirava e consumia todas as parcellas de calor peripherico. Pelo que sabemos do genio dos povos remotos de Tyro, Sidonia e Carthago, o infante D. Henrique tinha em si o caracter de um phenicio; e marcando a Portugal o destino ulterior da sua vida, prenunciou tambem a physionomia que este povo ia apresentar nos seus actos collectivos e no genio dos seus grandes homens. Acaso formada com sementes de sangue africano, a arvore da população portugueza, em que decerto se enxertaram muitos ramos de origem punica, talvez désse no infante um fructo de longinqua ascendencia. Era o filho de um bastardo que nascera em entranhas populares, e se fizera homem e rei por um movimento da vontade espontanea de todo o povo portuguez.

A chamma interior em que ardia, devorando-o, fortalecia-o. É um engano rhetorico suppôr que a intensidade de um pensa-

mento, quando é fecundo, mata. O que destroe os homens é a apathia e a enervação. Na sua vida, o infante apresenta-nos um dos primeiros exemplares do asceta da sciencia. Consumia os dias, velava as noites, estudando, indagando, meditando, e não nas vagas congeminações mais ou menos phantasticas do theosopho ou do metaphysico, mas em volta da realidade positiva e pratica do mundo esboçado diante de seus olhos nos mappas rudes do tempo. Como um alchimista, queria extrahir d'essas folhas o segredo da terra. Não queria uma chimera. «E o corpo, assim obstinado, parecia que reformava outra natureza.» Não queria uma chimera, queria o que era possivel — e tão possivel que bastou um seculo para ser um facto.

Com o casamento do rei, fizera-se mais cosmopolita ainda a côrte portugueza que nunca fôra patrioticamente exclusiva, pois o sentimento da independencia affirmava-se bastante na hostilidade a Castella. Desde que a capital se ia fixando em Lisboa, já tornada um centro de commercio maritimo e uma estação de *desvairadas gentes*, como diz Fernão Lopes, Portugal, cuja primeira côrte fôra franceza, cuja côrte d'agora era inglezada, adquiria cada vez mais esse caracter de um paiz aberto, como foi Roma no Lacio, preparando-se tambem para se transformar, como se transformou o pequeno estado do Tibre, n'um imperio colonial.

A casa do infante, patente a quantos havia bons e valiosos no reino, era porém sobretudo o asylo dos estrangeiros que cooperavam com elle na sua empreza absorvente. Dava-lhes mais acolhimento ainda do que aos nacionaes; chamava-os, premiava-os, para que viessem iniciar-nos em todos os seus segredos e armar-nos com todos os recursos necessarios á missão que via desenhar-se no mappa immenso do mar desenrolado diante de Portugal. E n'esta religião ardente da sciencia, o infante incluia todos os povos, até os judeus, e todas as artes, até a medicina, que n'esses tempos era apanagio d'elles. Quando, em 1431, se reformou a Universidade de D. Diniz, por influencia e sob a direcção do infante, creou elle uma cadeira de medicina, destinando-lhe uma sala em que mandou pintar a

imagem de Galeno [1]. E como a Universidade « non tinha casas proprias em que lessem e fezessem seus autos, antes andava sempre por casas alheyas, e de aluguer, como cousa desabrigada, e desalojada », comprou e deu-lhe um predio na freguezia de S. Thomé de Lisboa. Em 1448 consignou o subsidio de doze marcos de prata annuaes, tirados das rendas da Madeira, para a cadeira de prima de theologia [2]. Por tudo isto, as gentes do nosso reino traziam em vocabulo que os grandes trabalhos d'este principe quebrantavam as altezas dos montes [3].

*

Assim que voltou de Ceuta, em 1518, tinha vinte e quatro annos, começou a realisar o seu plano. Obtivera informações ou noticias dos mouros de Marrocos áccrca das regiões austraes da Africa? Talvez; e sabe-se que a sua idéa desde logo consistiu em reconhecer a costa para o sul, por meio de expedições maritimas, ao mesmo tempo que as campanhas d'Africa, iniciadas em Ceuta com tão grande fortuna, iriam transferindo o imperio marroquino das mãos dos mouros para as dos portuguezes. Não consentira o pai que tomasse Gibraltar; nem lhe permittiria que se lançasse n'outra empreza aventurosa como a de Ceuta, porque estava já com os pés para a cova. Mas elle era moço, reservado e persistente. Esperava. As circumstancias mudariam.

Traçou portanto as linhas da segunda metade do pensamento que o absorvia. Foi pousar no Promontorio Sacro. Tinha comsigo dois escudeiros e as suas barcas, chegadas com elles de Ceuta. Ruminava uma idéa e viam-lhe esse parecer esquivo que afastava. Concentrado e meditativo, amadurecia o seu projecto. Até que um dia, levantando-se da cama, n'um impeto

[1] Max. Lemos, *A med. em Portugal; diss.* 1881, Porto.

[2] J. S. Ribeiro, *Hist. dos estabel. scientif. litt. e art. de Portugal,* I, 31.

[3] V. os traços elementares do retrato do infante em Azurara, *Conq. da Guiné,* IV. Barros (*Decad.* I, I, 16) apenas reproduz e amplifica.

de decisão terminante, mandou armar as barcas e aos escudeiros que partissem para o sul, ao longo da costa marroquina... Impressionada a gente com o arrebatamento violento do infante, attribuia-o a uma revelação milagrosa [1]. Queria saber que terras se escondiam para longe, encobertas no manto ceruleo das ondas, e que verdade havia no que ouvira ácerca dos arabes do deserto e dos reinos dos jolofos, perto da Guiné. Perdeu-se a barca na vastidão do mar, e as correntes, desviando-a das costas, as correntes e os ventos, lançaram-na contra uma ilha que chamaram Porto-Santo. Voltaram a dar conta do achado, instando com o infante para que a mandasse povoar [2].

Este resultado era imprevisto: não entrava nos seus planos, voltados para léste. Surgiam-lhe ilhas a oeste! É verdade que ouvira fallar d'essas ilhas do Atlantico em Ceuta, e das peregrinações de Xerif Aledris que ahi nascera por 1099, e, fugindo á perseguição do Mahdi fatimita, fôra parar á Sicilia, onde Rogerio-o-conquistador o acolhera, permittindo-lhe escrever em socego a sua geographia. Talvez até visse algum traslado d'esse livro e as obras posteriores de Masudi e Ibn Said, que tambem contavam como o mundo acabava nas sombras do Mar Tenebroso, desfeito em vapores e lodo liquido, para além da Nigricia, onde os arabes chegavam por terra em caravanas, indo os architectos de Granada dirigir obras em Timbocotu, sobre o Niger. Mais recentes, os geographos arabes do seculo XIV, Abulfeda e Albyruny, davam noticia da navegação da costa oriental d'Africa até Sofala; e Bakui, já da éra de 1403, e Ibn Fathima descreviam a costa occidental até Arguim [3]. Como terminava porém esse continente africano? alongava-se em cunha, ou abria-se em leque, para o interior dos mares do sul? Acabava o mundo, ou havia uma passagem?

Eis-ahi a razão das preoccupações do infante, que o traziam agreste e mal disposto. O achado da ilha de Porto-Santo, acaso

1 Barros, *Dec.* I, I, 2.

2 Azurara, *Conq. de Guiné*, CXXXIII.

3 Santarem, *Priorité des découv.*, etc.

identificada com as Fortunatas dos antigos, as modernas Canarias, confirmou-lhe a verdade da lenda de Xerif Aledris, na sua descripção de Lisboa, quando pinta a cidade antes de ser portugueza, assente ao norte do rio que os arabes chamavam Taga, o rio que vem desde Tolaitola (Toledo), abrindo-se em frente de Medina-Lisboa, n'um golfo de seis milhas de largura, onde entra o fluxo e refluxo das marés. Na margem fronteira do rio ficava o Castello-da-mina (Hisn-Almaden, Almada), assim chamado, porque nas praias depositava o Tejo muito ouro de Tibar, ouro puro em palhetas. Tambem nos reinos dos jolofos, pensava o infante, havia ouro, que o Tejo não produzia já; e esse ouro, tomando proporções phantasticas, allucinava-lhe a imaginação, como aos alchimistas dobrados anciosamente sobre fornos, cadinhos e retortas.

De Lisboa, conta Xerif Aledris, ou Edrisi, partiram os almogavarins, valentes do mar, em procura do segredo do oceano; e para memoria da viagem d'esses argonautas arabes, havia na cidade mourisca, proximo da Alhama-Darab, rua do Banho, a rua chamada dos Almogavarins. A lenda era esta:

Reuniram-se oito primos-irmãos e armando uma nau de carga juntaram n'ella mantimentos para muitos mezes, e sahiram a barra do Tejo levados por um léste fresco. Navegando onze dias com fortuna, chegaram a certo ponto do mar em que as aguas eram grossas, cheiravam mal, e havia fortes correntes. Começava a ser escuro como breu. Receando naufragar, rumaram para o sul; e depois de doze dias de viagem foram dar a Gezirah-Alganem, a Ilha-dos-gados, assim chamada pelos innumeros rebanhos que ahi andavam sem pastor. Aportaram, desembarcaram, encontrando uma fonte de agua crystallina que nascia á sombra d'uma figueira silvestre. Mataram algumas rezes, prepararam-nas, e, guardando as pelles, seguiram no rumo do sul, achando ao cabo de doze dias outra ilha com casas e campos lavrados. Desembarcaram; mas foram logo assaltados por gente armada com dardos que os prendeu e levou por mar a uma cidade, onde os homens eram vermelhos, altos, de cabellos compridos, mas raros, e as mulheres maravilhosamente formosas.

Tres dias os tiveram presos e ao quarto veio ter com elles um homem que fallava arabe, perguntando-lhes quem eram, d'onde vinham e a que vinham. Contaram-lhes a sua historia e o interprete do rei prometteu-lhes bom despacho. Ao outro dia foram á côrte, e o rei fez-lhes as mesmas perguntas do seu *trugiman* [1]. Dizendo elles que tinham partido com o desejo de saber a verdade das relações maravilhosas que corriam, o rei mandou, sorrindo, observar-lhes que já seu pai ordenára se reconhecesse este mar em toda a sua extensão; e assim foi, durante um mez, até que, faltando a luz, voltaram os mareantes sem proveito da viagem. Ordenou mais o rei ao seu trugiman que lhes désse segurança para regressarem a suas terras.

Esperaram no carcere pela volta da monção occidental, e quando chegou vendaram-lhes os olhos e embarcaram-nos, e ao cabo de tres dias e tres noites de navegação placida, deixaram-nos n'uma praia. Nasceu o sol, e elles, maltratados e cheios de afflicção, alegraram-se, parecendo-lhes ouvir vozes humanas. Gritaram em côro por soccorro, e acudiu-lhes com effeito gente que os desatou, porque estavam amarrados, e que fallava arabe. E um dos que chegaram perguntou-lhes: Sabeis quanto distaes da vossa terra? — Não; responderam elles. — Pois entre vós e a vossa terra ha o espaço de dois mezes. — Wasafy! ai dôr minha! exclamou o principal d'elles. E d'ahi ficou o chamar-se Asafy, que é Mersa, o logar, ultimo da costa do Almagreb [2]. Asafy ou Safy está na costa de Marrocos em 32° 20′; as Canarias, mais ao sul, entre 27° 30′ e 29° 40′. Porventura no seculo XI a occupação dos arabes não descia além d'este ponto no littoral do occidente africano...

Quando os escudeiros voltavam com o achado de Porto-Santo, chegava a Sagres João Gonçalves Zarco, fidalgo da casa

[1] Dragoman (drogman) em turco e persa: secretario, ministro, ou interprete do soberano.

[2] *Descrip. de España,* de Xerif Aledris; tr. por Conde. Madrid, 1799. V. sobre a lenda dos almogavarins, Hartmann, *Afr. Edrisi,* 317, 9; e Humboldt, *Exam. crit. de la géog. du nouv. contin.,* II, 139.

do infante, com o piloto João de Morales que trazia de Ceuta e contava, por seu turno, uma historia singular. Em 1416, havia quatro annos, morrera o Mestre de Calatrava D. Sancho, infante do Aragão, deixando em testamento uma grossa quantia para o resgate de captivos. Entre os remidos viera a Ceuta o piloto João de Morales e ahi conhecera João Gonçalves, a quem communicou a historia ou lenda de Roberto Machin, perdido na praia de uma ilha encoberta. Seria Porto-Santo? Pelos signaes não era. Partiu segunda expedição, acompanhando os da primeira, além de Zarco, Bartholomeu Perestrello. Os navegadores eram todos da *familia* do infante, que tivera de ir pessoalmente a Lisboa resolver o pai a permittir a viagem. Na côrte os pregoeiros d'estas novas eram tidos como visionarios e recebidos com escarneos.

Partiu a segunda expedição e chegando a Porto-Santo, ao observarem o horisonte, para o sul, viam um nevoeiro constante a assignalar a existencia de terra. Mas alguns, assustados, diziam com pavor que era a ilha de Cipango por mysterio de Deus encoberta, onde os bispos e o povo de Hespanha se asylaram, fugindo aos sarracenos. O mar estava coalhado de lendas, flocos de espuma da imaginação creadora, que agora o vento fresco da vontade ia desmanchando successivamente em fumo... Era peccado manifesto, contra a Providencia, querer desvendar o que Deus encobrira! Mas Zarco, outro phenicio como D. Henrique, ou curioso celta indagador como foi depois D. João de Castro, arrostou com o medo, metteu-se no varinel, e largou.

A nevoa cahia sobre a agua espessamente. Seria esse o mar tenebroso dos almogavarins de Lisboa? Terra não se via, mas ouvia-se tragica a arrebentação do mar. O varinel seguia no meio da nuvem, desflorando as aguas que se abriam espadanando. Cada vez o rugido das ondas era mais distincto: echoava nas sombras em trovões medonhos, reboando e subindo ameaçadores. Já se desenhavam como gigantes ou monstros, as penedias da costa, destacando-se mais negras no negrume da nevoa. Os marinheiros, brancos, benziam-se, n'uma agonia. Todo

o ar lufava medos... De repente viram diante de si estendido um tapete verde d'agua clara, e levantando os olhos, um amphitheatro de montes deslumbrantes [1]. Era a praia, era uma bahia, era a Madeira, esse paraiso, que emergia do mar, vestida de mattas, engrinaldada de flôres, ondina encerrada n'uma camara de nuvens que a vontade audaz d'um marinheiro descerrára.

Perestrello veio a Lisboa dar conta do achado, Zarco ficou; o infante repartiu entre os dois o governo da ilha. Esses primeiros filhos do seu consorcio mystico com o Mar, enchendo-o de enthusiasmo, não o desviavam porém do proposito de saber como acabava a Africa e de ganhar para Portugal o imperio de uma das partes do mundo. Com ella avassallaria o resto! O desvairamento da monarchia universal, folhas sêccas trazidas pelo vento morno da Historia desde os tempos longinquos dos romanos, devia, nos vagos horisontes da imaginação, surgir de um modo remoto ao pensamento do infante; mas como era um espirito positivo e pratico, nem se deixava arrebatar por chimeras, nem pelos sonhos azues da phantasia celtica. As ilhas do mar, encantadas, não o attrahiam como sereias que eram. Da sua torre, no Promontorio Sacro, quasi que via Ceuta, Tanger, Alcacer, as praças de Marrocos, o seu imperio, e, para o sul, ir descendo ao longo do mar a costa, sua esperança.

*

Estava ahi o infante como embarcado. Dobrado o cabo de S. Vicente, a costa retrae-se correndo na direcção oeste-léste durante uns quatro kilometros; depois irrompe em angulo recto sobre o mar, para o sul, e fórma a peninsula escolhida por D. Henrique para o seu estabelecimento. É uma pequena lingua de terra, de superficie penhascosa, sem outra vegetação mais do que uns zimbros enfezados medrando na areia solta. Conta no

[1] F. Manoel de Mello, *Epanaph.* III; Azurara, *Conq. de Guiné,* LXXXIII.

seu comprimento um kilometro e na maxima largura meio. De léste fica a enseada semi-circular, limitada do lado opposto por outro morro, que principia a costa em direcção a Lagos. A abertura da enseada medirá tambem um kilometro. É um pequenino porto, ninho maritimo, que foi d'aguias ou gaviões do mar. D'ahi ensaiaram um vôo, ao depois estendido por todos os cêos do mundo, essas aves de larga envergadura, que nas azas brancas levavam mareada a vermelho de sangue a cruz de Christo, brazão de Portugal.

Voltada em frente contra Marrocos, como um dardo a investir, a peninsula recebia em cheio as lufadas do sul, que, vindo d'Africa, trazem comsigo a propria areia adusta do deserto. Mais de um grão dos que o infante pisava nos seus passeios sombriamente agitados, como na tolda d'uma nau em horas de temporal, viera do Saharà arrebatado nas azas do simún, encapellando as ondas que se lhe despedaçavam aos pés. Estava alli como a bordo. Tinha á prôa o mar e a Africa; a bombordo para léste o mar, a enseada; a estibordo para oeste o mar ainda, na vastidão immensa do Atlantico. Só á popa, esquecida, segura por uma amarra ao massiço da terra, a nau do infante se prendia a Portugal, balouçando-se destacada do sólo e da gente portugueza, como o seu pensamento ondeante em longinquos planos, arrebatado pela visão d'uma patria abstracta, estendida n'um velario azul sobre o mundo inteiro.

Foi n'esta lingua de terra, ultima garra adunca do leão portuguez que, estendido de norte a sul ao longo da praia occidental da Hespanha, dormia com a mão avançada sobre o mar d'Africa: a bordo d'esta nau, foi que o infante decidiu fundar a sua Terça-naval, assim que a empreza de Ceuta ficou rematada. Mas que era a Terça-naval, ou nabal, como escrevem os chronistas coevos? que era essa installação depois chamada Villa do Infante, e sua thebaida á volta da aventura desgraçada de Tanger? que eram, quando em pé, as ruinas a que agora chamamos Sagres?... Tambem o imperio gerado pelo infante se desmoronou, ficando como a sua villa!

A principio, o estabelecimento do cabo de S. Vicente não

passava de um pequeno porto de abrigo para as barcas e varineis que a medo largavam a reconhecer a costa d'Africa, fronteira. D'estes primeiros ensaios veio, como vimos, a descoberta do archipelago da Madeira (1418-20). D. Henrique installou-se na peninsula e abriu ahi escóla de nautica e cartographia. D. Pedro, de volta das suas viagens (1428), augmentára a bibliotheca do irmão, com o livro de Marco Polo veneziano, os mappas de Valseca [1] e as obras de Jorge Purbach, que em Vienna ensinou o celebre João Muller, de Königsberg, por isso chamado Regiomontano, ou de Monte Regio, auctor do tratado do *Triangulo*, traductor do *Almagesto* de Ptolomeu, livros que tanta influencia tiveram depois na cosmographia nacional. Contratára o infante em Mayorca mestre Jayme, cartographo e constructor dos rudes instrumentos nauticos do tempo, e nas cartas de marcar do mayorquino se iam dia a dia registando as observações feitas durante as viagens que se repetiam constantemente. O livro de Marco Polo e os mappas de Veneza, foram para o infante uma revelação que a sua fé abraçou com enthusiasmo. A geographia antiga de Ptolomeu, sobre que os arabes tinham construido a rede aerea das suas lendas, cahia por terra diante do testemunho ocular do viajante, que em mais de vinte annos de viagens na Asia, penetrára até á China, descrevendo o Cathay (nome com que no Oriente é ainda conhecido o imperio) atravessado por elle desde Pekim até ás provin-

[1] Com o livro de Marco Polo trouxe o infante D. Pedro de Veneza um mappa-mundi, onde os ultimos resultados da geographia estavam registrados. Tinha delineado todo o ambito da terra, e estava indicado o cabo da Africa, depois chamado das Tormentas ou da Boa Esperança; embora não se achasse localisada, nem delineada com exactidão, a «Fronteira d'Africa» (assim se denominava) excluia já a idéa arabe, affirmando a existencia d'uma passagem maritima para o Oriente. Viram ainda este mappa, Antonio Galvão, o *Apostolo das Molucas* (15..-1557), auctor do *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos, etc.* (Lisboa, 1563) e o dr. Gaspar Fructuoso (1522-1591) que no seu livro das *Saudades da terra*, até hoje inedito, compendiou a historia do descobrimento dos Açores (V. Cordeiro, *Hist. ins.* II, 2); viram e descrevem-no conforme se deixa dito. — Cf. Santos, *Mem. sobre dois antigos mappas, etc.*, nas *Mem. de Litt.* da Academia, VIII, 275 a 301.

*

cias do extremo sul. Visitando muitos pontos do Indostão, Marco Polo revelava a existencia dos reinos de Bengala e Guzerate, descrevendo as suas riquezas e poderio. Tinha navegado no oceano indico, recolhendo informações sobre Zipangri ou Cipango, que provavelmente era o Japão; tinha estado em Java e em outras ilhas da Sunda, em Ceylão e na costa do Malabar, até ao golfo de Cambaya, indicando os nomes actuaes das suas terras. O mysterio do Oriente estava desvendado por esse livro revelador, ao mesmo tempo que os novos mappas attestavam, como o acreditava a fé viva de D. Henrique, a passagem que devia haver pelo sul da Africa.

Nem por isso elle descurava, comtudo, a pescaria milagrosa dos archipelagos atlanticos.

Em 1405 abandonára João de Bethencourt as Canarias de que fôra rei [1], e, descoberta a Madeira, o infante queria tomar posse d'esse outro archipelago, preparando em 1424 uma frota com dois mil e quinhentos homens para as ir conquistar [2]. Sobrevieram porém complicações do lado de Castella, e D. João I não consentiu, para evitar conflictos ao fim da sua vida longa e afortunada.

Entretanto, o estabelecimento do Cabo de S. Vicente ia tomando corpo. Havia uma escóla, um porto e um pequeno forte. Construiam-se as igrejas de Santa Maria e de Santa Catharina, padroeira dos navegantes [3]. Na enseada fundeavam esses navios redondos, pequenos, chamados caravellas, que no dizer de Cadamosto, o veneziano, tambem contratado pelo infante, eram os melhores navios de vela que andavam sobre o mar [4]. Mais fina, mais rapida, mais obediente á manobra do

[1] *Hist. de la prèm. descouverte et conqueste des Canaries, faite dès l'an 1402, etc.* Paris, 1630.

[2] Azurara, *Conq. de Guiné*, LXXIX.

[3] « *Item:* estabeleci e ordenei a igreja de Santa Caterina que estaa fora da villa do Iffante. E a capella de santa Maria que estaa dentro em a dita villa. » — Test. do inf. D. Henrique, na *Coll. mss. de Pedro Alvares*, III; publ. pelo m. de Sousa, na sua *Primeira confer. etc.*

[4] *Navegações de Cadam.* na *Coll. de Not.* da Acad. II, 3.

que as naus boiantes, a caravella, de que as faluas do Tejo nos conservam ainda o typo inicial, era a gaivota dos bandos alados que largavam das costas portuguezas pairando sobre os mares. Ligeira e docil, insinuava o seu vôo por todos os recessos das costas, roçava ao de leve pelas praias, e partia para o largo, batendo as azas, fugindo rapida como uma setta.

De vinte a trinta metros de comprido, com seis ou oito de boca, a caravella, de tres mastros, sem cestos de gavea nem vergas transversaes, armava latinos em longas vergas obliquas pendendo suspensas d'uma alça presa no tope dos mastros. Eram como braços de azas que, abertas as velas triangulares, roçavam a base pela amurada, inclinadas no ar as pontas á feição do vento. Corriam com todo elle, girando á sua mercê. Se batia de lado, bolinavam em direitura como se fossem arrazadas em pôpa, e quando queriam mudar bastava cambar as velas, como fazem as aves com as azas [1].

Na enseada fundeavam os navios, na praia arrumavam-se os armamentos e equipações. Era um arsenal? Tambem era: assim o infante lhe chamára terça, ou tercena, do veneziano *darcena*, que não significava outra coisa [2]. Era um arsenal, um forte e uma escóla nautica, installada n'aquelle ponto «onde combatem ambollos mares, scilicet, o grande mar Oceano com o mar Mediterraneo» [3]. Vindo das aguas interiores, o phenicio levantára em Gades as columnas de Melkart ou Hercules, para marcar o fim do mundo; e os phenicios d'agora erguiam ao lado, n'um promontorio mais distante, uma esculca ou vigia para desmentir os antigos, affirmando que, em vez de terminar, o mundo, através dos mares, alli começava — n'esse ninho d'aguias onde ensaiaram o vôo de tantas viagens e de tão dilatadas aventuras!

[1] Osorio, *Vida e feitos d'elrei D. Manoel* (tr. F. M. do Nascimento) I, 193; e o snr. Candido Corrêa, no seu *Catalogo official* da expos. naval (1888) onde se acha o fac-simile de uma caravella.

[2] Goes, *Chron. do Pr. D. João*, IV.

[3] Azurara, *Conq. de Guiné*, V.

Esta proximidade de Cadix fôra intencional no espirito de D. Henrique, por ter o pensamento em Africa, e depois que o pai lhe não permittira tomar para si Gibraltar. Consentira em que chamassem Villa do Infante á povoação que ia crescendo, e esperava que ella se tornasse uma estação de refresco para toda a navegação do Levante, que alli, como em Cadix, acharia mantimento e pilotos. O seu proposito firme, a sua idéa fixa, era chamar a Portugal o commercio do Oriente, que tirára a Ceuta, e que ainda não viera, como depois veio, a Lisboa. Evidentemente pensava em transferir Ceuta para a margem fronteira do Estreito. Quando a villa ia ainda em principio, entrou em tratos com os genovezes para estabelecerem ahi uma colonia, com franquia do commercio, como as feitorias de Caffa, Smirna [1] e outras, plantadas pelos italianos nas terras do turco, lá para o fundo do Mediterraneo.

Porém a curta distancia de Lisboa prejudicava a Villa do Infante, que tambem tinha ao pé, em Lagos, uma bahia concorrente. Lagos tornou-se em breve o centro das navegações africanas, e mais tarde Lisboa chamou a si o emporio do commercio ultramarino. A sua Villa foi para D. Henrique apenas uma thebaida de mysticismo activo em que, depois de acalmar o fervor dos enthusiasmos luminosos que succederam a Ceuta, engoliu as lagrimas ardentes do erro fatal de Tanger, combatendo da mesma fórma os impulsos e os desanimos, a fortuna e a miseria, com a disciplina igual e sempre efficaz, do trabalho que é a melhor das preces, e do estudo que é a mais fecunda contemplação.

Começada a Tercena talvez logo em 1518, mais de trinta annos depois, e sete antes da morte de D. Henrique, quando em 1453 Azurara lhe contava os feitos [2], ainda a villa não ti-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, v.

[2] Gomes Eannes de Azurara foi nomeado guarda-mór da Torre do Tombo em 1454; no anno precedente concluira a *Chronica da Conquista de Guiné* — V. Innocencio F. da Silva, *Dicc. bibliogr.*

[3] Arurara, *Conq. de Guiné*, v.

nha mais do que os muros que eram de boa fortaleza, com algumas poucas de casas; «mas obrava-se n'ella continuamente». Que importa? Em 1460 morreu o infante, e a villa apenas esboçada, tombou em ruinas ao abandono. É que tambem se abandonava o largo e fecundo pensamento, só mais tarde restaurado por D. João II. N'um intervallo de vinte ou trinta annos, Portugal, na mão de Affonso V, com a energia estouvada d'esse principe, apenas seguiu dos planos de D. Henrique a primeira metade: conquistar Marrocos. Mas se essa politica era apenas o primeiro acto no grande drama da conquista do mundo desconhecido!

A Villa do Infante cahiu em ruinas; porém o seu plano, germinado no seio d'esse ninho maritimo, resurgiu, e soube-se afinal, em 1498, como acabava a Africa, onde ficavam as Indias e o dourado reino do Preste Joham. A Tercena voltou a chamar-se Sacrum, Sagres, como hoje se diz, tanto é verdade que só dura aquillo que, por debaixo dos planos mais ou menos ephemeros dos heroes, se enraiza na tradição obscura, innominada, do pristino bruxulear dos povos. Sacrum chamavam em latim ao promontorio onde velhas gentes vindas das margens do Ana, celtas ao que diziam, tinham n'outras éras levantado um templo. E foi esse o nome que ficou.

Derrocaram-se os muros, cahiram as casas, dispersaram-se os mappas, bateram azas as caravellas e as galés como cysnes partiram remando. Ficou só, deserto, sagrado, como fôra antes, o promontorio diante do qual as armadas n'outro tempo abatiam velas, e onde a lenda mystica do christianismo poz o naufragio da nau que trazia o cadaver de S. Vicente guardado por corvos. Mas se a ruina do templo dos celtas sagrára o cabo, se o naufragio lhe abençoou a tradição pagã, mais sagrado e venerando o tornam as ruinas posteriores da Villa do Infante, berço da nossa epopêa historica.

*

A reacção que se declarou em 1460, quando o infante morreu, trazia fundas raizes. Não se muda assim o temperamento historico d'um povo até alli rural. A aventura de Ceuta fôra tomada como o capricho desculpavel e sem consequencias de um rei querido e dos filhos que elle e Portugal inteiro adoravam. Mas um capricho não se repete; em aventuras não se prosegue, pondo em perigo o socego e a fortuna da nação. O plano classico de trocar o arado pelo remo não quadrava a este povo bisonho de lavradores. A situação era absolutamente identica á do Lacio, quando o grande Scipião lançou Roma no caminho das conquistas, apesar dos protestos, apesar dos estorvos, apesar de tudo quanto Catão fez e disse, acclamado por um povo de pequenos lavradores, com os seus juizos terra-a-terra, as suas opiniões rasteiras, os seus preconceitos, é verdade, mas tambem com o seu solido bom-senso, a defender a preferencia do bem-estar humilde sobre a gloria que é sempre origem de catastrophes. Eternamente os homens hão de debater este problema fundamental da vida pratica, retratado por Cervantes nos seus typos immortaes de Quixote e Sancho.

Terras e maninhos ha no reino para romper e aproveitar, diziam logo do principio, sem perigo do mar, nem despezas desordenadas. Os reis passados d'este reino, sempre dos reinos alheios para o seu trouxeram gente a fazer novas povoações; e elle, o infante, queria levar os naturaes portuguezes a povoar terras ermas, por tantos perigos de mar, de fome e de sêde, como vêmos que passam os que lá vão. Certo que outros exemplos lhe déra seu pai, pouco havia, quando fizera doação a Lamberto d'Orches dos maninhos de Lavra, junto a Coruche, para que os rompesse e povoasse, com obrigação de trazer a elle moradores estrangeiros, de Allemanha [1]. Assim faziam os reis antigos. Assim Guilherme e Roberto de la Corne tinham povoado Atouguia-dos-francos, e a Lourinhã fôra doada a um Jourdan, e a Azambuja povoada por Childe Rolim, e Villa Verde por D. Alardo, e Alcaede, e Almada, e depois Villa

[1] Barros, *Dec.* I, I, 4.

Franca e Montalvo de Sor, para onde Sancho I mandára vir gente da Flandres.

A insistencia do infante em mandar navios para o sul tomava-se como uma perfeita loucura, pois o parecer corrente era ainda o dos arabes, de que o mar acabava n'um charco de lodo, consumido pelo calor de fogo, agonisando largamente em baixios aparcellados de recifes e sorvedouros. Era esta a opinião de muitos mareantes que voltavam aterrados das primeiras investidas contra o cabo Bojador. Os murmurios cresciam, e considerava-se uma rematada insensatez essa teima contra uma impossibilidade manifesta e «tão estreita, pela qual julgavam que nunca podiam vir a fim.» Mas, logo que se começaram a vêr os primeiros resultados da colonisação da Madeira, ao mesmo tempo que Gil Eannes voltava afinal, depois de ter dobrado o terrivel cabo, com a noticia de que o mar não terminava alli (1434); assim que as gentes iam e vinham da Madeira em muito maior abundancia, iam-se já calando os maldizentes e com vozes baixas começavam a louvar o que antes publicamente detestavam [1].

D. João I morrera, e n'esse proprio anno (1433) o rei D. Duarte doava ao irmão «em todolos dias da sua vida as nossas ilhas, convem a saber, a ilha da Madeira, Porto Santo e Deserta, com todolos direitos e rendas d'ellas, assim como as nós de direito havemos e devemos de haver, com sua jurisdicção civel e crime, salvo em sentença de morte ou talhamento de membros, etc.» [2] A colonisação da Madeira progredia de um modo brilhante. Em 1445, vinte e cinco annos depois da descoberta, Cadamosto que a visitou, encontrou lá quatro povoações: Machico, Santa-Cruz, Funchal e Camara de Lobos, com oitocentos habitantes, nos quaes cem *de cavallo*. As lavouras que a principio chegavam a dar sessenta sementes, davam ainda trinta e quarenta. As plantas de canna de assu-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XVIII.

[2] V. a Carta de doação, em Sousa, *Hist. geneal. Provas*, I, 442. Cintra, 26 de setembro de 1433.

car e vinha que o infante para lá mandára, propagavam e produziam admiravelmente. A Madeira já rendia quatrocentos cantaros venezianos de assucar, que são quatrocentos e sessenta e oito quintaes. O cedro e o teixo das mattas infinitas da ilha, a que tinham dado o nome, eram as preferidas para o córte. Havia numerosos engenhos de serrar. A terra era um jardim, a gente achava-se rica e feliz: já tinham um convento de frades [1].

Os sonhos e as esperanças do infante no seu observatorio de Sagres iam-se realisando. Via surgir do mar uma terra sua, povoada, arroteada e plantada por sua arte, com lavras exoticas e novas. Via levantar-se do lado d'Africa o tremendo cabo já despido dos seus mysterios e terrores. O mar não acabava alli, não! a estrada era franca, o caminho patente ao longo da costa para os reinos obscuros dos jolofos. Incapaz de alegrias infantis, a sua face arrugava-se com o exito, medindo o alcance do que havia a consummar e não o valor do que estava feito. Ganhava esforço com o caminho andado. E assim como os seus mareantes iam marcando a passagem ao longo da costa africana, levantando cruzes de madeira, signaes symbolicos de suzerania (que D. João II mandou ao depois substituir por padrões de pedra [2]), assim no seu espirito insaciavel cada passo andado ficava impresso como um vaticinio.

Morrera o pai com setenta e sete annos. Não é natural que o infante lhe chorasse muito o passamento. A doçura e as impressões suaves da saudade não commoviam o seu genio duro, temperado como aço na chamma de um designio. D. João I estava já velho de mais para comprehender o alcance dos seus projectos e abalançar-se á aventura dos seus planos. Impedira-o de conquistar Gibraltar; não o deixára ir tomar conta das Canarias. Sem a gente e os seus recursos proprios e da ordem de Christo, cujo Mestre era, não se te-

[1] *Nareg. de Cadam.* 9 a 11; Azurara, *Conq. de Guiné*, LXXXIII.

[2] Barros, *Dec.* I, III, 3.

ria feito o pouco que se fizera. E podia-se ter já na mão Tanger, Alcacer, Azamor, Arzilla: toda a costa de Marrocos! Desesperava-se por não quererem vêr o alcance da tomada de Ceuta, e considerarem esse feito apenas como uma façanha de cavallaria. A cavallaria d'agora era outra, completamente diversa! Forte empreza, a tomada de Ceuta! quando cumpria descobrir o mundo. E afigurava-se-lhe tão facil, tão simples! Parecia incrivel que não entrasse pelos olhos de toda a gente a illuminação que lhe enchia o cerebro de relampagos e auroras deslumbrantes. Ceuta fôra nada, um instante: oito victimas só...

E agora que o irmão, bom, passivo, docil, estava no throno, elle tyrannisava-o para que não fizesse como o pai, dando ouvidos aos conselhos da gente sem fé na sua estrella e no magnifico futuro que via abrir-se a Portugal. Ruminava já o plano de Tanger? Provavelmente. Em todo o caso, qualquer que fosse o ponto escolhido, estava decidido a empenhar tudo para que o novo reinado entrasse abertamente na empreza da conquista de Marrocos, parallela do progresso das navegações austraes.

Oliveira Martins.

Á memoria do insigne historiador e poeta portuguez

ALEXANDRE HERCULANO [1]

POEMA DE GASPAR NÚÑEZ DE ARCE

VERSÃO DO CASTELHANO POR FERNANDO LEAL

Se é verdade que a mágoa compartida
Chega a calmar-se, porque o pranto alheio
É para o triste um bálsamo de vida;

E se é verdade que um afflicto seio,
Quando encontra piedade e brando abrigo,
Palpita já com mitigado anceio;

Permitte, oh Portugal! que um povo amigo,
Diante do sepulchro de Herculano,
Em prova d'affeição chore comtigo.

A morte, causa d'esse immenso damno,
Nunca póde eclipsar a eterna gloria
Do mais insigne genio lusitano.

[1] Com esta traducção dos versos de Núñes de Arce, um dos mais lidos escriptores da Hespanha, começamos, na nossa REVISTA, uma série dos poetas estrangeiros mais queridos e considerados nas suas respectivas nações.

Lançou jorros de luz na patria historia;
Enalteceu a santa poesia;
E aos tempos imporá sua memoria.

Cantor de vigorosa fantasia,
Inspirado pulsou a *Harpa do Crente;*
E a liberdade, — quem não ama o dia?! —

Amou-a; ao mêdo não dobrou a frente,
Nem a lisonja vil manchou seu labio;
Tratou fracos e fortes, nobremente;

Em honra da verdade, — e o clero sabe-o! —
Combateu os assaltos da mentira
Com mão d'artista e convicção de sabio.

Energico e tenaz, sem odio ou ira,
Lutou em pró d'uma sagrada ideia
Com a voz, com a penna e com a lyra.

Farto de lutas, procurou na aldeia
A dôce paz, esse rural encanto
De quem tranquillo o patrio chão grangeia;

E hoje, em rustico e pobre campo santo,
Seus restos guarda honrada sepultura
Que o povo portuguez rega com pranto.

Feliz a alma que ao romper a escura
Prisão, de eternos louros coroada,
Volve ao seio de Deus intacta e pura!

Sirva de exemplo á nossa era minguada,
Em que mais de um engenho peregrino
No lodaçal do mundo se degrada;

E, contrariando o immortal destino,
Como rameira sem pudor, offerece
Ao exito brutal o estro divino.

Ah! grande póde ser, mas não merece
Louvor e inveja o pensamento humano
Que se humilha, e se arrasta, e se envilece.

Quem o condor audaz, que o soberano
Vôo remonta, comparar poderia
Com o reptil immundo ou o gusano?

Oh religião da arte! oh Poesia!
Oh communhão das almas, quando levas
A paz, o bem, mais a razão por guia!

Quando contra a infamia te sublevas,
E erguendo o vôo sem que a tua aza trema,
Ao principio da eterna luz te elevas!

Pousa em terra, e em signal de magua extrema
Ante essa pobre tumba deposita
A fé no Céo, a tua flôr suprema,

Que nunca murcha, e ao fogo nem crepita;
Dá-lh'a, a quem só, porém não olvidado,
Sereno dorme ao pé da cruz bemdita;

A quem foi, por teu númen excitado,
De inspiração manancial fecundo
E teu apostolo e tenaz soldado.

Rompe o silencio lobrego e profundo
Que cerca o pó desaggregado e frio
De quem no cérebro continha um mundo.

Ah! esse mundo estéril e sombrio
Já o não animam sonhos d'esta vida;
Já o não animam, porque está vasio!

Porém bastam-lhe á fama eselarecida
As creações sublimes do poeta,
Onde a grande alma nos deixou esculpida.

Que bem nos pinta a inquietação secreta
Do padre, victima do mysticismo,
Lutando contra si como um athleta!

Que a um tempo luta e ama com heroismo,
E vê rolar sem gloria nem esperança
Patria e virtude para o mesmo abysmo!

Quando, espalhando o odio e a matança,
A mourisma feroz passa o Estreito
E, qual torrente caudalosa, avança

Contra o imperio góthico desfeito,
A paixão insensata com que esgrime,
Com sacrilego ardor lhe abraza o peito.

E chora, e treme, e estorce-se no crime,
E emfim, á custa só da inutil vida,
De seus perpetuos votos se redime.

Cahiu honrosamente! Essa ferida
Antecipou-lhe o fim; porém levava
A morte nas entranhas escondida.

Ah! em qual coração, uivante e brava,
Não estala em horas d'intimo duello
A rebeldia da materia escrava?

Quem é que alguma vez, com fundo anhelo,
Do impossivel não soffre a sêde aneiosa?
Quem não escalou o Céo n'um sonho bello?

Surge depois a imagem luminosa
D'Affonso, o architecto, que na extrema
Cegueira, e velho, ainda não repousa.

Indigitou-o a decisão suprema
Para lavrar maravilhoso templo,
E é forçoso que finde o seu poema.

De tão viril constancia ante o exemplo,
Com quanta angustia, d'esta era presente
A vergonhosa indecisão contemplo!

Incredula, mordaz, indifferente,
Lida sem fé, sem convicção se agita,
Nem sabe formular isso que sente.

Ou com surdo fragor se precipita,
Como as aguas do monte, ou assustada
As cadeias do escravo solicita.

Marcha rebelde ou serva na jornada,
E mais que ao rogo, ao látego obedece,
Ah! quando não vencida, fatigada.

Ante esta geração que desfallece,
D'esse inspirado artista a alta figura,
Quão excelsa a meus olhos resplandece!

Cheio de genio, edificar procura
Abobada alta e extensa, — uma epopeia! —
Pasmo e terror da geração futura.

Acariciando a sua audaz ideia,
Como extremoso pae, com tranquilla
Vontade, a alma lhe dá, de sonhos cheia.

O povo pasma, treme e se horripila
Ao comprehender o temerario empenho,
E instantes ha em que elle até vacilla.

— Não seria, talvez, esse desenho
De tão audaz e portentosa nave
A concepção de um visionario engenho?

Acerta? Ou equivoca-se? Quem sabe! —
Taes os juizos, calculos e assombros.
Elle, porém, decide, calmo e grave,

Enterrar a vergonha nos escombros,
E, se decreta Deus a infausta ruina,
Recebel-a impertérrito em seus hombros.

Ditoso cego a quem a fé illumina!
Ardido luta na atrevida empresa,
E a portentosa fabrica termina.

Finalmente, desmancha-se a represa
De cimbres e pilares; logo o espanto
Em todos é maior do que a surpresa.

Ficou deserto o templo sacrosanto,
E o nobre velho em extase, em anceio,
Com seus olhos sem luz, mas não sem pranto,

Sósinho, orando no intimo do seio,
Viveu esperando até o terceiro dia
A catastrophe horrenda, que não veio.

E a milagrosa nave alli se via,
Firme como granitica montanha
Que a colera dos tempos desafia.

Oh velho illustre, a tua audaz façanha,
Do pertinaz labor a que se entrega
A mente humana, o symbolismo entranha!

Cançada embora do trabalho, e cega,
Obedecendo ás normas que a dirigem,
Sem cessar edifica, e não socega.

Doceis á sua voz, desde a origem
Os povos com ruidosa indecisão
Á sua gloria o monumento erigem.

Teme ás vezes a ignara multidão
Que venha a terra o vasto monumento,
Cedendo ao peso da edificação;

Mas o sereno e audaz entendimento
Bem sabe que em seus eixos de diamante
Seguro vae girando o firmamento.

Não tombará, porque o varão constante
Desterre o mêdo, e com afan profundo
Nas azas da sciencia se levante.

Ah! se houvesse cedido ao infecundo
Pavor que as nossas almas encadeia,
Colombo não houvera achado um mundo.

A dúvida os bons impetos refreia,
Cava um profundo leito ao egoismo,
E só constroe na movediça areia.

Mas é arduo fugir ao sceptieismo!
Eu, que o seu mal deploro, as horas passo
Duvidoso entre os céos e entre o abysmo.

Ferido a um tempo do fulgor escasso
De um moribundo sol, que lentamente
Nas sombras cae do occidental espaço,

Como da tibia aurora que no Oriente
Começa a despontar, tambem vacillo,
E apenas sei onde pousar a frente.

Ah! Quem póde com animo tranquillo
Dar a ultima e triste despedida
Ao dôce lar que lhe serviu d'asylo!

Mas basta já de indecisão! A vida
Vae medrando ao calor d'outras ideias,
Que nos mostram a terra promettida,

E em eidades, e em campos, e em aldeias,
Retumba um eôro universal que canta:
— Bemdita, oh luz d'aurora, que semeias!

O teu fulgor, que os orbes abrilhanta,
Sómente á negra noite, engendradora
De monstros e de crimes, é que espanta. —

Ah! quem podesse, aos raios d'essa aurora,
Os sêres convocar que de Herculano
Forjou a fantasia sonhadora!

Mas não abrigo o pensamento insano
De animar as figuras colossaes
Que cinzelou; de tanto não me ufano.

As mysticas angustias, as mortaes
Ancias, os rancorosos extravios
Que descreve, pathetieos e reaes,

Trasbordariam de meus versos frios,
Se contel-os alli eu intentára,
Como dos leitos os inchados rios.

Mas não sómente na região, que, avara,
As fieções ou as fabulas encerra,
Abriu caminho essa razão preclara.

Como raio de sol que se soterra
Por occultos resquicios, e illumina
Os concavos reconditos da terra,

Negras crateras, a profunda mina
E a gruta dos abrolhos resguardada,
Que não conhece já fauce tigrina,

Sua vista sagaz, exercitada,
Mergulhou fulgurando nos escuros
E fundos penetraes da era passada.

E decifrando, nos ciclopeos muros
De tão lobregos antros, os incertos
Signos, para alcançar dados seguros,

Buscava, nos sepulchros entre-abertos
Do remoto preterito, a memoria
Quasi gasta dos tempos encobertos.

Se quando, atormentado pela gloria,
Com levantado espirito escrevia
Do povo portuguez a heroica historia,

A fanatica e torpe hypocrisia,
De luz medrosa, não houvesse roto
Sua aurea penna, onde irradiava o dia,

Se em meio do frenetico alvoroto
De invejosas calumnias, não tivera
Feito de emmudecer solemne voto,

O monumento que com fé sincera
Á patria quiz erguer seu erudito
E vasto engenho, perduravel era.

Fôra como essas moles de granito
Em que povos-titães que não existem,
Seus já esquecidos fastos hão escripto.

Taes glorias onde estão? Em que consistem?
Que resta d'ellas n'este mundo? Nada:
As pyramides só, que inda resistem.

Essa Historia, entre tantas celebrada,
Que do egregio Herculano honra a memoria,
Ficará para sempre inacabada.

Mas tantas perfeições mostra essa Historia
Que é, e será nos mais remotos evos,
Gloria de Portugal!... e nossa gloria!

Os aggravos fataes dos tempos sevos,
Que entre nós poz o batalhar insano,
Romperam nossos vinculos primevos?

São irmãos o hespanhol e o lusitano,
A mesma origem seu destino enlaça,
E um só berço lhes deu o Ser soberano.

Mas, que elles fossem de inimiga raça,
A generosa terra em que hão crescido
Com maternal orgulho a ambos abraça.

Que nos importa o rumo que hão seguido?
Duas aguias serão d'opposta zona
Com seus ninhos no mesmo cimo erguido.

O sol, de que a Peninsula blasona,
Com torrentes de luz seus campos banha,
E seus fructos identicos sazona.

Juntos vivem nos términos de Hespanha;
Partilham ambos com igual direito
O mar, o rio, os plainos e a montanha.

Quando algum invasor, achando estreito
Para a sua ambição o mundo, os cerra,
A mesma espada lhes traspassa o peito.

Combatem pelo mesmo lar na guerra,
O mesmo sentimento a ambos inspira,
A ambos cobre na morte a mesma terra.

O que a um fere, é lei que ao outro fira;
São como os fortes dedos d'uma mão,
Como as cordas vibrantes d'uma lyra.

Se lutam com rancor no coração,
Pergunta Deus ao vencedor impío:
— Que fizeste, Caim, de teu irmão?! —

Juntos mostraram indomavel brio
Em rijas lutas, e indole altaneira,
Contra um poder despotico e sombrio.

E juntos alçarão, quando Deus queira
Pôr termo á sua mútua desventura,
Uma patria, uma lei e uma bandeira.

Porisso a Hespanha, ao pé da sepultura
Que guarda o mais insigne de teus filhos,
Soluça, oh Portugal! de mágoa pura.

Com seu nobre pensar fixo em teus trilhos,
Acode anciosa a consolar-te as penas,
Sem partilhar teus gozos nem teus brilhos.

Póde o ruim temor, se o não condemnas,
Fazer que entre ambos o odio se diffunda,
E não sôem jámais horas serenas.

Póde impedir a nossa união fecunda;
Porém não que da patria minha o pranto
Com o que tu derrames se confunda.
Não o conseguirá! Não póde tanto!

A EPOPÊA DA HUMANIDADE [1]

II

As novas fórmas da Civilisação determinam uma nova idealisação na Arte. — O fim do seculo XVIII, na sua crise social e mental, suggere uma renovação da Poesia. — André Chénier ensaia a tentativa de uma Epopêa humana nos fragmentos do poema de *Hermes*. — A synthese philosophica da Historia, em Herder e Condorcet, provoca na poesia do seculo XIX o apparecimento do ideal da Humanidade. — Lamartine tenta o poema das *Visões*, que ficou em esboço; sua relação morphologica com a *Divina Comedia*. — Falta de capacidade philosophica no poeta. — Victor Hugo obedece á mesma aspiração da época traçando a *Lenda dos Seculos;* plano do poema cyclico, e seu alto sentimento da Humanidade. É prejudicado pelo deismo e negativismo revolucionario. — Importancia do ideal da Humanidade sobre o caracter, segundo Maudsley; a deshumanisação exprimindo um profundo estado pathologico. — Outras tentativas de poemas philosophicos: Lenau, Giovanni Prati, Ampère. — Quinet e Michelet, discipulos de Herder e Vico, definem a Epopêa humana no *Genio das Religiões* e *Biblia da Humanidade*. — Augusto Comte, na *Politica positiva*, apresenta os contornos da Epopêa humana, tal como a deve elaborar o genio italiano. — Littré caracterisa a Arte positiva como dando fórma a esse novo ideal. — Conclusão.

A aridez do sentimento poetico do fim do seculo XVIII, effeito da admiração banal de um pseudo classicismo atrazado, e de um naturalismo precoce a que se deu o nome de proto-romantismo, fez proclamar o acabamento da Poesia, e a prepon-

[1] Continuado da pag. 211, numero do 1.º d'agosto.

derancia da edade da prosa destinada á discussão critica e á dispersão das especialidades scientificas. A affirmação gratuita chegou até ao nosso tempo, envernizada na phrase brilhante e superficial de Eugenio Pelletan. Não era natural que a Civilisação, dando ao homem um mais elevado gráo de consciencia, uma maior receptividade emocional e recursos mais vastos de expressão, o privasse da capacidade esthetica para crear uma arte correspondente ao estado moral que attingira. Em todas as phases que a Civilisação tem apresentado um novo aspecto, apparece simultanea uma nova Poesia. Aos que concebiam a Edade média como um retrocesso, a poesia do christianismo transformando a metrificação latina, dando-lhe a base da *accentuação* e a *rima;* a poesia feudal creando as energicas Canções de Gesta; a poesia das novas relações affectivas expressas nas canções amorosas dos Trovadores da Provença, forçavam a reconhecer que esses seculos de transição social eram fecundissimos na sua elaboração organica. O mesmo phenomeno se passou no seculo do encyclopedismo, sob essa estupenda crise revolucionaria, que obrigava o proprio De Maistre, representante do espirito conservador, a confessar que tudo nos conduzia para uma grande synthese. E effectivamente, além da transformação da sociedade civil, a Historia renovava-se pelas descobertas da antiguidade do Egypto, encetadas pela leitura dos hieroglyphos, pela descoberta do zend, que tornava possivel a leitura do *Avesta,* pela revelação d'esse mundo ignorado da China, pela aproximação da lingua sanskrita do grego, do latim e do celta proporcionando pelo estudo comparativo o estabelecimento da unidade das raças indo-europêas, e pela glottologia, instrumento de analyse psychologica e historica da origem da linguagem, dos mythos e das instituições sociaes. Tudo isto levava a expungir da Historia o espirito separatista, com que o catholicismo amesquinhou a antiguidade greco-romana, com que o protestantismo desprezou a Edade média, e com que deismo arrastado pelo exagero theorico renegava toda a idéa de filiação com o passado.

A Historia, por esta somma de elementos, e impondo pela

auctoridade dos factos o ponto de vista relativo, tornou-se uma fórma do criterio humano, um dos aspectos essenciaes do methodo scientifico.

Augusto Comte, ao começar a Dynamica social, no terceiro tomo da *Politica positiva*, acentua esta idéa: « O seculo actual será principalmente caracterisado pela irrevogavel preponderancia da historia na philosophia, na politica e na poesia. » Pelo encadeamento doutrinario é que se vê como os systemas philosophicos, esgotados pelo exagero da subjectividade, se foram ratificando sobre os dados objectivos, pelos trabalhos constantes da escóla escoceza, até se coordenarem no criticismo de Kant, e na construcção synthetica da Philosophia positiva. Pelo conhecimento das instituições sociaes da India, da Grecia, de Roma e dos povos germanicos, é que Freeman na sua *Politica comparativa* descreve os typos organicos, que através dos cruzamentos das raças e dos conflictos de povos, produziram as fórmas aristocraticas e democraticas que persistem em todos os estados da Europa. A concepção da continuidade humana estabelecida pela Historia, cujo verdadeiro espirito é essencialmente universalista, não podia deixar de actuar profundamente na Poesia e na renovação esthetica. Esta mutua dependencia entre a Historia e a Poesia, que fôra proclamada por Aristoteles, por isso que na Grecia os grandes historiadores como Herodoto e Thucydides, tendiam para a concepção synthetica, já no fim do seculo XVIII era reconhecida como a condição de uma nova actividade esthetica. Os genios criticos, como Herder e Condorcet, concebiam a Historia como uma synthese, e creavam em 1784 a *Idéa sobre a Philosophia da Historia da Humanidade*, e em 1794 o *Quadro dos Progressos do Espirito humano;* os genios artisticos sentiam a necessidade de uma idealisação da humanidade, como se observa nas tentativas de André Chénier com os fragmentos de *Hermes*, e na admiração pelas obras-primas de todas as litteraturas, cujos typos provocavam a determinação de fórmas universaes independentes do gosto estabelecido pelas escólas. O estudo das tradições populares de todas as raças e nacionalidades veiu revelar os elementos generativos

da poesia, e determinar o thema da idealisação. Quinet, que se disciplinára mentalmente com o livro de Herder, percebeu esta fórma nova da arte: « As tradições locaes que se contradiziam e luctavam entre si, quando estavam subordinadas ás fórmas individuaes da consciencia de uma raça, libertadas d'este nexo, recuperarão a sua ordem natural na consciencia politica da humanidade. »

Quando Condorcet, em 1794, esboçava nos momentos do refugio contra o terror robespierrista, o sublime *Quadro dos Progressos do Espirito humano*, o poeta André Chénier, que poucas semanas sobreviveu ao philosopho, deixava entre os seus manuscriptos os fragmentos do poema *Hermes*, em que traçava a synthese poetica da Humanidade. Sainte Beuve descreve o estado d'esses fragmentos: « O poema devia de ter tres cantos, ao que parece; o primeiro, sobre a origem da terra, a formação dos animaes, do homem; o segundo, sobre o homem em particular, o machinismo dos seus sentidos e da sua intelligencia, seus erros desde o estado selvagem até ao nascimento das sociedades e origem das religiões; o terceiro, sobre a sociedade politica, a constituição da moral e a invenção das sciencias. O todo devia terminar por uma exposição do systema do mundo segundo a sciencia a mais avançada. » O sentimento poetico de Chénier levára-o a representar a Terra como o grande-Fetiche; diz elle em algumas das notas passageiras: « É preciso magnificamente representar a Terra sob o emblema metaphorico de um grande animal que vive, move-se, e é sujeito a mudanças, revoluções, febres, perturbações na circulação do seu sangue. » Sainte Beuve analysando os fragmentos poeticos e notas suggestivas do poema de *Hermes*, relaciona-o com a marcha das doutrinas philosophicas do seculo XVIII: « O *Hermes*, mostra-nos André Chénier tão inteiramente e tão calorosamente do seu seculo, a seu modo, como podiam sêl-o Raynal ou Diderot. » « A doutrina do seculo XVIII era no fundo o materialismo, ou o pantheismo, ou ainda o naturismo, como se lhe quizer chamar; teve os seus philosophos, e mesmo os seus poetas em prosa, Boulanger, Buffon; devia provocar o seu Lucrecio. E isto

é tão verdadeiro, e é tal o movimento e a tendencia de então para incitar assim o poeta, que, por 1780 e nos annos seguintes, achámos tres talentos occupados com o mesmo assumpto e visando cada um á gloria difficil de um poema sobre a natureza das cousas. Le Brun tentava a obra segundo Buffon; Fontanes, na adolescencia, entrava a sério no assumpto, como o attestam dois fragmentos, um principalmente de uma belleza innegavel. André Chénier avançou mais do que os outros, e, pelo vigor das idéas, era bem digno de produzir um verdadeiro poema didactico no amplo sentido. Mas a Revolução apparece; dez annos, fim da época, desabaram bruscamente com o que elles promettiam, e abysmaram os projectos e os homens; os tres *Hermes* falharam. A poesia do seculo XVIII não teve o seu Buffon.» Sainte Beuve accentúa ainda mais a influencia philosophica a que obedecia André Chénier, deduzindo-a de uma outra referencia dos fragmentos do *Hermes:* «Pelos seus planos de poesia physica, regressando a Empedocles, André, era além d'isso o contemporaneo e como que discipulo de Lamarck e de Cabanis; não o é menos de Boulanger e de todo o seu seculo pela explicação que tenta da origem das religiões.» E lamentando o não ter realisado o grande projecto, observa, que «apesar da novidade do estylo, elle teria reproduzido sem muitas variantes, o fundo do *Ensaio sobre os Preconceitos* de d'Holbach.» [1]

[1] Egger, na *Historia da Critica entre os Gregos,* allude a esta tentativa: «Cousa estranha: apesar de Chénier não ter conhecido o *Hermes* grego, não sómente reproduz o pensamento geral, mas encontra-se com Eratosthenes em certas particularidades das suas investigações eruditas: ambos interrogavam os mysterios da natureza antediluviana, ambos descreviam a harmonia das espheras celestes, as divisões do nosso globo, etc. Ha nada mais tocante e mais triste do que estas ruinas que se correspondem á distancia de vinte seculos, ruinas feitas pelo tempo, e ruinas feitas pela mão do carrasco?» (*Op. cit.,* pag. 377). O poema de *Hermes* fôra para André Chénier a mais bella esperança da sua vida:

Toi l'objet le plus cher des veilles de dix ans,
Qui m'as couté des soins et si doux et si lents...

Se é verdadeira a phrase attribuida a André Chénier, quando caminhava

O falso classicismo de Delille nos *Tres Reinos*, veiu desvirtuar esta nova idealisação da natureza e do homem; como a indisciplinada originalidade de Lemercier, na *Atlantiada*, confunde as noções scientificas com a idealisação esthetica. Lady Morgan, no seu livro *A França*, descreve em poucas linhas a *Atlantiada* de Lemercier: «Abandonando os exercitos dos martyres e as legiões dos santos, bem como as divindades que reinavam no Olympo e sobre o Parnaso, elle inventava um novo systema de molas poeticas... Seguindo o systema de Newton, elle tirou os seus personagens *das forças virtuaes do mundo*. Assim, deixando bem longe as intrigas das plantas e os amores dos triangulos, Lemercier mette logo em scena as suas forças centrifugas e centripetas sob o nome de *Barythêa* e *Proballana* como os principaes personagens do seu poema, emquanto que *Curgire* (o movimento curvilineo), *Pyropese* (o calorico), *Sulphydro* (o enxofre) e *Electrone* (a electricidade) servem para o desenvolvimento do poema, e dão logar a muitos episodios interessantes.» (*Op. cit.*, II, 297).

Muitos poetas comprehendendo a necessidade de uma transformação da poesia, procuram os seus elementos pittorescos nos dados concretos das sciencias, em vez de darem expressão aos novos estados de consciencia. Afundam-se na impotencia e mesmo na mediocridade. O lado superior de Shelley, nos seus poemas philosophicos, que tendem a esta comprehensão do ideal humano, consiste em elle, em vez de pôr em verso conhecimentos experimentaes, exprimir emoções resultantes dos estados de consciencia a que levaram esses conhecimentos. A preoccupação de uma Epopêa philosophica, no fim do seculo XVIII, transmittiu-se ao seculo XIX, e apparece nas litteraturas franceza, italiana, allemã e hespanhola; mas em geral, os poetas não foram dirigidos por uma concepção philosophica como lhes competia.

para a guilhotina, levando a mão á fronte: «*Mourir! pourtant j'avais quelque chose là!*» este grito com certeza referia-se ao pensamento do grande poema em que andava occupado e que a fatalidade dos acontecimentos truncou.

Lamartine, no *Curso familiar de Litteratura*, falla do plano de uma Epopêa humana, que se tornára a aspiração da sua vida: «eu tinha concebido, ainda na mocidade, uma epopêa, o grande sonho da minha vida, a unica epopêa que me parece hoje realisavel, sobre um plano quasi analogo ao plano da *Divina Comedia*.

«Dissera commigo: Que haverá hoje de mais interessante na humanidade? Porventura as batalhas, as conquistas, elevações e catastrophes dos imperios? Não; o mundo tem visto tantas d'essas cousas, e conhece por tal fórma as molas com que a fortuna alevanta ou abaixa os conquistadores por cá, que nem já se admira das vicissitudes dos imperios mais que do encapellamento e do baque de uma vaga espumante no oceano. O que interessa verdadeiramente o homem, é o homem; e no homem, é a parte permanente do seu sêr, é a alma; e na alma, é o destino passado, presente, futuro, eterno d'este principio immaterial, intelligente, amante, appetitoso, soffredor, conscienciosо, virtuoso ou criminoso, punindo-se a si mesmo pelos seus vicios, recompensando-se a si mesmo pelas suas virtudes, afastando-se ou aproximando-se de Deus, segundo vôa para o alto ou para baixo na esphera infinita da sua carreira eterna, pela fé crescente e pelo amor identificando-se ao seu Creador, o soberano Sêr, a soberana verdade, o soberano bem.»

Depois do poeta dar largas á phantasia descrevendo os logares, a hora e as emoções que sentiu ao esboçar o plano da epopêa a que chamava *As Visões ou as Leis moraes*, resume n'estas linhas a concepção:

«Eu me imaginava assistindo, como um Bardo de Deus, á creação dos dois mundos material e moral. Tomava duas almas emanadas no mesmo dia: uma masculina, outra feminina, como se a lei universal da geração pelo amor, esta tendencia apaixonada da dualidade para a unidade, fosse uma lei das essencias immateriaes do mesmo mundo que é a lei dos sêres materiaes animados (e o que ha que não seja animado no que vive para se reproduzir?). Eu lançava estas duas almas irmãs,

mas tornadas entre si extranhas, na carreira da sua evolução através dos modos da sua vida renovada. Eu as seguia com um olhar sobrenatural e eterno nas principaes transfigurações angelicas ou humanas por que tinham de passar nos mundos superiores e inferiores, encontrando-se ás vezes sem se reconhecerem completamente de esphera em esphera, de edade em edade, de existencia em existencia, de vida em morte e de morte em renascimento no céo e sobre a terra. Depois, em seguida a estas doze ou vinte transfigurações passadas, que umas vezes as aproximava de Deus pelas virtudes, outras vezes as afastava pelas suas culpas, ao mesmo tempo que estas virtudes ou estas culpas as aproximavam tambem ou as separavam mais uma da outra, eu as ajuntava por fim na unidade do amor mutuo e do amor divino, na fonte da vida, da santidade e da felicidade d'onde tudo emana e onde tudo converge pela sua gravitação natural para o soberano bem e o soberano bello, o Sêr perfeito, o Sêr dos sêres, Deus.

« Cada scena d'este drama sagrado era tirada da terra ou dos outros planetas do espaço, e as decorações poeticas mudavam tambem, ao grado do poeta, como a época, os acontecimentos, os personagens. O poema começava ás portas do Eden e terminava no acabamento da terra pela explosão do globo, tornando todas as suas almas purificadas, divinisadas pela misericordia de Deus, e lançando suas chispas de fogo no firmamento como faiscas de um brazido que se consome a si mesmo depois de acabado o holocausto.

« Comprehende-se que riqueza, e que variedade, que pathetico e que mysterio um tal texto de epopêa prestaria ao poeta, se é que houvesse um poeta ou se eu mesmo fosse esse poeta digno de conceber e fixar em meus cantos uma tal inspiração. »

Lamartine termina: « O meu poema depois de o ter contemplado por alguns annos, desfez-se na minha cabeça como uma d'estas bolhas de sabão coloridas, deixando-me só algumas gottas de agua sobre os dedos, ou antes algumas gottas de tinta, porque a *Queda de um Anjo*, o *Jocelyn*, o *Poema dos Pes-*

cadores, que perdi nas minhas viagens, e alguns outros esboços epicos que adiantei e depois interrompi, são d'essas gottas de tinta. Estes poemas eram outros tantos cantos esparsos da minha epopêa da alma. » [1]

O poema nasceu falho de ideal; Lamartine concebia a alma humana segundo a theologia catholica, e servindo-se das lendas biblicas com o respeito de um credulo, entretecia as peripecias da epopêa com os diversos casos da doutrina das penas e das recompensas. Tudo isto estava mais bem idealisado nas lendas primitivas, e no systema da moral theologica, do que nos quadros phantasmagoricos do poeta que confundia abruptamente os velhos clichés religiosos. O poeta presentia que a alma humana, fóco de todas as emoções, concepções e actos, era o verdadeiro thema de uma epopêa subjectiva; mas faltava-lhe a preparação philosophica para uma nitida comprehensão do assumpto a que tinha de dar relêvo artistico. O mysticismo religioso que o levava a explorar os symbolos do christianismo, o Deismo vago que lhe suppria a deficiencia de uma synthese deixaram-n'o impotente para realisar esse sonho da sua vida, que se chegasse a ter fórma seria de uma leitura difficil como a *Queda de um anjo* que, segundo a affirmação do poeta, pertencia a esse plano. E, comtudo, que grandiosa seria a Epopêa da Alma surgindo da vida vegetativa e instinctiva á consciencia; elevando-se da ferocidade bestial e do cannibalismo á affectividade e á concordia; afastando o nevoeiro denso das sensações indistinctas e das miragens subjectivas até formar as idéas geraes, descobrindo pela critica as leis da materia, que submette ao seu serviço, pairando por fim o livre espirito na creação de novos modos da existencia pela Arte, pela Moral, pela Justiça, pelo Dever, pelo Amor, por todas as manifestações que tornam o sêr humano uma potencia do universo! Lamartine não podia dispensar Deus, e o Deus catholico, no seu elenco épico; e a alma humana no seu advento á consciencia reduzia-se ao drama de um amor segundo a lenda arabe e

[1] *Poesias ineditas* de Lamartine, pag. 135 a 143.

ás aproximações nas mesmas praticas do ascetismo. O poeta chegou a escrever o argumento circumstanciado da Epopêa, que constaria de dez Visões, em quarenta e oito cantos; por esse argumento se vê que lhe era preciso um elemento objectivo ou historico para servir de fórma pittoresca ao longo fadario da alma. Infelizmente a trama da historia soffre da mesma falta de luz philosophica, prejudicando a construcção geral. Transcreveremos alguns d'esses elencos:

« Primeira visão: Canto primeiro: Invocação. Quadro dos ultimos dias do mundo. — A scena é em Roma.

« Canto segundo: Um mancebo, Eloim, tendo ficado o unico sêr vivo nas solidões dos Alpes, o qual fôra educado por sua mãe na religião christã, atravessa os desertos e chega, á procura de gente, a Roma. Guiado pelo espirito de Deus, atravessa Roma, vê-a com horror; perseguido pelos homens, foge para o lado de Tibur, encontra uma caverna, entra, caminha e acha uma porta; é-lhe aberta por Enoch, o unico homem eternamente vivo. Enoch acolhe-o em um Eden que Deus lhe deu a faculdade de crear em redor de si: Eloim encontra alli uma joven virgem que serve o Senhor junto do Propheta.

« Terceiro canto: Enoch conta a Eloim quem elle é, e como a joven virgem veiu ter ao seu jardim para se salvar dos cultos odiosos dos homens. Elle ensina ao mancebo a orar, e mostra-lhe o livro sellado com os sete sêllos que o Espirito lhe deu o dom de comprehender. Apenas Eloim lança os olhos ao livro, a memoria dos seculos extinctos desperta-se n'elle e elle se vê em todos os tempos. Reconhece-se sob diversas fórmas, nomes e figuras, e conta os seus destinos aos que o agasalham. »

Lamartine vae assim encadeando as antigas lendas do Diluvio, dos Patriarchas, de Elias no Carro de fogo, do nascimento, paixão e morte do Redemptor, da Thebaida e Vida solitaria, Cavalleria, Revolução « quando o aperfeiçoamento material do homem attinge o cumulo, e que as disputas e as doutrinas apagaram os vestigios de toda a verdade. » Termina pelas scenas do Apocalypse, pela resurreição dos mortos e juizo final.

Vê-se, em presença de um tal esboço, que Lamartine possuindo a parte technica da poesia em um alto gráo e um delicado sentimento de lyrismo, não tinha nem a capacidade, nem os elementos para ser o moderno Homero como o descreve Edgar Quinet. Da sua tentativa é só valiosa a intuição da necessidade da Epopêa humana.

Victor Hugo deveu aos acontecimentos que o confinaram em Jersey esse espirito de protesto que transpira em todas as suas idealisações no exilio e depois do exilio. Menos christão do que Lamartine, mas egualmente deista, o esgotamento do lyrismo romantico por effeito da edade, e a falta de estimulo para a creação do drama por se achar afastado da grande capital, fizeram com que Victor Hugo encontrasse um novo drama e um commovente lyrismo na Historia. O crime coroado de Napoleão III fazia com que o poeta visse na Historia um tribunal e um julgamento; posta de parte a paixão politica do momento, a Historia, no seu aspecto severo e grandioso tomava a magestade de uma Epopêa. Foi n'este espirito que Victor Hugo escreveu em Jersey a primeira série da *Lenda dos Seculos*, accentuando, ao contrario de Lamartine, o seu caracter objectivo ou historico. O ponto de vista, exposto no preliminar da *Lenda dos Seculos*, é a consequencia de um gráo superior de idealisação a que chegára o poeta, e que torna este livro a sua obra capital. Escreve Victor Hugo: «Exprimir a humanidade em uma especie de obra cyclica; pintal-a successivamente e simultaneamente sob todos os seus aspectos, historia, fabula, philosophia, religião, sciencia, os quaes se resumem em um só e immenso movimento de ascensão para a luz; fazer apparecer em uma especie de espelho sombrio e claro — que a interrupção natural dos trabalhos terrestres quebrará provavelmente antes que elle tenha a dimensão sonhada pelo auctor — esta grande figura nua e multipla, lugubre e radiante, fatal e sagrada, o Homem; eis aqui de que pensamento, de que ambição, se se quizer, sahiu a *Lenda dos Seculos.*»

Victor Hugo sente o novo ideal da Arte, e dotado de uma concepção exclusivamente objectivista limitada aos meios de

expressão pelos contrastes e pelas comparações, procura na Historia os themas objectivos que dêem unidade ao quadro da Humanidade:

« Os poemas que compõem este volume não são senão impressões successivas do perfil humano, de data em data, desde Eva mãe dos homens, até á Revolução, mãe dos povos; impressões tiradas, uma vez da barbarie, outras da civilisação, quasi sempre sobre o vivo da historia; impressões modeladas sobre a mascara dos seculos.

« Para o poeta como para o historiador, para o archeologo como para o philosopho, cada seculo é uma mudança de physionomia da humanidade... »

« De resto, estes poemas, diversos pelo assumpto, mas inspirados pelo mesmo pensamento, não têm entre si outro nexo além de um fio, que ás vezes se attenua a ponto de se tornar invisivel, mas que nunca se quebra, o grande fio mysterioso do labyrintho humano, o Progresso. » — « O genero humano, considerado como um grande individuo collectivo, realisando de época em época uma série de actos sobre a terra, tem dois aspectos: o historico e o legendario. O segundo não é menos verdadeiro que o primeiro; o primeiro não é menos conjectural que o segundo. — Todos estes poemas, pelo menos os que resumem o passado, são a realidade historica condensada, ou a realidade historica adivinhada. Por vezes domina a ficção, nunca a falsificação; nenhum augmento de linhas; fidelidade absoluta á côr dos tempos e ao espirito das civilisações diversas. »

Na sequencia do preliminar, Victor Hugo esboça o plano geral da Epopêa humana, que irá realisando em mais dois poemas, *O fim de Satan* e *Deus* « onde se reverbéra o problema unico, o Sêr, sob a sua triplice face, a Humanidade, o Mal, o Infinito; o progressivo, o relativo, o absoluto; ao que se poderá chamar tres cantos: a *Lenda dos Seculos*, o *Fim de Satan*, *Deus*. — A expansão do genero humano de seculo em seculo, o homem sahindo das trevas para o ideal, a transfiguração paradisiaca do inferno terrestre, o desabrochar lento e supremo da liberdade, direito emquanto a esta vida, responsabilidade em-

quanto á outra; uma especie de hymno religioso em mil estrophes, tendo no seu ámago uma fé profunda, e sobre o seu ápice uma alta prece; o drama da creação illuminado pela fronte do Creador, eis aqui o que será, uma vez terminado, este poema no seu conjuncto.»

A condição para realisar esta nova concepção ideal da Humanidade consiste em o artista se despojar dos velhos *clichés*, que uma educação theologica, e uma tendencia metaphysica revolucionaria deixaram impressos nos espiritos ainda os mais audaciosos. Victor Hugo, mesmo através das suas mais arrojadas metaphoras, conserva a préga mental das duas doutrinas, que em conflicto no seu espirito, perturbam a serenidade de toda a idealisação, dando á creação esthetica um errado destino de combate. Crê na creação theologica do homem e na immortalidade objectiva do individuo, e inspira-se na convulsão revolucionaria, como se a Revolução fosse o estado normal para onde a humanidade gravita. Ha na idéa geral que o dirige na concepção da *Lenda dos Seculos* os dois themas organicos da Epopêa humana, que dominam a historia: O *mundo oriental* apresenta a comprehensão pathetica e mysteriosa do universo, em que a existencia é como um sacrificio e uma fatalidade; em que a Razão se abandona ao nihilismo contemplativo e passivo diante dos dois absolutos Deus e o Mal. Victor Hugo, tendo recebido no seu espirito este aspecto, incutido desde a infancia pela educação catholica, retoma um ideal já tão bellamente realisado na *Genesis* e no *Livro de Job*, e sem vantagem para a definição da Arte moderna correlativa á moderna consciencia. O outro thema, o *mundo occidental*, em que ha a serenidade heroica do homem apoderando-se das leis da natureza, destruindo o prestigio do absoluto pelo abandono da Causa e investigação crescente das Leis, ou relações das cousas, não apparece ao poeta senão pela face limitada e mesquinha da revolução politica, sob um metaphysicismo robespierrista. Diante da antinomia d'estes dois aspectos, a Historia, campo da acção da Epopêa humana, apresenta espalhados os *Disjecta membra*, que só serão idealmente unidos, quando o homem, nas

suas viagens e occupações da terra, relacione o Occidente com o Oriente, conhecendo-se as Raças irmãs, e quando vier a descobrir debaixo da crusta das modernas capitaes os craneos dos homens primitivos, que por um esforço proprio se elevaram da animalidade á consciencia. Pela Sciencia adquiriu o Homem o dominio da terra; mas só pelo sentimento da Humanidade é que elle poderá adquirir a posse de si mesmo. O sentimento da Humanidade dá ao espirito o seu pleno equilibrio, pelo destino altruista dos actos e pela sancção moral separada das penas e recompensas theologicas.

Victor Hugo terminava a sua Epopêa humana por uma prece, illuminando a fronte de Deus a obra da creação; encontra-se na mesma contradicção de Lamartine, que termina o seu esboço pela bemaventurança divina, segundo o thema oriental. Segundo o thema occidental, em que prevalece a comprehensão scientifica do universo, o ideal da Humanidade, uma vez determinado converte-se na base definitiva da sancção moral; o grande psychologista Maudsley demonstra, como os maiores crimes praticados na especie humana resultaram do afastamento dos individuos poderosos da norma e relações communs da humanidade, e como as fórmas da loucura são na sua essencia uma degeneresecencia da normalidade da especie, uma *deshumanisação;* transcreveremos as suas memoraveis palavras, da *Pathologia do Espirito:*

«Como uma grande parte da natureza com a qual o homem deve pôr-se em harmonia não é o que chamamos a natureza physica, mas a natureza humana, é claro que o grande trabalho da vida será em adaptar-se á sua especie. Nada póde embaraçar de o fazer nas fórmas mais grosseiras das sociedades primitivas; e a observação da sua propria paixão sob o temor dos effeitos secundarios da paixão do seu visinho serve de base solida a uma especie de sentimento social primitivo; porém, nos estados superiores do organismo social as nossas relações como elementos sociaes tornam-se muito mais complexas e especiaes. Ter sympathia pela sua especie e proceder bem para ser feliz de uma maneira directa ou indirecta, taes são as con-

dições essenciaes da existencia e do desenvolvimento do organismo social o mais complexo; e nenhum mortal conseguirá supprimir estas condições. Deixae-o acreditar, porque poderá fazel-o, que o conflicto da vida humana é uma triste farça, que elle e os seus companheiros de trabalho quasi que não são superiores aos brutos, e que como os brutos elle morrerá para de logo para sempre; tudo isto, em resumo, não passa de uma vaidade e uma afflicção de espirito; deve-se sentir e trabalhar com a sua especie, quando ha a saude do espirito. A misanthropia não é, habitualmente, mais do que uma loucura em via de desenvolvimento. É por isso que o humor que possue sempre um fundo de sympathia é uma qualidade mais elevada e mais salutar do que o cynismo, que é sempre inspirado pelo desprezo. Se um individuo deixa de se pôr em relação sympathica consciente ou inconsciente com a natureza humana que o rodeia, está no caminho, ainda que aconteça não ir ao cabo, que conduz á loucura ou ao crime; elle póde ser comparado a um elemento morbido n'um organismo physiologico, o qual não póde funccionar com os elementos ambientes, é um extranho, que tem de ser eliminado ou tornado inoffensivo pela sua sequestração; é extranho á sua especie, e póde-se dizer com egual verdade, que é extranho a si mesmo, porque a funcção de um eu normal é pôr-se de accordo com a sua especie. As excentricidades de caracter, quando não são contrabalançadas por um juizo solido, podem conduzir á loucura, quer o individuo em si, quer os seus descendentes; e os maiores crimes de que a historia conserva a memoria, crimes que ainda inspiram horror, foram praticados por aquelles que, tendo conquistado a auctoridade e o poderio, ou tendo-os recebido por herança, se emanciparam tão completamente dos laços sociaes do sentimento humano, que elles eram, por vezes, verdadeiramente loucos. (Cap. III.) « Um bom sentimento moral deve ser considerado como um elemento essencial de um caracter são e bem desenvolvido no estado actual da evolução humana, nos nossos paizes civilisados; a sua acquisição é a condição do desenvolvimento no progresso da *humanisação.* » A ausencia d'este caracter accusa

uma degencrescencia na raça. A idéa de Maudsley, comprovada pelas observações scientificas, vem revelar-nos as consequencias praticas do novo ideal da Humanidade; a Epopêa humana não tem por fim uma glorificação vaidosa da especie, mas sim universalisar um sentimento que é a base impreseindivel da existencia normal. Tudo quanto fôr desvirtuar este sentimento com ficções que afastem o homem da subordinação á Humanidade, desviando a sympathia e a sancção moral para Deus ou para um idealismo anarchico, é propagar germens de loucura, ou *deshumanisação*, e perturbar o advento a essa harmonia entre a natureza e o homem que a aperfeiçôa pelas proprias forças que se acham na natureza. É este o destino da Epopêa humana, que não poderá ser realisada segundo o fim e o espirito que a suggere, se transparecer na idealisação do poeta um finalismo deista. Lamartine abandonou o seu plano desvairado no eahos da propria phantasia; Victor Hugo, ao fim de dezoito annos continuou a accumular episodios dramaticos da historia, dando-lhes o nexo chronologico, sem ter achado a trama psychologica ou subjectiva que só se descobre por uma observação philosophica da marcha da Humanidade. Ainda assim, a *Lenda dos Seculos* será sempre a parte fundamental da sua obra poetica.

Apontaremos outras tentativas; na Austria, o poeta Nicoláo Lenau procura exprimir a idealisação das grandes époeas da Humanidade nos seus poemas com intuito philosophico, *Fausto* (1836), *Savonarola* (1837), *Os Albigenses* (1841) e *Dom João* (1851). A sua educação scientifica presta-lhe novos elementos de concepção poetica; porém os poemas ficaram meros episodios.

Na Italia, o poeta Giovanni Prati emprehendeu tambem a epopêa cyclica, que intitula *Deus e a Humanidade*, da qual compoz mais de quarenta episodios, segundo o processo empregado por Victor Hugo, postoque as suas tentativas antecederam seis annos a *Lenda dos Seculos*. Era ao genio italiano que Augusto Comte attribuia a missão, no concurso das nações do Occidente, de elaborar a Epopêa da Humanidade, pela ausen-

cia da actividade guerreira d'aquelle povo, pela harmonia da linguagem tão adaptada á poesia e ao canto, e pela relação em que se achava a *Divina Comedia* para com o fim da Edade média, como a Epopêa humana para a aproximação do estado normal ou da sociocracia. Transcreveremos as palavras de Comte, mostrando como as differenças nacionaes devem secundar o destino universal da transformação do Occidente conforme as necessidades da regeneração: «Esta lei representa o elemento italiano como devendo associar-se antes de todos ao movimento organico, cujo desenvolvimento esthetico lhe convém especialmente. A sua lingua tornar-se-ha commum a quaesquer nações, em virtude da sua preeminencia poetica e musical, socialmente pura de toda a propaganda oppressiva. — Além d'este commum concurso, a Italia deve especialmente aperfeiçoar a transição organica produzindo um complemento esthetico ao culto concreto da Humanidade. Esta participação resultará sobretudo de uma Epopêa sem exemplo, que caracterisará o desfecho da revolução occidental, como a incomparavel composição de Dante instituiu o começo. A lingua destinada á universalidade completará assim os seus titulos acabando de representar o movimento moderno, ultima phase da immensa preparação que devia gradualmente substituir a theocracia pela sociocracia.» [1] Infelizmente o genio italiano tem-se afastado para bem longe das condições previstas por Comte para a elaboração de uma Epopêa, que fosse para a edade moderna, o que a Epopêa do Dante foi para o fim da Edade média. Comte indicou os perigos, apontando-lhe as falsas preoccupações de uma unidade territorial, que serviu apenas para engrandecer a vaidade e as ambições da familia dos Duques de Saboya, sob a illusão da unificação da Italia, com que se mascarou a pedantocracia monarchico-representativa, o centralismo administrativo, o exercito permanente, as conquistas militares a pretexto de colonias na Africa, e por ultimo a insensata poli-

[1] *Système de politique positive*, tom. IV, pag. 481 e 482.

tica de Crispi pondo-se do lado inimigo da França e falseando a clara missão politica da occidentalidade. Em uma tal corrente de absurdos, a Italia perdeu o seu alto ideal, e o genio italiano imitando as especialidades scientificas da paciencia allemã, acha-se sem representação na grande synthese esthetica. São eminentemente significativas as palavras de Comte sobre a situação da Italia: «Postoque a população italiana esteja mais emancipada do que nenhuma outra dos costumes militares, os seus guias espirituaes nunca cessaram de carpir a sua antiga dominação, e mesmo de aspirar ao restabelecimento universal. Em logar de apreciar a sua decomposição politica como aproximando-a mais do estado normal, elles tendem para uma unidade não menos retrograda do que anarchica, incompativel com a independencia necessaria.» O que o philosopho previra em 1854 actúa fatalmente sobre a Italia, em que o seu genio creador está sacrificado em nome da unidade politica á anarchia e retrogradação dos Saboyas. Para fazer bem comprehendida a opportunidade da Epopêa moderna como a idealisação correspondente ao fim da grande crise occidental, Comte, que tão luminosamente comprehendera a Edade média que era descripta como um retrocesso, aponta a *Divina Comedia* como a idealisação de uma arte nova correspondente ao inicio da grande transição revolucionaria.

Esta relação adquire um alto valor esthetico quando vemos Lamartine tomar o poema de Dante por modelo da Epopêa do homem, em que trabalhára na mocidade: «Eu comprehendo tanto melhor o plano da *Divina Comedia*, que eu mesmo, ah! mil vezes inferior em concepção, em eloquencia e em poesia, ao grande exilado de Florença, eu tinha concebido, desde a mocidade, uma epopêa, o grande sonho da minha vida, a unica epopêa que me parece hoje realisavel, sobre um plano pouco mais ou menos analogo ao plano da *Divina Comedia*.» E alludindo á acção representada nas duas almas, seguia-as «na sua *Divina Comedia*, através da vida, da morte, até á eterna vida.» Tambem J. J. Ampère, que comprehendeu tão superiormente a poesia da historia, projectára um poema em 1836,

Dante no seculo XIX: «Uma palavra dará idéa da obra e do sentimento com que era composta: Esta nova viagem que Dante, na minha ficção, emprehendia no nosso tempo devia como a outra abranger o inferno, o purgatorio e o paraiso: no inferno eu collocára os *reis;* no purgatorio, os *povos;* o paraiso era o futuro.» Vê-se que era um quadro a que se ligavam as orgias militares do imperio napoleonico e da Santa Alliança, e porventura o vate de Florença annunciaria no futuro o regimen de liberdade consciente. Pelo seu lado, Victor Hugo termina a explicação preliminar da *Lenda dos Seculos,* mostrando como o inferno terrestre se transforma em uma floração paradisiaca, segundo a impressão recebida da trilogia dantesca. O philosopho teve a comprehensão da relação intima que existia entre o fim da edade theocratica e a nova manifestação esthetica; os poetas não viram no poema de Dante senão o quadro pittoresco que lhes podia servir ainda para representar a entidade moral que pretendiam idealisar, a Humanidade no seu percurso historico. Edgar Quinet, deduzindo o ideal universalista implicito em todas as epopêas antigas, considera o poema de Dante a imagem da Humanidade destacando-se dos seus véos mysticos: «A Comedia divina do Dante será o primeiro acto de uma especie de julgamento final, onde se explicarão e reconhecerão ao fulgor do espirito universal os enganos, as falsas allianças, os grupos esparsos de uma acção que os seculos por si mesmos complicaram. No seu genio abstracto, a Comedia divina não terá por desfecho nem a tomada de uma cidade, nem a vingança de uma tribu, nem a migração de um povo, mas a lei progressiva do mundo civil... As epopêas precedentes eram a obra e o quadro de uma raça ou de uma nação; a epopêa de Dante, que abre um novo cyclo, apparecer-nos-ha como a obra e a imagem do genero humano.» Esse novo cyclo é representado pela acção dos portuguezes; Quinet o reconhece: «a Edade média finda no dia em que o Oriente, com todas as pompas da vida exterior, é restituido ao Occidente pela descoberta do Cabo da Boa Esperança. — Ao culto da dôr, succede o espirito da industria.»

Ao fallar do pensamento de uma Epopêa moderna, depois dos poetas compete o logar de honra aos historiadores-philosophos Edgar Quinet e Michelet, irmãos em espirito, e que pelo estudo de Vico e de Herder, unificando o genio italiano, allemão e francez, se elevaram ás concepções universaes e espalharam em volta de si as mais profundas suggestões. Para os dois grandes escriptores a Revolução do fim do seculo XVIII era uma rejuvenescencia do mundo, e para comprehendel-a seguiam-na remontando o curso do passado humano, e viam na acção da França a missão hegemonica da Occidentalidade. Espontaneamente esses dois espiritos, um seguindo os cursos de Creuzer, e outro as investigações de Jacob Grimm, um traduzindo a *Philosophia da Historia da Humanidade* de Herder, e o outro nas *Origens do Direito francez* penetrando a poesia dos costumes das raças, sentiram ambos a necessidade de uma nova epopêa e lhe esboçaram os contornos. Antes de Quinet escrever o esplendido livro que se intitula *Genio das Religiões*, já desde 1828 começava a organisar uma epopêa em prosa intitulada *Ashaverus*, que com os poemas de *Prometheu* e *Napoleão* formavam uma especie de trilogia, de que o drama *Os Escravos* era como que um epilogo. O seu genio, suggerido pela idealisação poetica veiu caminhando para as investigações da historia na sua mais complexa e profunda comprehensão. Michelet, tendo dispendido a mocidade nos poderosos estudos criticos com que construiu a *Historia de França*, veiu em plena maturidade traçar o quadro épico da Historia, na sua expressão ideal como a concebia Aristoteles, no deslumbrante livro, sempre mal comprehendido, a *Biblia da Humanidade*. O poder de expressão pittoresca d'estes dois escriptores, torna-os reveladores commoventes de épocas historicas, de idéas e noções moraes pelo seu aspecto emocional; é justamente o lado sentimental que torna possivel a idealisação da Humanidade, e o *Genio das Religiões* e a *Biblia da Humanidade* são livros suggestivos e necessarios para a educação de um artista moderno. O profundo sentimento de humanidade, que inspira Quinet e Michelet, suppre n'elles a falta de uma philosophia completa ou systematica,

e o seu negativismo revolucionario é resgatado por intuições assombrosamente geniaes.

No Quadro synthetico do futuro humano, com que termina o *Systema de Politica positiva*, Augusto Comte traça os contornos para a elaboração esthetica da grande Epopêa humana: «Idealisando a philosophia da historia, o poema *A Humanidade* caracterisará successivamente todas as phases da vida preparatoria prolongada até ao advento do estado final.» Fixando em treze o numero dos cantos da Epopêa systematica, em harmonia com a apreciação social, especialisa as divisões: «O canto preliminar apresenta um caracter statico, para idealisar a unidade cerebral, em que a desordem se manifesta pela retrogradação, quando a perturbação sympathica altera o estado synthetico conduzindo da lei para a causa. Então se realisa em trez cantos, a descensão mental e moral, do relativo para o absoluto, primeiramente monotheico, depois polytheico e por fim fetichico, aspirando sempre á harmonia completa, sem poder nunca attingil-a. Nos oito cantos seguintes, o coração e o espirito elevam-se gradualmente para a unidade positiva, successivamente elaborada pelo fetichismo, pela astrolatria, pela theocracia, expansão especulativa, polytheismo social, monotheismo defensivo, civilisação feudal, e movimento moderno. Finalmente, o decimo terceiro canto, idealisa a existencia normal, simultaneamente affectiva, contemplativa e pratica, tanto collectiva como individual. Mas esta conclusão não deve desenvolver-se mais, para não alterar a epopêa, essencialmente dynamica, propria para a transição, reservando para o futuro o poema statico que só elle poderá suscitar.» [1] Estas poucas palavras encerram todos os grandes periodos da historia subordinados aos impulsos subjectivos ou psychologicos; bem comprehendidas darão ao poeta o meio de evitar a fragmentação e incoherencia que apparecem nos poemas, sempre episodicos, que procuram realisar o ideal humano. [2]

[1] *Politica positiva*, tom. IV, pag. 482.

[2] Na tentativa de Epopêa humana, de que fazem parte os poemetos que

Littré, na *Applicação da Philosophia positiva ao governo das Sociedades*, accentuando a crise em que a Arte pagã pereceu, quando o Christianismo lhe arrebatou o seu destino e o seu publico, e em que por seu turno a Arte christã succumbiu quando a Revolução lhe fez experimentar a mesma sorte, mostra como sob o regimen positivo: «Da nova situação dos corações e dos espiritos nasce um ideal esplendido, a Humanidade, cuja concepção é devida á sciencia, mas cuja creação esthetica está reservada para a imaginação. Poesia, musica, pintura, esculptura, architectura fecundar-se-hão n'esta fonte commum.» [1] O eminente vulgarisador da Philosophia positiva relaciona com uma extraordinaria clareza as duas grandes épocas em que se está operando a transição da sociedade: «Outr'ora, era a crença no monotheismo que, no meio do mundo pagão, estabelecia o seu ideal sobre a base estreita do supernaturalismo, *tendo por historia a legenda;* hoje, é a crença na Humanidade, que, no meio do mundo christão, estabelece o seu ideal sobre a base solida da realidade, *tendo por legenda a historia.*

«É verdadeiramente uma cousa maravilhosa considerar, como n'este espaço longinquo dos seculos percorridos, como a legenda, na apparencia tão caprichosa e tão ficticia, pôde, na ausencia de verdades ainda desconhecidas, prestar aos homens as condições de uma sociabilidade complexa, sabia, moral e perfectivel! Que espontaneidade feliz n'este instincto que personifica todos os objectos da natureza, tornando-os mysteriosos e veneraveis, e cria, fundando o fetichismo, a trama primitiva da existencia social! Que esplendor de imaginação e que inspiração de belleza, quando todo este fetichismo, deixado como grosseiro e inculto, vem expandir-se n'estas creações, tão racionaes como engenhosas, que se chamam o polytheismo! Por

reunimos na *Visão dos Tempos, Tempestades sonoras, Ondina do lago, Torrentes* e *Miragens seculares,* dirigidos pelas doutrinas de Vico e Herder, Hegel e Comte, este nexo psychologico, determinado na Philosophia positiva é que nos deu a coordenação final.

[1] *Conservation, Revolution et Positivisme,* pag. 138. Ed. 1852.

fim, que austeridade moral, que intelligente reducção dos sêres theologicos, que vigoroso esboço do poder espiritual, quando foi dado á razão mais amadurecida, elaborar o catholicismo! Admiravel efficacidade da legenda primitiva, incessantemente apurada; da legenda, que, como um roble venerando, cujas raizes se seccam, perde as folhas e deixa d'ahi em diante sem sombra todo o sólo em redor.

«Mas, é uma cousa ainda mais maravilhosa e mais attrahente, contemplar como a historia na apparencia, tão limitada e incoherente, a pouco e pouco contornou a grande e soberana figura da Humanidade! — Emquanto a legenda imagina e preenche gloriosamente um officio indispensavel, a realidade, humilde e pequena, ajunta pacientemente os seus thesouros. A Humanidade só será conhecida quando os homens conhecerem a paragem que habitam; quando os astronomos medirem o mundo, e os viajantes explorarem a terra. Ella não será conhecida senão quando os phenomenos que nos cercam deixarem de ser maravilhas inexplicaveis; quando espiritos engenhosos captivarem o raio, decompuzerem a luz, subjugarem o calor e surprehenderem o segredo das combinações moleculares. Ella não será conhecida senão quando se adquirirem noções positivas sobre as condições da vida, e mãos activas sondarem os orgãos delicados dos vegetaes e dos animaes, colhendo uma ampla mésse de imprevistas verdades. Ella será, finalmente, conhecida, quando a Historia, até agora dispersiva, se tornar realmente a sua Historia; e, ao tempo necessario para a evolução commum, a historia deixa adivinhar a sua unidade fundamental, completando, por um ultimo trabalho, o immenso trabalho d'esta nova revelação. — Outr'ora, segundo o meio em que actuavam, a theologia e a metaphysica sua serva, deram a sua demonstração da existencia divina. Semelhantemente, a sciencia positiva dá hoje a demonstração da existencia da Humanidade. Já se não póde desconhecer o crescimento d'este ideal, a solidariedade que une o seu passado mais remoto ao seu mais longiquo futuro, e esta vida poderosa, da qual cada homem foi, é e será um orgão. Vida tanto mais potente, quanto os orgãos

individuaes forem melhores! Orgãos tanto melhores, quanto a vida da Humanidade se desenvolver mais!...

«Tal é a corôa de toda a nossa poesia e de todas as nossas bellas-Artes. Van teria sido a empreza, quando o paganismo expirou, de revivificar a esthetica que lhe estava ligada, e era de força que tudo acompanhasse a inevitavel decadencia da idéa religiosa. Não menos van teria sido a tentativa, quando pela primeira vez o catholicismo foi abalado, de querer conservar esta poesia, esta architectura e pintura, por elle inspirada. — Por toda a parte sente-se e deplora-se uma incerteza, uma decadencia, uma incohercencia, attestando, não com certeza o enfraquecimento das faculdades estheticas, mas a influencia de um meio que já não sabe communicar nem receber uma impressão. A divergencia illimitada das intelligencias tira todo o poder e toda a serenidade á poesia e suas irmãs. — A Humanidade traz um novo typo de belleza. Poetas, ella vos pedirá cantos; pintores e esculptores, ella vos pedirá telas e marmores; architectos, ella vos pedirá templos; musicos, ella vos pedirá harmonias. E d'esta inspiração commum dada a todos os genios creadores nascerá para os seculos vindouros o que a nós nos falta, gerações revolucionarias, isso que foi concedido em certa medida á edade polytheica e á edade catholica, a contemplação do bom e do verdadeiro na sua belleza ideal.» [1]

São de uma alta eloquencia as palavras do grande discipulo de Comte; revelam-nos que elle acompanhára o philosopho tambem na parte constructiva da synthese affectiva, tão desconhecida pelos que fallam do Positivismo. Comte, ao terminar a Synthese especulativa, no *Curso de Philosophia positiva*, apresenta as conclusões tão luminosamente comprehendidas por Littré; eis as suas palavras: «Á medida que um futuro proximo desenvolver emfim o verdadeiro caracter intellectual, moral e politico, proprio da existencia moderna, póde-se assegurar, que esta vida nova encontrará immediatamente uma idealisação contínua. O duplo sentimento do *verdadeiro* e do

[1] *Des progrès du socialisme.* Conserv., pag. 281 e 284.

bom, não seria nitidamente expresso sem que o sentimento do *bello*, que não é, em todo o genero, senão o instincto da perfeição rapidamente apreciada, haja tambem surgido: de modo que esta ultima acção geral da Philosophia positiva é, por sua natureza, intimamente ligada a cada uma das tres que acabam de ser examinadas.» [1] Para se generalisar este estado novo da consciencia, não existe meio mais poderoso do que a emoção artistica; na sua missão social a intervenção do poeta moderno tem uma importancia egual á do philosopho. Comte reconhecia que a synthese especulativa ou mental só poderia penetrar no povo pela synthese affectiva ou emocional: «*l'ensemble du positivisme n'ayant désormais besoin que de l'essor poétique.*» É assombrosa esta concordancia dos espiritos sobre a mesma concepção renovadora do coração, do espirito e do caracter do homem moderno. Na confusão e tropel das raças e das nações em lucta sedenta de egoismos; no furor intolerante das crenças e religiões; na avidez dos interesses individuaes, houve espiritos que n'este estertor e ranger de dentes da gehena da Historia, sentiram a harmonia indefinida annunciando a Humanidade. *Extinctis Diis, successit Humanitas!* Os Philosophos, como Pascal e Leibnitz, Condorcet, Hegel e Comte; os Sabios, como Turgot, Price, Priestley, Quinet e Michelet; e os Poetas, como Chénier, Lamartine, Prati e Victor Hugo, comprehendendo a continuidade e solidariedade humanas, tiveram a visão do *Grande-Sêr*, d'esse conjuncto ideal dos sêres passados, futuros e presentes, que concorrem livremente pela fórma affectiva, especulativa e pratica para aperfeiçoar a ordem universal. E como na idealisação dos Hymnos primitivos, *Sumna* era a boa palavra que ligava em concordia as familias patriarchaes, compete á Epopêa nova dar harmonia á acção dos povos como orgãos dependentes da Humanidade. Por esta via a Arte achará mais uma vez o seu publico e o seu destino.

Theophilo Braga.

[1] *Cours de Phil. positive*, tom. VI, pag. 759.

UM ECONOMISTA PORTUGUEZ

(ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA)

I

Sob o titulo de *Guida allo studio dell'economia politica,* o dr. Luigi Cossa tratou dos principios fundamentaes, do methodo, e das relações d'esta sciencia com outras, e escreveu a historia critica do progresso d'ella na Europa. A obra é muito estimada pelos especialistas, e tida como principal trabalho do sabio professor da universidade de Pavia; comtudo, occupando-se de Portugal, mostra que o auctor se guiou por insufficientissimas e nem sempre exactas informações; assim, referindo-se a monographias, sómente citou a memoria de Morato Roma a respeito da moeda, o livro de Serzedello Junior áccrca dos bancos, e pôz, a par d'estes trabalhos, a obra do snr. visconde de Benalcanfôr sobre a exposição de Vienna em 1873. Apesar d'estes defeitos, o dr. Cossa foi decerto benevolentissimo não levando a sua critica além d'estas palavras: «Os estudos economicos em Portugal estão ainda em peiores condições que na Hespanha».

E em verdade são taes estas condições, que nem sequer temos obras que no seu conjuncto sirvam para se conhecerem bem as phases por que têm passado as questões theoricas e praticas da economia social. Não temos, nem tivemos, um só es-

criptor que seja para esse ramo de conhecimentos o que, por exemplo, Ferreira Borges foi para o direito mercantil e Silvestre Pinheiro Ferreira para o direito publico. Em 1850, Vicente Ferrer Neto de Paiva, escrevendo a defeza da representação da universidade de Coimbra contra a lei restrictiva da liberdade de imprensa, allegava que os trabalhos scientificos dos lentes attestavam tal progresso desde 1834 que mereceria, em logar d'essa lei, alguma consideração dos governos, apparentemente ignorantes dos esforços professoraes; da lista d'esses trabalhos pertenciam, porém, á economia politica sómente os livros de Adrião Forjaz e Bernardino Carneiro, isto é, de dois escriptores que, sejam quaes forem seus merecimentos, occupam logar muito modesto na historia dos serviços prestados á sciencia social [1].

Os economistas estranhos ao corpo docente universitario tambem não eram numerosos; os livros escriptos por elles eram pouquissimos. A cultura intellectual portugueza não era ainda sufficiente para acolher bem e premiar, com a extracção de successivas edições, tratados ou elementos de economia politica, e estudos profundos sobre questões especiaes d'ella; nem sequer havia estimulo para traduzir as obras dos mestres; quem precisava de conhecimentos da sciencia das riquezas, tinha de recorrer necessariamente a livros estrangeiros; só em dois estabelecimentos officiaes, um de Coimbra, outro de Lisboa, era ella professada; e tinham sido mallogradas as tentativas da associação mercantil de Lisboa, e da associação commercial do Porto para divulgal-a em cursos livres e gratuitos. A legislação de Manoel da Silva Passos sobre ensino secundario mandava incluir no quadro d'este os principios de economia politica, mas a lei não foi inteiramente cumprida. No curso de commercio da academia polytechnica do Porto quasi não entravam noções chrematologicas; e é preciso vir até 30 de dezembro de 1852 para achar o decreto que, ampliando o ensino technico, man-

[1] *Defeza da representação dos lentes da universidade de Coimbra contra o projecto de lei ácerca da liberdade de imprensa.* Coimbra — 1850.

dou crear em Lisboa uma cadeira de economia e legislação industrial.

O dr. Cossa diz que Rodrigues de Brito propozera nas *Memorias economicas*, em 1803, a creação de uma cadeira de economia politica na universidade de Coimbra; mas que o projecto não tivera bom exito, porque a opinião publica lhe era adversa. A bem dizer o paiz não se oppunha inluctavelmente, nem dava apoio efficaz, a que n'aquelle ou n'outro instituto fossem expostas as doutrinas de Smith e Turgot; em 1803 o paiz não tinha grande influencia nos negocios do estado; a sciencia certa era morgadio da corôa; só o augusto monarcha possuia dogmaticamente faculdades metaphysicas para julgar que alimentos convinham ás humildes almas dos seus devotados subditos, e em que dóses deviam ser-lhes prudentemente ministradas; regia então os destinos de Portugal D. João VI, não como perfeito monarcha, mas sim como simples regente, visto que, ao fechar-se o seculo dezoito, se apagára officialmente a luz da razão no cerebro de D. Maria I. A D. João VI, inclito principe e varão das mais distinctas qualidades como exuberantemente o provam numerosas peças poeticas e prosaicas d'esse tempo, competia decidir se quadrava bem na alta escóla conimbricense o estudo da economia politica; se o projecto de Rodrigues Brito não se realisou, é porque a sciencia monarchica teve profundas razões contra elle.

Se o leitor quizer saber o que continha, e como foi considerado um projecto do deputado J. Rodrigues de Brito, nas côrtes constituintes de 1821, achará noticia que o satisfaça no *Instituto* de Coimbra, vol. 31.º, pag. 505. O eruditissimo lente, dr. Frederico Laranjo, ahi lhe diz que o projecto queria tres cadeiras de economia politica em Lisboa, Coimbra e Porto, ensinadas pelo catechismo e tratado de J. B. Say, emquanto não apparecesse coisa melhor; aos professores livres dar-se-iam premios e honras proporcionalmente ao numero de alumnos; e esta sciencia viria a ser, passados dois annos, preparatorio obrigado para a matricula na universidade. Pouco depois appareceram propostas de dois particulares sobre ensino de economia politi-

ca. O parecer da commissão parlamentar affirmou a utilidade de crear as cadeiras; mas a sciencia era nova em Portugal, faltavam os meios de conhecer a aptidão dos candidatos, e talvez alguns mestres attendessem mais a vans theorias e a principios genericos do que ás circumstancias peculiares de Portugal; concluindo, propunha que se recebessem compendios originaes, ou traducções, ou compilações, afim de que, sendo approvados estes trabalhos, seus auctores podessem abrir aula de economia politica; os que provassem maior aptidão deveriam ser preferidos na regencia de cadeiras publicas. Mezes depois, Manoel d'Almeida remettia ao congresso um compendio, cuja primeira parte foi impressa em 1822. A segunda tem vindo a lume no *Instituto*. As cadeiras publicas, porém, não se fundaram; e a reacção, que amaldiçoou o codigo politico de 1822, não tinha grande empenho em melhorar o ensino d'esta ou d'outra sciencia. Não foi mais feliz a proposta parlamentar de Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento, em 7 de fevereiro de 1827, para na universidade se substituir a cadeira de analytica do direito romano pela de economia politica; se teve parecer favoravel em 2 de março, não conseguiu percorrer os tramites restantes para ser lei observada.

Mas o tracto dos negocios publicos, as relações com o estrangeiro durante a emigração, e a importancia crescente dos problemas economicos obrigava ou attrahia ao estudo da sciencia das riquezas. Mousinho da Silveira, para darmos um bom exemplo de estadistas, havia estudado e meditado os principaes economistas do seu tempo. Ferreira Borges publicára em 1834 as *Instituições de economia politica*, depois de ter escripto em 1831 os *Principios de Syntelologia;* visou a que o seu livro fosse n'esta sciencia o que eram no direito romano as obras de Gaio e Justiniano; seguiu principalmente Storch, auxiliando-se tambem da reflectida leitura de todas as obras importantes então conhecidas. Agostinho Albano deu á estampa em 1838 as prelecções introductorias ao curso na associação commercial do Porto. Pelo mesmo anno Oliveira Marreca fez sahir do prélo as *Noções elementares* destinadas a compendio no curso creado pela associa-

ção mercantil de Lisboa. Em 1840 appareceu em Paris o *Précis d'un cours d'économie politique*, escripto por Silvestre Pinheiro Ferreira, que no anno anterior ahi mandou imprimir, em inglez, um resumo de uma obra de Mac Culloch, annotado, e a introducção d'um curso de economia.

Todos estes trabalhos são hoje mal conhecidos, e nem se póde asseverar que em tempo algum influissem consideravelmente no pensar dos portuguezes; todos ficaram na primeira edição; e não ha, que nós saibamos, estudo algum sobre o conjuncto das mencionadas obras d'esses aliás distinctos iniciadores ou continuadores dos estudos economicos em Portugal. Agostinho Albano e Ferreira Borges não escreveram mais sobre economia politica propriamente dita; o primeiro sómente se entregou ainda a estudos financeiros; o segundo proseguiu na cultura do direito mercantil. Silvestre Pinheiro, se posteriormente se occupou de varias questões economicas (associações operarias, *grèves*, monopolios, credito predial, etc.), dedicou-se particularmente ao direito publico.

Oliveira Marreca, embora dando-se á litteratura e á politica, provou, principalmente em tres composições, que a sciencia economica jámais deixou de merecer-lhe affectuosos cuidados; ainda antes de nomeado professor do instituto industrial de Lisboa, inscriu no *Panorama* uma série de artigos notaveis a proposito do curso de Miguel Chevalier, e outra ácerca da questão das machinas; em 1850 elaborou o relatorio da exposição industrial lisbonense de 1849; finalmente, em 1853 leu na academia real das sciencias um parecer e memoria sobre a proposta de Alexandre Herculano concernente a um projecto de estadistica.

II

Em todas estas producções, Oliveira Marreca patenteia-se profundo pensador; não recebe servilmente as doutrinas correntes, ainda que venham abonadas pela auctoridade de famosos

nomes; examina, pondera, medita e francamente expõe a sua opinião; o fallar d'elle é sempre modesto; por muito convencido que esteja das idéas que apresenta, ou das objecções que offerece, jámais a palavra denota arrogancia, jámais a critica revela pueril contentamento de derrotar um adversario. Trabalha como quem satisfaz uma aspiração de elevado espirito.

Um dos assumptos que teve de apreciar nos artigos concernentes ao *Curso* de economia politica de Chevalier foi o da missão do estado; assumpto dos mais difficeis, que tem originado os mais longos debates, as mais vastas analyses, e que ainda agora se não póde dar como perfeitamente esclarecido. Não é, portanto estranhavel que Marreca deixasse tambem o problema sem irrefutavel solução; importa, porém, saber se, ao tractal-o, mostrou conhecer os defeitos das opiniões oppostas, e seguiu o melhor caminho.

Os fundadores da economia politica têm sido persistentemente accusados de advogarem um exagerado individualismo. As palavras *laissez faire, laissez passer* servem a muito critico para prova de que elles contrariavam toda a intervenção do estado nos trabalhos particulares. As opiniões de Smith parecem confirmar a censura; e os relativamente modernos atrevimentos theoricos de Bastiat auxiliam poderosamente aquella accusação.

Comtudo o *laissez faire, laissez passer*, ou fosse proferido por Gournay, ou por Legendre, não pretendeu resumir uma doutrina completa ácerca das funcções da auctoridade; Gournay occupava-se exclusivamente das leis restrictivas do commercio e da industria; Legendre dava um conselho a Colbert ácerca das providencias que conviria tomar para desenvolver esses dois ramos de trabalho; em tal tempo, o *laissez faire, laissez passer* equivalia á justa condemnação de leis funestamente restrictivas, que não só erguiam potentes obstaculos ao commercio interprovincial, mas tambem subordinavam a penosas e injustas regras o trabalho fabril.

Quanto a Adam Smith, a sua opinião ácerca do estado foi expressa nos seguintes termos:

«No systema da liberdade natural o soberano tem só tres

deveres a cumprir: tres deveres de alta importancia, é certo, mas claros, simples, e ao alcance das intelligencias ordinarias. O primeiro é a defesa da sociedade contra todo o acto de violencia ou de invasão praticado por outras sociedades independentes. O segundo é o dever de proteger, quanto possivel, cada membro da sociedade contra a injustiça ou a oppressão de qualquer outro membro, isto é, o dever de estabelecer a exacta administração da justiça. O terceiro é o dever de realisar e conservar certas obras publicas e certas instituições que o interesse particular jamais poderia produzir, porque jamais lhe dariam lucro, embora o proveito social exceda muito o simples reembolso das despezas».

Que principios philosophicos limitavàm assim as funcções do estado? Porque haviam de ser precisamente tres, nem mais nem menos, os deveres da auctoridade soberana? Smith não deu sufficientes explicações a este respeito; é, porém, de observar que as suas palavras veem logo depois da analyse do systema mercantil e da physiocracia. As demasias da intervenção do estado, praticadas longo tempo no dominio do mercantilismo, impressionavam profundamente; e não seria de estranhar que a reacção contra ellas conduzisse a estabelecer uma theoria em que o individualismo tomasse maior importancia que a marcada por uma analyse imparcial. Mas a doutrina de Smith é muito menos incorrecta do que geralmente se pensa; os dois primeiros deveres correspondem ao respeito da liberdade e da propriedade e á consequente defeza d'ellas contra inimigos internos ou externos; não se contentando, porém, com elles, e assignando o terceiro, Adam Smith attribuiu ao estado uma funcção importantissima, qual é a de crear instituições que, embora socialmente productivas, não podem nascer da iniciativa particular. A critica dos trabalhos d'esse economista philosopho tem quasi sempre fallado d'esta parte d'elles, como se fossem inspirados por um individualismo intransigente. Contribuiram para este errado juizo não só os adversarios da economia politica, mas tambem economistas que passam por orthodoxos; opiniões radicaes d'estes fizeram crêr que tambem o sabio professor es-

cossez pensára como elles. Finalmente a discussão áccrea da liberdade de commercio e do protecciionismo aggravou a confusão das idéas; entendeu-se vulgarmente que era contra toda a intervenção do estado quem se pronunciava contra as elevadas taxas aduaneiras; e como a grande maioria dos economistas advogavam a liberdade mercantil entre as nações, concluiu-se d'ahi que á escóla de Smith repugnava essencialmente aquella intervenção.

As doutrinas de Kant, que tanto influiram na philosophia do direito, vieram tambem engrossar a corrente favoravel ao individualismo; segundo ellas, o direito era o complexo das condições pelas quaes a liberdade externa de cada um póde coexistir com a liberdade de todos; mantel-a cuidadosamente, obstar a toda a offensa do direito individual, eis toda a missão do estado; e que era isto senão uma especie de *laissez faire, laissez passer,* não como simples condemnação de leis nociva-mente restrictivas, mas como regra fundamental de direito publico? Smith havia censurado no systema de Colbert o não conceder a cada individuo a faculdade de tratar dos seus negocios particulares como entendesse, subordinando a sociedade a um vasto plano de igualdade, de liberdade e de justiça; estas palavras do professor de Glasgow não são mais individualistas do que as do philosopho allemão.

Ha, porém, uma grande differença no pensar d'elles: a formula kantiana parece dar ao estado a unica missão de fazer respeitar as fronteiras nacionaes, e a esphera do direito individual; o juiz e o soldado personificam essa missão; a auctoridade nada mais tem a fazer. Pelo contrario, na sua doutrina Smith rasga outro horisonte aos poderes publicos; incumbe-os de fundar instituições que nada têm com a segurança e a justiça *no sentido restricto;* e, como exemplos d'ellas, occupou-se especialmente das vias de communicação, dos estabelecimentos de ensino, e disse expressamente: «Para facilitar certos ramos particulares do commercio, são precisas instituições que demandam especial e extraordinaria despeza. O trato com povos incultos demanda especial protecção.» Que outras funcções do esta-

do reconheceria Adam Smith se escrevesse hoje? Qualquer que fosse o pensar d'elle nas actuaes circumstancias do mundo economico, e sob o dominio das idéas philosophicas do seculo XIX, não teria de reformar a sua doutrina para ficar ao abrigo das criticas ao exagerado individualismo. Essa doutrina pertence evidentemente ao grupo das *organisadoras* das actividades particulares, das que *socialisam* ou *estadisam* alguns trabalhos além dos que usam chamar-se da paz e da liberdade. Sem modificações verdadeiramente fundamentaes, e sem violencia da logica, poderia caminhar-se d'ella para o proprio socialismo cathedratico. A legislação protectora dos operarios e fomentadora do bem-estar d'elles não é incompativel com as idéas professadas por Adam Smith; elle proprio, tratando dos salarios, escreveu o seguinte:

«Sempre que a legislatura procura dar preceitos ás luctas entre operarios e patrões, consulta sempre estes ultimos; quando o regulamento sae favoravel aos trabalhadores, é sempre justo; quando é a favor dos patrões, já succede ás vezes o contrario; assim, a lei que obriga os donos de fabrica, em muitos ramos de industria, a pagar os salarios em dinheiro e não em mercadorias, é inteiramente razoavel; não damnifica o patrão; manda sómente entregar em numerario o mesmo valor que elle dizia pagar, mas realmente não pagava sempre, em mercadorias.»

Parece-nos, pois, injusto considerar Adam Smith como fundador de uma economia politica extremamente individualista, e Bastiat como um dos melhores representantes da escóla fundada por elle; entre o primeiro e o segundo ha uma differença caracteristica; e depois do que dissemos do philosopho escossez, basta, para a tornar evidente, accrescentar que, para o auctor das *Harmonias Economicas*, o estado só deve ter exercito e magistrados afim de conservar a ordem e corrigir as offensas da liberdade, ou solver as duvidas ácerca dos direitos individuaes.

As qualidades litterarias de Bastiat, o enthusiasmo sincero das suas convicções, os excessos theoricos de alguns de seus

adversarios, e a deficiencia de conhecimentos de historia economica na maioria do publico, deu a esse escriptor uma auctoridade excedente á que merecia; d'ahi veio tambem o considerar-se como doutrina incontroversa entre os economistas o que elle escreveu ácerca das funcções do estado; as polemicas sobre a liberdade de commercio tiveram mais uma vez consequencias analogas ás indicadas a respeito de Adam Smith.

Não queremos affirmar, e seria grave erro asseverar, que além de Bastiat não houvesse economistas que defendessem tal theoria do estado ou ainda outra mais individualista; o que asseveramos é que o publicista francez se desviou, n'um ponto essencial, do pensar de Smith; e que esse desvio não exprime o pensar de todos os mais notaveis economistas. Procure-se na obra capital de Stuart Mill, publicada em 1848, o que elle pensa a respeito das funcções do estado: reparte-as em necessarias e facultativas; se lhe perguntarem como limita o conjuncto d'ellas, e qual o criterio para distinguir as primeiras, responderá assim: «As incontestadas funcções do governo estendem-se por um espaço demasiado vasto para se murar com uma definição restricta; é quasi impossivel assignar a todas as funcções do governo outra razão de ser que não seja a *utilidade publica;* esta phrase estende-se muito longe; é tambem impossivel limitar a intervenção do governo por qualquer regra geral, a menos que não se admitta a regra bem simples e vaga segundo a qual esta intervenção não deve ser aceite, senão nos casos de evidencia da utilidade.» Perguntassem a Rossi o que pensava d'este ponto de direito economico, e elle diria que ao estado cumpre não ser simplesmente politico e defensivo, *mas tambem activo;* não de uma actividade esmagadora, mas promotora da individual; não que a combata, mas que a auxilie. Fizessem a mesma pergunta a Miguel Chevalier, quando já tinham decorrido oito annos depois da sua entrada como professor no Collegio de França, quando, portanto, já não era simples propugnador da doutrina sansimoniana; ouvil-o-iam dizer em 1848, nas *Lettres sur l'organisation du travail,* que era chegado o momento de completar a obra da assembléa nacional de 1789,

dando ao principio da associação o desenvolvimento concedido então á liberdade do individuo isoladamente considerado; ouvil-o-iam dizer que o regimen do isolamento pesa sobre cada um de nós; que pelo proprio espirito da legislação moderna a sociedade vai por um declive que leva ao estado que Hegel denominou atomistico, e no qual já não ha cohesão; que os poderes publicos deviam intervir no regimen disciplinar do trabalho; ouvil-o-iam, finalmente, discorrer ácerca do principio societario como quem acreditava que, em materia de industria, a associação devia em certos casos abranger a nação inteira.

Poderiamos investigar a opinião de outros escriptores, e principalmente a de Blanqui, o professor, que louvou a orientação de varios economistas francezes por considerarem como fim de toda a cultura humana o aperfeiçoamento *geral* da sociedade, sem excepção de classe, e condemnarem tanto o trafico dos negros, como a exploração dos brancos; Adolfo Blanqui chamava *social* a escóla que as obras d'esses escriptores estavam fundando. É, porém, desnecessario ir mais longe; os nomes já citados bastam para prova do que pretendiamos mostrar.

*

Mais de um seculo decorreu desde que foi publicada a obra de Adam Smith. Numerosos philosophos, economistas e publicistas escreveram ácerca da missão do estado; comtudo não póde ainda considerar-se como definitivamente acceite na região da sciencia uma das doutrinas a esse respeito. Para nos limitarmos ao terreno economico, as opiniões variam desde a anarchia até á maxima regulamentação de todo o trabalho; os systemas socialistas vão desde os que, nitidamente separando a propriedade publica da particular, querem uma legislação melhoradora das classes laboriosas e reguladora de certas industrias, até aos que consideram a nação como composta de operarios, trabalhando cada um d'elles na fabrica nacional; aos primeiros systemas pertence o *katheder socialismus*, do qual

já dissemos que não tem por irreconciliavel adversaria a doutrina de Smith.

III

A opinião de Oliveira Marreca ácerca do papel economico-politico do estado acha-se no trabalho que publicou no *Panorama* de 1843: não quer a indifferença da auctoridade para as questões economicas; não quer tambem a restauração do poder absoluto d'ella. Eis como se exprimiu:

«Os povos pensam, trabalham e produzem por si, porque se compõem em grande parte de adultos. Os governos protegem o pensamento, o trabalho, e a producção individual, moderando os conflictos do interesse particular de uns com os outros ou com a sociedade. E porisso *governos paternaes* são hoje disparate e anachronismo que corresponde a *povos meninos;* e governos automatos o mesmo significam que povos sem direcção. A tutela absoluta funda-se na theoria que os homens são rebanhos; a anarchia economica, no principio que são perfeitos. A primeira doaría o exclusivo da agricultura, das artes fabris, dos capitaes, das propriedades, ao governo. A nullidade economica roubar-lhe-hia a acção benefica que elle póde exercer como administrador de grandes rendas, possuidor temporario de grandes fundos, apreciador mais exacto, pela sua posição, das necessidades e recursos do paiz. A verdadeira economia politica reina entre estes dois excessos. Os estados pereceriam regidos exclusivamente por uma d'estas idéas. Os governos nunca adoptaram exclusivamente nenhuma d'ellas.»

Estas linhas mostram que Oliveira Marreca não confiava no interesse particular como sufficiente para de per si só produzir o maximo progresso geral; pelo contrario, tinha-o por incapaz de remontar-se á eminencia dos interesses publicos; e, tractando especialmente da liberdade de commercio, entendia que só o interesse social, «engrandecendo a questão com as proporções do tempo, com a mira no futuro, com as lições da experiencia, com o pensamento da perpetuação da nacionali-

dade », podia e sabia resolvel-a proveitosamente. Chegando a exagerar uma vez os serviços do estado á civilisação, attribuia-lhe a maior parte dos modernos progressos, que, no seu dizer, « refutavam com estrondo a doutrina do quietismo economico, o *laissez-faire* da auctoridade, mostravam a impotencia do interesse particular, e declaravam que nenhumas instituições economicas podem organisar-se sem a intervenção e a vigilancia das forças collectivas da sociedade. » [1]

Se lhe respondessem com exemplos, qual o da Inglaterra, vulgarmente considerada como o paiz do *self-governement* em materia economica, elle não só responderia que é incorrecto o consideral-a assim, e opporia aos admiradores da Gran-Bretanha a penuria de muitos habitantes d'ella, mas tambem deixaria entrever que o seu espirito se inclinava á intervenção do estado para minorar esse mal publico.

« A miseria de uma numerosa parte de seus naturaes, escrevia elle em 1843, como que está intimando que a actividade do homem e o apuro da arte, por grandes que sejam, não bastam á felicidade material das associações humanas; *é indispensavel que a justiça venha fazer officio de medianeira no conflicto da miseria com a riqueza e sanccionar a lei da vida, que é o direito primordial da nossa especie, assegurando um logar a cada individuo no banquete em que todos devem ter quinhão* ».

Tambem não o seduziam as doutrinas de liberdade mercantil, advogadas principalmente na Gran-Bretanha, e por ella recommendadas como extremamente uteis a todas as nações. O exame do trabalho, que acabamos de citar, mostrará como pensava a este respeito.

Rodrigues de Freitas.

[1] *Sociedade promotora da industria nacional. Exposição da industria em 1849. Relatorio geral do jurado.* Lisboa, 1856, pag. 61.

A CAVALLARIA PORTUGUEZA

NA EDADE MÉDIA

A Cavallaria, instituição — Cavallaria militar e Cavallaria de honraria — Formaturas, tactica e emprego habitual da Cavallaria na Edade Média

Não é da Cavallaria como caracteristica instituição social da Edade Média que me proponho tratar; mas unicamente da Cavallaria sob o ponto de vista militar. Não tenho de me occupar, embora seja esse um estudo muito digno de attenção, d'aquillo que, na opinião de Philarète Chasles, representa, com o nome de Cavallaria, um conjunto de costumes, de idéas, de habitos, peculiares á Meia Edade, o que não tem coisa analoga nos annaes humanos.

Não necessito, pois, de investigar se ella foi, no seu intuito, como quer Rœderer [1], uma alta conspiração dos senhores feudaes contra a realeza e o terceiro estado; se, na sua origem, foi, segundo Voltaire, o producto da anarchia dos tempos carlovingios, proveniente da associação dos senhores feudaes contra o morticinio e a pilhagem; ou se, como o pretende Chateaubriand, foi uma mescla do elemento arabe com o elemento septentrional, do natural galanteador dos mouros com a fidelidade dos germanos, — explicando assim o seu particular caracter e a sua missão [2].

[1] *Louis XI et François I.*

[2] *Études historiques,* préf. à *l'Histoire de France.*

Não tenho de ir aos Eddas, no Tacito, ou aos Niebelungen para investigar as suas origens poeticas, nem descer até á sublime creação do *D. Quixote* para percorrer, da aurora ao occaso, essa brilhante quadra com todas as grandezas e defeitos que lhe imprimiam caracter, acabando finalmente por ter na obra de Cervantes um tumulo condigno. Não tenho de fazer resurgir n'estas paginas as figuras lendarias, quer phantasiadas, quer reaes, de um Lançarote [1], de um Amadis de Gaula, ou de um Magriço; nem de perscrutar até que ponto foi original ou imitada, duradoura ou ephemera a instituição da Cavallaria entre nós, e até que ponto sympathica ou condemnavel a sua acção social.

Producto do meio em que surgia, a Cavallaria foi rude e sanguinaria com os teutões e francos; romanesca, sentimental e monastica na Peninsula Iberica; senhorial e aristocratica na Inglaterra; poetica e galanteadora na Provença, d'onde irradiou por toda a Europa os seus moldes litterarios e os seus habitos de gentileza; mas em toda a parte soube imprimir cunho e originalidade.

Radicada ás qualidades de corrupção e ferocidade do tempo, mas começando já a ser alumiada pelo clarão espiritual da idéa christã, a Cavallaria foi um amalgama caracteristico de quanto podia produzir de bello e repugnante, de sublime e odioso, uma época em que se entrechocavam as mais rudes tradições barbarescas e as mais generosas aspirações da civilisação. Houve mesmo n'esse periodo qualidades proeminentes que não mais se manifestaram com aquella intensidade e relevo. O respeito pela fé jurada, a generosidade, a valentia, o culto pela força e pela belleza, o acatamento da tradição, a crença n'essa coisa ideal e luminosa, que nunca se consegue attingir, mas que inspira tantas acções boas e tantas dedicações sublimes; e finalmente, o culto pelo *ponto de honra* teve-os a Cavallaria como nenhuma outra instituição. Apresentou, porém, grandes defeitos, e, alguns d'elles, defeitos das suas qualidades, as quaes

[1] Lancelot.

apressaram a sua ruina, com a mudança radical da moralidade e dos costumes. O reflexo d'esses mesmos defeitos acabára tambem, mais tarde, com a Aristocracia.

Foi comtudo a Cavallaria um elemento resistente durante quatro seculos, oppondo mesmo ás influencias christãs uma reacção mais forte na Irlanda, na Noruega, em Saxe e na Turingia. Não é porém meu fim occupar-me aqui da Cavallaria sob esse aspecto.

Sob o ponto de vista militar póde-se aceitar a opinião de que ella fosse um embaraço para o progresso do aperfeiçoamento da instituição das armas, que não podia circumscrever a sua acção ás luctas, embora valorosas, corpo a corpo, e que necessitava de aproveitar todos os elementos de guerra, fazendo-os concorrer para o mesmo fim: a aniquilação do inimigo; visto que a guerra outra coisa não é senão o emprego de todos os meios para atacar e defender. O desdem pelos que combatiam a pé, reputando-se honrados só os que pelejavam a cavallo, e, sobretudo, o profundo desprezo pelos que, servindo-se das armas de arremesso ou de fogo, evitavam a lucta corpo a corpo, — a unica que se considerava digna de homens de honra, — fazia com que não se concebesse outra fórma de combate.

Observa o escriptor militar francez tenente-coronel Rocquancourt, director de Estudos na *Escóla especial militar*, que a existencia simultanea da tactica e da antiga Cavallaria era de uma impossibilidade absoluta; tanto os seus principios eram oppostos.

« A primeira repellindo toda a acção individual e retalhada, prescreve exclusivamente o emprego das massas; a segunda, pelo contrario, ignorando, ou desdenhando a arte de organisar e dirigir essas massas, não reconhece e não estima senão a proeza *(prouesse)*, palavra antiga mas muito expressiva, para indicar um feito de armas isolado, no qual o heroe deve mais á sua força physica do que á reflexão. » [1]

[1] Rocquancourt, *Cours complet d'Art et d'Histoire militaire*, tom. I, 3.ª ed.

Com effeito, o acto de força physica e de destreza era o grande, o unico processo de guerra na Edade Média, sendo tudo mais accessorios sem valor; as guerras eram, por assim dizer, duellos individuaes, e ficaram memoraveis os actos de um Godofredo de Bouillon, que partia ao meio um sarraceno com uma espadeirada; de um Raymundo de Antiochia, que fazia parar um cavallo a galope, apertando-o entre os joelhos; de um D. Duarte, rei de Portugal, que foi o primeiro cavalleiro do seu tempo, e com o cavallo á desfilada levantava do chão uma vara, e com o menear do corpo desviava todos os golpes [1].

Se as Côrtes de Amor eram a escóla do sentimento, as justas, os torneios, os passos de armas eram a grande escóla da guerra. As armaduras chegavam a ser de tal ordem que para vencer o cavalleiro era necessario matar o cavallo, mais exposto, apesar de tambem arnezado; e, apanhado em terra o cavalleiro, era mister um machado para lhe romper a couraça!

Mas o arcabuz [2], que foi ao principio considerado a arma dos cobardes [3], pois feria de longe, sem o atirador ter a coragem de se pôr cara a cara com o inimigo, venceu a causa da infanteria, aperfeiçoando-se successivamente o tiro de bala, que passou a ser o meio principal da guerra. Já antes d'isso o pique, armando a infanteria, — elevada á categoria de arma de resistencia e de combate, a exemplo dos suissos, povo refractario ás influencias da Cavallaria —, constituira nas mãos do portuguez um instrumento excellente, que elle soube aproveitar com excepcional destreza e energia. Nas nossas guerras de guerrilhas o chuço tem sido nas mãos do povo um terrivel instrumento de morte, e parece ser a nossa arma tradicional, pois

[1] Fária e Sousa.

[2] Entrou em Portugal em 1528 ou 29, a regularmo-nos pela seguinte noticia: « E arcabuz ha sete ou oito annos, pouco mais ou menos, que veiu ter nesta terra com seu nome nunca de antes conhecido nella.» Fernão de Oliveira, *Grammatica*, ed. de 1536.

[3] Dizia Bayard, fallando do arcabuz: « C'est une honte qu'un homme de cœur soit exposé à perir par une miserable *friquenette*.»

já Estrabão dizia dos lusitanos que « se serviam de lanças com ponta de bronze ».

O pique nas mãos da nossa infanteria não desmereceu, antes fortaleceu os seus creditos.

Combater a pé passou a ser tambem honroso para os que se convenceram de que eram legitimas as conquistas da tactica sobre o exclusivismo da acção individual. O que no seculo XI se apontava como caso raro, isto é, o apear-se o cavalleiro para combater, passou a ser vulgar, e o exercito a pouco e pouco foi-se constituindo n'um machinismo complexo, d'onde haviam de sahir esses organismos admiraveis e terriveis, — os modernos corpos de exercito.

A Cavallaria tinha de ceder na primazia absoluta; mas ficava ainda com um papel decisivo e importantissimo. O termo das guerras das cruzadas, onde o seu exclusivismo não lhe dera a garantia da posse effectiva das suas conquistas, as quaes, com o auxilio da infanteria, teriam sido muito mais efficazes e duradouras; a organisação dos exercitos permanentes; as guerras dynasticas, obrigando os Estados a concentrarem as suas forças e a aperfeiçoal-as; a centralisação do poder real; a descoberta das armas de fogo; o predominio da gente de pé nas conquistas dos nossos navegadores; a sciencia da guerra, emfim, accentuando por todas as fórmas a supremacia da tactica, isto é, da commum acção de todos os elementos da guerra, n'um conjuncto homogeneo e equilibrado, tiraram á Cavallaria aquella feição particular, aquella missão absorvente que ella se arrogava; mas não lhe podiam tirar, na concorrencia dos componentes da acção, o papel que sempre teve e continúa tendo, por uma maneira cada vez mais exigente e de responsabilidade.

* * *

A defeza do territorio era, no antigo direito senhorial, privilegio exclusivo dos nobres. Em Portugal coube, porém, esse encargo, nos primeiros momentos da monarchia, aos que acom-

*

panharam aqui o conde D. Henrique, e aos que depois se nobilitaram, batalhando ao lado d'elle, e conquistando, pelo seu valor, fóros de indiscutivel fidalguia.

O dominio dos arabes na Peninsula aniquilára a antiga nobreza gothica, cujas reliquias se haviam refugiado nas Asturias e na Cantabria, soffrendo, por conseguinte, n'esse isolamento, transformações inevitaveis. Na concorrencia entre individuos reunidos n'uma sociedade restricta, as antigas preeminencias nivelaram-se com as que as circumstancias foram creando, sob o influxo das novas condições sociaes. A nobreza teve de buscar os seus melhores pergaminhos nos feitos de armas contra o sarraceno dominador; e, necessariamente, o que succedia em Hespanha era secundado em Portugal pelos que de lá vinham fundar os alicerces d'uma monarchia sobre as ruinas do imperio mourisco.

As conquistas não só deram brazões, mas riquezas, e estas foram um titulo, não menos seguro, de nobreza para os que o povo humilde e miseravel chamava os *ricos-homens*, titulo mais tarde honrado pelos reis, que o reconheceram, distinguindo aquelles de quem dependiam, para terem sempre á sua disposição um nucleo certo de servidores, assoldadados com o dinheiro d'aquelles potentados. Estes serviços eram compensados com donativos, regalias e privilegios.

Eram pois os ricos-homens — senhores de *pendão* e *caldeira* [1] — com os seus subordinados, e toda a mais fidalguia,

[1] O *pendão* era a signa individual de cada rico-homem, em volta da qual os seus pelejavam. A *caldeira* era a do rancho commum. No convento de Alcobaça está uma de ferro, tomada aos hespanhoes em Aljubarrota.

« Teve principio esta dignidade (rico-homem) com os mais calamitosos tempos da monarchia gothica, porque, com a sua fatal dissolução, aquelles poucos magnates que ficaram, como mal apagadas faiscas, sobresahiram de entre o lume do incendio, acolhendo a miseravel plebe que desgarrada andava, formavam a esquadra de que se faziam caudilhos para contratar a ultima violencia, mal reduzida com as debeis rapinas que, se não reparavam, suspendiam a extrema necessidade; por cujo amparo, em gratificação, lhes davam o titulo de ricos-homens, e era toda a sua riqueza uma caldeira, em que se guizava o vulgar alimento para a misera gente, e um pendão e armas com que acaudilhavam os ditos.

quer aristocratica, quer do povo, que, sob o mando supremo do rei, se apresentavam na guerra com as suas bandeiras, e defendiam valorosamente a causa commum, ou caminhavam para uma empreza de interesse geral, cobrindo-se de honrarias elles, e de gloria o seu paiz.

É Egas Moniz o primeiro rico-homem que com tal titulo se nos apresenta na nossa historia; e é d'essa classe de nobreza que vimos sahir successivamente, no decurso dos tempos, desde Affonso v, os titulos de duques [1], e marquezes [2], á imitação da

« Eram chamados proceres, magnates, optimates, altos e ricos-homens; era tão grande a sua dignidade que não podiam os reis fazer coisa alguma grande sem seu conselho, e tinham voto activo e passivo nas eleições do rei. Em cuja memoria os reis de Oviedo e Leão, confirmando a justissima investidura do povo, começaram a instituir os ricos-homens e os maiores senhores d'aquelle tempo, e em sua imitação os reis de Navarra, Aragão e Portugal, de cujo nobilissimo caracter eram divisa umas caldeiras com que alimentavam os soldados, e aquella era o pendão com que arvoravam contra os inimigos.

« A ceremonia em que se creavam era a mais apparatosa que soube inventar a vaidade, porque primeiro velava suas armas o candidato com todas as observadas ceremonias da Cavallaria, e depois era levado por todos seus parentes e grandes do reino ante el-rei, de cuja mão, de joelhos, recebia o pendão com as caldeiras, como signal da preeminencia que, como general, lhe dava em a gente de guerra, a quem era obrigado não só a amparar, mas alimentar; d'aqui tiraram os reis successivos as mesmas ceremonias para a investidura de condes e mais titulos. » *Genealogias varias*. Man. da Bibliotheca Publica de Lisboa.

1 Duques, de *ducere*, conduzir; eram primitivamente os que conduziam as hostes; posteriormente eram poderosos governadores de provincia e senhores de terras. O primeiro duque que houve em Portugal foi o infante D. Pedro (duque de Coimbra), filho de D. João I.

2 O primeiro marquez foi o de Valença, antigo conde de Ourem, no tempo de D. Affonso V. A palavra marquez, de origem allemã, fal-a Duarte Nunes de Leão derivar de *marcha*, « que quer dizer divisa ou limite entre provincias, como diz Vdalrico Zazio, no *Tratado dos Feudos*, p. I, cap. I, d'onde se chamaram marquezes os capitães que eram das provincias das fronteiras e d'ahi teve principio na dignidade. » *Origens da Lingua Portugueza*, cap. XIII. Com effeito, *marcha* ou *marca*, quer dizer toda a circumscripção de terra demarcada ou delimitada. Michelet, *Origine du droit français*. Outros fazem derivar a palavra de *mark*, que em gaulez, segundo Pausanias, queria dizer cavallo. Entre os germanos designava antigos officiaes de cavallaria, incumbidos de guardar as fronteiras, as quaes ficaram chamando-se *marche* em francez, e *marken* em allemão. Vicomte de

Inglaterra e da França, e ainda anteriormente os condes [1], titulo de antiga origem romano-peninsular.

Conjunctamente aos *ricos-homens* — grandes do reino, senhores feudaes, senhores de castello e fortalezas, conselheiros d'el-rei — figuravam os *infanções*, filhos segundos d'aquelles, e os *vassallos*, quer fossem fidalgos *acontiados*, quer da classe abastada do povo, e que se distinguiam em cavalleiros, besteiros a cavallo e peões [2]. O cavalleiro da classe, por assim dizermos, aristocratica do povo, ou cavalleiro villão, correspondia ao *privado* wisigothico e ao *herdador* nas monarchias de Leão e Oviedo.

Estas distincções entre *vassallos*, que no tempo de D. João I se nos apresentam agremiados por comarcas, foram desapparecendo com o tempo, passando o titulo de vassallos a todos os subditos portuguezes que foram, sem distincção, obrigados a servir na guerra, dos dezoito aos setenta annos, mais tarde reduzidos a sessenta [3], sendo o tempo de serviço de seis mezes, pelo menos, em cada anno.

Isto lhes dava, durante o periodo de alistamento, direitos a privilegios que aos que serviam na guerra vinham já dos tempos anteriores á monarchia, e que se estendiam até á viuva e filhos [4].

Vaullan, *La France au temps des Croisades*. — Entre nós temos a palavra *marco*, significando limite, demarcação, etc.

[1] De *comes*, companheiro; e, segundo a nobiliarchia portugueza, *conde* teve principio nos dois consules que os romanos elegeram, um para governar as coisas de guerra, outro para as de paz, e considerados companheiros, iguaes, *a par*, do rei. Os imperadores nomearam depois certo numero de letrados e militares, a que chamaram condes. *Genealogias varias*. Man. cit. — Os primeiros condes vieram com o conde D. Henrique.

[2] Havia os cavalleiros fidalgos, antigos *miles* ou *milites*, e cavalleiros simples ou villãos, antigos *cavallarii* ou *milites vilani*, não fidalgos, tambem chamados escudeiros por trazerem um pequeno escudo branco. — Herculano, *Historia de Portugal*. — Viterbo, *Elucidario*.

[3] Regimento de 10 de dezembro de 1570.

[4] Foral de Coimbra, dado na 7.ª calenda de junho da éra de Cesar de 1140, ou 1111 da éra christã. Ap. *Diccionario juridico* de Andrade e Silva.

A Cavallaria não só tinha a preeminencia na hoste, mas, pelos nucleos certos constituidos pelos fidalgos, e com os quaes o rei podia contar nos momentos de perigo, representava, por assim dizer, um exercito permanente, ou de relativa permanencia, e do qual se dispôz sempre nos lances criticos da vida da nação.

Já no seculo XII encontramos a Cavallaria em Portugal com uma certa organisação, sujeita a regras e preceitos tradicionaes, não como orgão dependente do mecanismo complexo chamado exercito, mas como corpos autonomos, com a solidez e unidade bastante para constituirem um terrivel elemento destruidor nas luctas corpo a corpo. Comtudo, o que se chama propriamente organisação, só podemos encontral-a, rudimentarmente, no tempo de D. Fernando, nos seus sabios regulamentos [1], elaborados com os elementos, não só da tradição peninsular, mas da experiencia e sabedoria estrangeiras; e mais tarde no tempo de D. Affonso V, no seu excellente *Regimento de guerra* [2].

Até ao seculo XIV, emquanto a infanteria, ou *peões*, combatia um tanto desordenada e livremente, armada de béstas, fundas, arcos e flechas, paus tostados, arremessões, maças, barras, gadanhas e outras armas, a Cavallaria tinha na experiencia dos capitães os seus regimentos, onde havia muito da sabedoria romana, gothica e sobretudo arabe [3].

1 Concorreu para isso a vinda a Portugal do general duque de Cambridge, depois genro de el-rei. D'essa época data, como veremos, a creação dos cargos de *condestavel* e *marechal*, que deram maior unidade de acção ao commando superior do exercito. Depois do conde de Cambridge tivemos outros generaes estrangeiros, como educadores do nosso exercito: — o conde Schomborg, no tempo de D. João II; o conde de Schaumbourg Lippe no de D. José I, e finalmente Beresford, marquez de Campo Maior, no principio d'este seculo.

2 *Ordenações do Senhor Rey D. Affonso V*, Liv. I, tit. II.

3 «... pello que se escreve nas Historias e com bom juizo se póde entender d'ellas, eu creo que da Milicia dos Mouros (contra quem outo seculos campearam as armas de Hespanha) recebemos a maior parte dos institutos militares; tanto por ser esta a ultima nação com que batalhamos, quanto por se julgar por mais bellicosa que as antigas, como se viu no effeito... Esta doutrina, sobre barbara,

A infanteria pouco mais era do que a auxiliar da Cavallaria, e juntas formavam a *hoste*.

* * *

O primeiro cavalleiro, nos difficeis transes da guerra era o rei: — assim o foi D. Affonso Henriques em Ourique e Santarem, D. Sancho nas batalhas do Algarve, e D. Affonso III, e D. Affonso IV, e D. João I, e D. João II, e D. Sebastião, e D. João IV.

Cavalleiros eram os homens commandados pelo *guarda-mór*, e depois pelo *capitão de ginetes* [1] a quem era confiada a guarda do rei, em numero de 20 no tempo de D. Affonso V, «armados de cotas e barretas, braçaes, lanças e espadas» [2], e que houve tempo em que foram em numero de 200, chegando a formar 4 companhias no tempo de D. Pedro II [3].

A Cavallaria era a flôr, a nata da sociedade portugueza.

Paulo Lacroix [4], o celebre «Bibliophile Jacob», fallando da Cavallaria da Meia Edade, diz que ella era «uma associação fraterna, ou antes um compromisso enthusiastico, entre gente de coração e de coragem, de delicadeza e de dedicação.»

Nascida da lucta a monarchia lusitana, e na lucta revigorada, não podia deixar de ser para ella os seus homens mais considerados e queridos aquelles que pelo seu valor e coragem consolidavam e impunham ao respeito universal a pequena monarchia que surgira de um campo de batalha. E sendo a Caval-

proveitosa, se estendeu mais especialmente o uso de Cavallaria, em que os africanos mostram maior destreza.» — Francisco Manuel de Mello, *Epanaphora tragica*.

[1] O cargo ou titulo de *capitão de ginetes* foi creado por D. João II na pessoa de D. Fernando Martins de Mascarenhas, commandante da guarda real. A guarda de *alabardeiros* foi creada por D. Sebastião, para sua segurança pessoal.

[2] *Ord. Aff.*, Liv. I, tit. LI, §. 6.º

[3] Dec. de 7 de maio de 1704, e *Regimento* de 11 do mesmo mez.

[4] P. Lacroix, *La vie militaire au Moyen-âge et à l'époque de la Renaissance.*

laria a força principal, e sem competencia n'aquelles tempos, comprehende-se que no heroico exercicio d'ella estivesse o principal meio do portuguez se nobilitar e ascender ás maximas honrarias e grandezas.

Assim tivemos, com categorias distinctas, mas com uma funcção commum na guerra, a Cavallaria propriamente chamada militar, e a Cavallaria de honraria; sendo aquella composta de cavalleiros armados na guerra, onde conquistavam as suas esporas de ouro, ou dos seus descendentes, e esta dos cavalleiros pertencentes ás ordens religiosas.

Ainda em 1642 [1] o servir na Cavallaria pertencia particularmente ás pessoas nobres e fidalgas; ainda no principio d'este seculo a tradição da fidalguia existia n'aquella arma, onde de preferencia se alistavam os filhos da classe nobre; mas o certo é que, desde os primeiros tempos, essa honra podia ser conquistada no campo da batalha, podendo os peões chegar a cavalleiros, e mesmo a cavalleiros de esporas d'ouro, e serem recebidos nas ordens militares.

Os que não tinham alcançado na batalha a honra de cingir a espada, de afivelar a espora, de enfiar o escudo e empunhar a lança ou a facha d'armas, se a possuiam é porque a haviam obtido de herança, pela nobreza da sua descendencia.

Aos sete annos era o filho do nobre conduzido aos paços reaes, ou aos ricos solares, para alli ser educado ao cuidado de illustres damas, no culto da religião e das armas; aos quatorze [2], assistido por seus paes, o joven pagem era pelo sacerdote investido aos pés do altar, na qualidade de escudeiro, sendo-lhe cingida pelas ungidas mãos a espada que elle era incumbido de honrar e ennobrecer. Aos vinte [3], se no campo de batalha não

[1] Alv. de 6 de fevereiro.

[2] Nos velhos costumes godos era aos quatorze annos que se dava aos mancebos a emancipação social e guerreira, entregando-se-lhe, n'uma ceremonia especial, a espada, a lança e o escudo. — Pilkington, *History of the Goths.*

[3] Ha exemplo de serem armados cavalleiros de menor edade; assim succedeu a Nuno Alvares Pereira. Quando a rainha D. Leonor Telles o quiz armar, não havia capacete que lhe servisse, tão pequeno era o futuro Condestavel; foi preciso

tivesse tido melhor ensejo de ascender á dignidade superior [1], era armado cavalleiro com grande pompa, juntando-se as ceremonias militares ás religiosas, afim de receberem no honrado gremio o illustre novel [2].

Essas ceremonias, — como o velar as armas; o jejum; o recolhimento durante tres dias n'uma capella, para rezar; as vestes brancas do neophyto, symbolisando a pureza; a benção da espada, o ceremonial da investidura, — davam ao caso um caracter de grandeza e gravidade.

Isto impunha ao homem, assim enaltecido, o indeclinavel dever de conservar religiosamente as suas armas, sem poder dispôr d'ellas para fins menos dignos, — como vendendo-as, empenhando-as no jogo ou nas tabernas, deixando-as em mãos de barregãs; de não praticar actos vis no contracto com os homens, nem mostrar cobardia nos momentos difficeis [3]. Qualquer d'estes irreparaveis crimes de lesa-dignidade era motivo para desautoração, ceremonia tão solemne como a da investidura, em que a mão de um escudeiro cortava com um cutelo, ao homem condemnado a ser expulso do gremio da Cavallaria, a cinta da espada e a correia das esporas, que não mais podia tornar a usar [4].

Comprehende-se, pois, como era realmente composta de

servirem-se do capacete de D. João I, que tambem muito menino fôra investido n'aquelle grau. Em todo o caso estava estabelecido que antes dos vinte annos não se podesse receber tal honraria. Em França a edade limite era de vinte e um annos, e cita-se como raro exemplo o facto de S. Luiz, escrupuloso respeitador das regras da Cavallaria, haver armado cavalleiro aos dezeseis annos o filho do principe de Antiochia.

[1] A ceremonia no campo de batalha, sobre os despojos do inimigo, ou geralmente em vespera de batalha, era da maior simplicidade. Bastava o logar e a circumstancia para lhe dar toda a importancia e valor.

[2] São tradicionaes, entre outras, as pompas com que foram feitos cavalleiros, por el-rei D. Pedro, o primeiro conde de Barcellos, D. Affonso Tello, e, por el-rei D. Affonso V, seu irmão D. Fernando.

[3] *Ordenações Affonsinas.*

[4] Quando o crime era de maior gravidade a desautoração era incumbida ao carrasco.

gente distincta, não só pelo seu valor, mas pelas suas qualidades de educação e de caracter, a Cavallaria, a flôr, o nucleo, a fibra da aguerrida milicia medieval portugueza. Era uma escóla de guerra, onde a lucta pela vida, uma lucta de todos os momentos, estabelecia a selecção, convertendo Portugal n'uma especie da antiga Sparta, dos costumes sobrios e do culto pela força e pela coragem [1].

Ao primeiro alarme os tinhamos reunidos sob o estandarte real, conduzido pelo *alferes-mór* [2], e que era como que a bandeira do mastro grande, na capitaina, a sobrepujar a toda uma floresta de mastros empavezados de uma forte armada guerreira; cada povo, cada capitão levava á sua insignia, em volta da qual pelejavam.

A Cavallaria formava massas de ferro, verdadeiros couraçados, que ora manobravam isoladas, ora reunidas, formando catadupas irresistiveis.

* * *

1 As *Ord. Aff.*, quando tratam dos cavalleiros, «como e por quem devem ser feitos e desfeitos», dizem que tres cousas necessitam os defensores do paiz, a saber «esforço, honra e poderio», e dão as razões porque são os cavalleiros aquelles a quem «mais principalmente pertence a defensiva». Liv. I, tit. LXIII. Segundo Tacito, os germanos não confiavam armas aos mancebos antes das tribus os reconhecerem aptos e em condições de poderem usar dignamente d'ellas. Só então é que perante a assembléa, um dos chefes, ou o pae, ou um parente lhe entregava o escudo e a lança (framea). — Tacito, *Costumes dos Germanos.*

«Cavalhero chamam, e dizemos cavalhero ao homem nobre; a toda a acção boa, que se obra, chamamos cavalharia e lance de cavalhero; á generosidade, á liberalidade, ao primor, ao bom trato, ao valor, á cortezia, á ostentação, ao lusimento, ás coisas que mais se estimam no mundo, alli chamâmos de cavalhero.» — *Instrucções de cavallaria de brida*, por Antonio Pereira do Rego.

2 Alferes, da palavra arabe *fereze*, que correspondia a cavalleiro, e que queria dizer porta-bandeira. Alferes-mór era o que levava a signa ou bandeira real, quando o rei commandava a hoste em pessoa; era uma bandeira que dava o signal de combate, e não se desenrolava senão em batalha campal, seguindo todas as mais bandeiras o exemplo. A bandeira real era maior que as mais bandeiras e pendões.

Nos primeiros dois seculos da monarchia, emquanto o exercito se não organisou n'um corpo uniforme, a guerra tinha geralmente o caracter de uma correria, ou de uma expedição de mão armada, que, ora se realisava com grande poder de milicia, ora por meio de partidas mais ou menos numerosas.

Isto na offensiva; na defensiva era um combate corpo a corpo, em volta dos castellos, ou das povoações, que tinham de estar quasi sempre álerta, com os seus *escuitas* e atalaias a postos, para ao menor signal do inimigo o denunciarem, procedendo-se immediatamente ao *appellido*, ou convocação de todos os homens validos, por meio de trombetas e rebate de sinos. Todos pegavam então nas armas que tinham obrigação de ter, montavam a cavallo os que eram obrigados a mantel-o, e sahiam a campo, a maior parte das vezes desordenadamente, devendo o bom ou mau exito do conflicto á sua maior ou menor destreza e coragem.

Como o caracter subitaneo d'estes ataques e emprezas requeria principalmente a Cavallaria, para a promptidão do golpe e rapidez da retirada, a força de cavallos com que levavam a effeito as expedições ou *cavalgatas*, como então lhes chamavam, dependia da qualidade d'ellas.

Ou era uma empreza de maior monta e a *hoste* marchava com poderosa mão armada, capitaneada pelo rei, ou a expedição se effectuava em *mesnadas* de força variavel, tendo por caudilhos, quer o alcaide, quer pessoas de reconhecida auctoridade.

Na *hoste* era a seguinte a disposição d'essa grande unidade, que hoje chamariamos exercito: repartia-se em quatro ou cinco corpos, depois chamados *batalhas* (ordinariamente quatro) [1], a saber: a vanguarda [2], denominada *dianteira*, a retaguarda [3], ou *çaga*, e as alas dircita e esquerda, ou *costaneiras*.

[1] Na tomada de Sevilha (1130) pelo infante D. Sancho, depois rei de Portugal, o exercito foi dividido em cinco batalhas. — *Chronica d'El-Rei D. Affonso Henriques*, por Duarte Nunes de Leão.

[2] Bemguarda, ou avanguarda, ou vanguarda, segundo a época.

[3] Reguarda, ou retroguarda, ou retaguarda.

Quando a divisão era em cinco corpos ou batalhas, um era collocado no centro, e chamava-se batalha *média* [1].

A dianteira era um corpo de *élite* commandado em geral pelo primogenito do rei, ou por um capitão de relevante merito, e composto dos fidalgos mais distinctos; na *çaga*, cujo commando ordinariamente era dado a um filho bastardo do rei, iam os nobres de menor categoria, e as costaneiras eram commandadas pelos filhos segundos do monarcha.

Quando não fossem principes ou infantes, como então os chamavam, os que capitaneavam estas grandes fracções, era o cargo confiado a homens de armas de reconhecido valor e alta linhagem.

Na batalha de Aljubarrota assim succedeu, e o grande Camões descreve-o do seguinte modo:

Os primeiros armigeros regia
quem para reger era os mais possantes
orientaes exercitos, sem conto,
com que passava Xerxes o Hellesponto.

Dom Nuno Alvares, digo, verdadeiro
açoute dos soberbos castelhanos... [2]
. . . . . .
Outro, tambem famoso cavalleiro,
que a ala direita tem dos Lusitanos,
apto para mandal-os e regel-os,
Mem Rodrigues, se diz, de Vasconcellos.

[1] A batalha média foi depois conhecida pela *batalha* propriamente dita, ou *corpo*, conservando as duas, anterior e posterior, os nomes de vanguarda e retaguarda. — *Arte militar*, de Mendes de Vasconcellos. — *De re militari*, manuscripto da Bibliotheca Publica.

[2] Este Nuno Alvares, diz o *Chronicon Conimbricense*, era muito certeiro em armar as batalhas e vencel-as, em nome d'aquelle senhor (o Mestre d'Aviz), que o fez contra grandes cavalleiros e senhores de Castella.

Era filho do prior do Hospital Alvaro Gonçalves Pereira, e com a filha d'elle casou el-rei D. João I seu filho D. Affonso, a quem deu o primeiro titulo de duque de Bragança.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
que depois foi de Abrantes nobre conde,
das gentes vai regendo a sestra mão.

Logo na retaguarda não se esconde
das quinas e castellos o pendão,
com Joanne, Rei forte em toda a parte,
que escurecendo o preço vai de Marte.

· Lus., cant. IV, est. 23, 31, 25.

(Continúa).

Christovam Ayres.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Aquarellas, por João Diniz, prefaciadas por Eça de Queiroz — **Intimas**, por Christovão Ayres

As *Aquarellas,* de João Diniz, não envelhecem nem murcham d'um dia para o outro. Por isso, embora sahidas do prelo ha já algum tempo, tem ainda actualidade no nosso Boletim a noticia que se refira a esse bello livro de versos.

O magnifico prefacio com que o snr. Eça de Queiroz enriquece o volume define-nos e aponta-nos claramente a corrente ou tendencia em que vai o espirito do poeta através das 140 paginas da obra.

João Diniz tem o raro valor de nos dar sentimentos e impressões sinceras dentro d'uma fórma limpida, em que se não nota ou adivinha um exagerado esforço d'arte.

Essa limpidez, que nos deixa vêr e sentir quanto excitou e feriu o coração do poeta, assemelha-se mais á d'uma agua viva, que se espraia dôcemente, do que ao brilho d'um diamante, que um obreiro paciente, como os lapidarios de Amsterdam, estivesse polindo durante dias e noites.

Ás vezes nota-se, mesmo, uma ou outra negligencia de menos bom effeito. Mas são ellas poucas, e a fórma clara e simples do livro dá-nos, na verdade, um grato encanto e um fresco aroma da vida, que parece ser por nós directamente aspirado n'essas paginas.

É como se, — depois de percorrermos — ao lêr tantas e tão requintadas e artificiosas obras de uma penivel litteratura de decadentes — um museu de objectos raros, n'uma curiosidade intensa — abrissemos uma larga janella deitando sobre os campos, e de lá nos viesse o bafo morno das coisas vivas: da leiva humida, das arvores escorrendo seiva, dos ribeiros mugindo, dos lavradores e das ceifeiras cantando ao longe, dos moinhos rodando e rangendo. São estes aromas de campo, os tranquillos aspectos de existencias simples,

a interpretação eommovida dos sêres e das paizagens rustieas — o que mais nos prende no livro dc João Diniz, quer elle nos dê um occaso, de luz quente e alaranjada, quer nos mostre um adro ou uma deveza batida de sol.

O proprio tom desprendido e solto da sua ironia passageira e leve tcm um quê da graça e da malieia nativa do povo. E quando é uma dôr, uma saudade, um desgosto que lhe faz vibrar os versos, a sua tristeza nunca é negra e revoltada. Paira-lhe sobre a pagina uma melancolia dôce, em cuja bruma tenue se esbate e eomo que se suavisa tudo.

É esta a impressão geral que nos fica da lcitura das *Aquarellas*. Se não são um livro igualmente original e vivo em todas as einco partes, e se não são um trabalho artistieo impeceavel — revelam, no emtanto, um temperamento poetico, que tcm estas duas boas e raras qualidades d'arte: emoção sineera e expressão facil.

Seria injusto não fallar na edição d'este livro, que é realmente primorosa. É da livraria Gutenberg, do Porto.

As *Intimas*, de Christovão Ayres, são o seu livro do lar, a obra que o artista eonsagra á familia, cantando assim os mais castos e puros scntimentos.

Quasi que se receia fallar d'um livro d'estes, não porque o não mereça, mas porque suppomos sempre — estranhos como somos — profanar, criticando-os, esses versos repassados d'amor, de affectos intimos, de alegrias sagradas.

O maior elogio que se póde fazer a uma obra d'esta natureza, é constatar que, ao percorrer as suas paginas, nos julgamos, por momentos, recebidos entre esse pequeno... e immenso mundo n'ellas eantado, e que, pelo calor de verdade e sympathia eom que são eontadas, assistimos a todas as seenas para que o poeta teve uma palavra eommovida ou graeiosa, sobretudo quando as suas estrophes cingem, eomo uma grinalda de rosas elaras, as frontes encantadoras de Nally e de Cande.

E tudo isto se sente com o livro de Christovão Ayres, euja fórma é quasi sempre correcta e litteraria.

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

Supplemento ao numero do 1.º de Setembro de 1889 da REVISTA DE PORTUGAL

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da REVISTA

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux — Porto

PUBLICAÇÕES FRANCEZAS

Á VENDA

na LIVRARIA CHARDRON — Lugan & Genelioux, Successores

Abélard et Heloïse

Lettres d'Abélard et d'Héloïse. Traduction nouvelle d'après le texte de Victor Cousin. Précédée d'une introduction par Octave Gréard. Texte latin en régard. 1 vol. enc..... 2$700

Alfred Driou

Les grandes femmes de France. Histoire de leur vie et de leur temps. Avec 12 portraits en acier. 1 vol. enc. 3$200

Alphonse Daudet

Histoire d'un enfant — Le petit chose. Édition spéciale à la jeunesse. Dessins par Philippoteaux, gravures par Laplante. 1 vol. enc..... 2$400

Ampère

Voyage en Egypte et en Nubie. 1 vol. enc..... 2$250

Autran

Sonnets capricieux. 1 vol. enc. 1$800

Mme Beaumont

Le magasin des enfants ou dialogues d'une sage gouvernante avec ses élèves. Nouvelle édition avec illustrations de Staal. 1 vol. enc..... 3$000

Berthoud

La cassette des sept amis. Contes illustrés d'un grand nombre de vignettes sur bois. 1 vol. enc..... 3$000

Contes du Docteur Sam. Illustrés d'un grand nombre de vignettes dans le texte et de dix grands bois hors texte d'après les dessins de Staal, Pizetta, etc., gravés par les meilleurs artistes. 1 vol. enc..... 2$800

Les féeries de la science. Illustrées d'un grand nombre de vignettes sur bois. 1 vol. enc..... 2$800

L'homme depuis cinq mille ans. Avec illustrations. 1 vol. enc..... 2$800

Les hôtes du logis. Illustrés d'un grand nombre de vignettes sur bois. 1 vol. enc..... 2$800

Le monde des insectes. Deuxième édition illustrée d'un grand nombre de vignettes sur bois. 1 vol. enc..... 3$200

Boileau-Despréaux

Œuvres complètes. Nouvelle édition conforme au texte donné par Berriat-Saint-Prix, avec les notes de tous les commentateurs, publiée par Paul Chéron. Illustrée de vignettes sur acier. 1 vol. enc..... 4$000

Braun

Le livre des mères ou l'éducation maternelle. 1 vol. enc..... 2$000

Buffon

Correspondance inédite de Buffon, à laquelle ont été réunies les lettres publiées jusqu'à ce jour, recueillie et annotée. 2 vol. enc..... 3$200

Cahun

Les aventures du capitaine Magon ou une exploration phénicienne mille ans avant l'ère chrétienne. Ouvrage illustré de 72 gravures dessinées sur bois et accompagné d'une carte. 1 vol. enc..... 3$000

La bannière bleue, aventures d'un musulman, d'un chrétien et d'un païen à l'époque des croisades et de la conquête mongole. Ouvrage illustré de 73 gravures dessinées sur bois. 1 vol. enc. 3$200

Campe

Histoire de la découverte et de la conquête de l'Amérique. Traduction nouvelle, précédée d'un Essai sur la vie et les ouvrages de l'auteur par Charles Saint-Maurice. Nouvelle édition ornée de 120 vignettes dessinées par Bertrand,

gravées sur bois par Lacoste Ainé. 1 vol. enc..... 2$800

Champfleury

Les oiseaux chanteurs des bois et des plaines. Édition ornée de vignettes. 1 vol. enc..... 1$600

Charles Blanc

L'Art dans la parure et dans le vêtement. Avec grand nombre de figures. 1 vol. enc..... 3$000

Voyage de la haute Égypte, observations sur les arts égyptien et arabe. Avec 80 dessins. 1 vol. enc..... 3$200

Charles Farine

A travers la Kabylie. Orné de 45 compositions dessinées d'après nature. 1 vol. enc..... 2$500

Comte de Gabriac

Course humoristique autour du monde : Inde, Chine et Japon. Illustrée de 8 gravures sur bois. 1 vol. enc... 2$250

Comtesse de Ségur

Bible d'une grand' mère. Illustrée de 30 gravures sur bois tirées à part d'après les dessins de Schnorr. 1 vol. enc. 2$600

Desnoyers

Aventures de Robert-Robert et de son fidèle compagnon Toussaint Lavenette. Édition illustrée de gravures sur bois. 1 vol. enc..... 3$000

Dithan

La beauté physique et morale des femmes. Ouvrage illustré de gravures. 1 vol. enc..... 1$500

Dumersan et Ségur

Chansons nationales et populaires de France, accompagnées de notes historiques et littéraires. 2 vol. enc... 6$000

Duruy

Histoire de la Grèce ancienne. 2 vol. enc..... 3$200

Émile Chasles

Nouveaux contes de tous pays. Illustrés d'un grand nombre de vignettes sur bois. 1 vol. enc..... 2$600

Eugène de Mirecourt

Histoire contemporaine : Portraits et silhouettes au XIXe siècle. 2 vol.... 4$000

Fabre

Histoire de la bûche, récits sur la vie des plantes. Illustrations de Yan' Dargent, gravées par les meilleurs artistes. 1 vol. enc..... 2$800

Melle Fleuriot

Cadok. Ouvrage illustré de 24 gravures dessinées sur bois. 1 vol. enc... 1$800

Raoul Daubry, chef de famille. Ouvrage illustré de 32 gravures dessinées sur bois. 1 vol. enc..... 1$800

Fleury

Histoire d'Angleterre, comprenant celle de l'Écosse, de l'Irlande et des possessions anglaises depuis les premiers temps jusqu'en 1863. 2 vol. enc..... 3$200

Galland

Les mille et une nuits. Contes arabes, traduits par Galland, précédés d'une introduction par Jules Janin. Illustrations de Gavarni et Wattier. 1 vol. enc. 5$000

Georges Fath

Perdus au milieu de Paris, histoire de trois orphelins. Avec 80 dessins gravés sur bois. 1 vol. enc..... 2$500

Goldsmith

Le vicaire de Wakefield. Traduction par Charles Nodier. Illustrée de 10 gravures sur acier par Tony Johannot. 1 vol. enc..... 2$000

Hayes

La terre de désolation, excursion d'été au Groënland. Ouvrage traduit de l'anglais avec l'autorisation de l'auteur par Reclus et contenant 43 gravures et une carte. 1 vol. enc..... 3$200

Hœfer

Le monde des bois, plantes et animaux. Avec grand nombre de gravures. 1 vol. enc..... 0$500

Hombron

Aventures les plus curieuses des voyageurs, coup d'œil autour du monde d'après les relations anciennes et modernes et des documents recueillis sur les lieux. Avec grand nombre de gravures. 2 vol. enc..... 6$000

Jules Verne

L'île mystérieuse. Édition illustrée de 154 dessins. 1 vol. enc..... 3$000

Laboulaye

Contes bleus. Dessins par Yan' Dargent. 1 vol. enc..... 2$500

La Fontaine

Fables de la Fontaine. Illustrations par Grandville. 1 vol. enc..... 4$500

Larousse

Fleurs latines des dames et des gens du monde, ou clef de citations latines que l'on rencontre fréquemment dans les ouvrages des écrivains français. 1 vol. enc..... 2$400

Louis Figuier

Les grandes inventions modernes dans les sciences, l'industrie et les arts. Ouvrage à l'usage de la jeunesse, illustrée de 319 gravures sur bois. 1 vol. enc..... 3$000

Les insectes. Ouvrage illustré de 594 figures. 1 vol. enc..... 3$000

La vie et les mœurs des animaux — Zoophytes et mollusques. Ouvrage illustré de 385 figures. 1 vol. enc... 3$000

Vie de savants illustres:

Savants du XVIIe siècle. Ouvrage accompagné de 36 portraits ou gravures. 1 vol. enc..... 3$000

Savants du XVIIIe siècle. Ouvrage accompagnée de 38 portraits ou gravures. 1 vol. enc..... 3$000

Savants de la renaissance. Ouvrage accompagnée de 38 gravures. 1 vol. enc..... 3$000

Savants de l'antiquité. Ouvrage accompagné de 36 portraits ou gravures. 1 vol. enc..... 3$000

Mangin

Les mystères de l'océan. Avec illustrations. 1 vol. enc..... 3$600

Morelet

Iles Açores. Notice sur l'histoire naturelle des Açores, suivie d'une description des mollusques terrestres de cet archipel. Avec 5 planches gravées et coloriées. 1 vol. enc..... 3$000

Müller

Causeries sur la nature et l'industrie. Ouvrage illustré avec grand nombre de vignettes. 1 vol. enc..... 3$200

Octogénaire

Le secret de longue vie ou l'art de prolonger ses jours jusqu'à cent ans, suivi d'un appendice sur la taille humaine. 1 vol. enc..... 1$600

Mme Pauline

Le livre d'une mère. 1 vol. enc. 1$800

Perrault

Contes des fées, par Perrault, Mme d'Aulnoy, Hamilton et Mme Leprince de Beaumont. Nouvelle édition illustrée de nombreuses vignettes dans le texte et de 10 grands bois hors texte. 1 vol. enc..... 2$800

Poitou

Un hiver en Égypte. Ouvrage illustré avec gravures. 1 vol. enc..... 3$600

Prjévalski

Mongolie et pays des Tangoutes. Ouvrage traduit du russe par G. Laurens, contenant 42 gravures sur bois et 4 cartes. 1 vol. enc..... 3$000

Riccoboni

Œuvres de Madame Riccoboni. Avec gravures sur acier. 1 vol. enc... 2$000

Robida

Les vieilles villes d'Espagne. Notes et souvenirs. Ouvrage illustré de 125 dessins à la plume. 1 vol. enc..... 3$200

Les vieilles villes d'Italie. Notes et souvenirs. Ouvrage illustré de 102 dessins à la plume. 1 vol. enc..... 3$200

Les vieilles villes de Suisse. Notes et souvenirs. Ouvrage illustré de 105 dessins à la plume. 1 vol. enc..... 3$200

Mme Robinet

Maison rustique des enfants. Avec grand nombre de gravures. 1 volume encadernado..... 4$000

Sainte-Beuve

Galerie d'histoire naturelle, tirée des Œuvres complètes de Buffon. Ornée de 32 gravures sur acier coloriées avec le plus grand soin. 1 vol. enc..... 5$200

Schmid

Contes de Schmid. Traduction de l'Abbé Macker, la seule approuvée par l'auteur. Nouvelle édition illustrée par Staal, d'un grand nombre de vignettes intercalées dans le texte et de 10 grands bois hors texte. 1 vol. enc..... 2$800

Topffer

Nouvelles genevoises. Illustrées d'après les dessins. 1 vol. enc..... 3$200

Publications nouvelles de la librairie HACHETTE ET Cie

Boulevard Saint-Germain, 79, à Paris

BAILLY (E.), agrégé de l'Université, maître de conférences à la Faculté des lettres de Lille : **Étude sur la vie et les œuvres de Frédéric Gottlieb Klopstock.** 1 vol. in-8°, broché, 6 fr.

GIRARD (Paul), maître de conférences à la Faculté des lettres de Paris : **L'Éducation athénienne au Ve et au IVe siècle avant J.-C.** Ouvrage couronné par l'Académie des inscriptions et belles-lettres. 1 vol. in-8°, broché, 10 fr.

JEANROY (Alfred), ancien élève de l'École normale et de l'École des Hautes études, chargé du cours de langue et littérature méridionales à la Faculté des lettres de Toulouse : **Les origines de la poésie lyrique en France au moyen âge.** Études de littérature française et comparée, suivies de textes inédits. 1 vol. in-8°, broché, 10 fr.

HASDEU (Julie) : **Bourgeons d'avril.** 1 vol. petit in-16, broché, 5 fr.

Bourgeons d'Avril sont les essais poétiques d'une jeune roumaine, fille d'un éminent philologue, essais trop tôt interrompus par la mort qui frappa Mlle Julie Hasdeu dans sa dix-neuvième année.

SOURCHES (Marquis de) : **Mémoires sur le règne de Louis XIV,** publiés d'après le manuscrit authentique appartenant à M. le duc des Cars, par le comte de Cosnac (Gabriel-Jules) et Edouard Pontal, archiviste paléographe.

Mise en vente du Tome IX, embrassant la période de janvier 1703 à juin 1704. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

L'ouvrage complet formera environ 15 volumes. Il a été tiré 150 exemplaires numérotés sur grand raisin vélin de Hollande, à 20 fr. le volume. Les neuf premiers volumes (septembre 1681 — juin 1704) sont en vente. Chaque volume, 7 fr. 50.

CHERBULIEZ (Victor), de l'Académie française : **Profils étrangers.** (Hégel et sa correspondance ; le prince de Bismarck et M. Moritz Busch ; lord Beaconsfield ; Guillaume de Humboldt et Charlotte Diede ; un bourgmestre de Stralsund au XVIe siècle ; M. de Beust et ses mémoires ; le roi Louis II de Bavière ; Charles Gordon ; Léopold Ranke ; M. Geffcken et le journal de l'empereur Frédéric ; M. Francesco Crispi et sa politique ; un missionnaire écossais ; le poète don Sérafin Estebanez ; l'esprit chinois ; la famille Buchholz). 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

HEIMWEH (Jean) : **La question d'Alsace.** 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

THUILLIER (L.) : **Les vingt arrondissements de Paris.** Plans ; Renseignements pratiques ; Nomenclature alphabétique des boulevards, rues, places, etc. ; Ministères ; Ambassades et Consulats ; Préfecture de la Seine ; Mairies et Justices de paix ; Préfecture de Police ; Commissariats ; Services et tarifs des postes, des télégraphes, des téléphones, des voitures, des bateaux parisiens ; Administration des chemins de fer ; Établissements financiers ; Principales curiosités à visiter dans Paris, etc. etc. Ouvrage accompagné d'un plan général et d'une carte des environs de Paris et de trois plans de l'Exposition universelle. 1 vol. in-16, broché, 1 fr.

AMMANN (A.) ; **Guide historique à travers l'Exposition des habitations humaines,** reconstituées par Charles Garnier. Ouvrage contenant un avant-propos, des notes justificatives et vingt et une gravures. Brochure in-16, 50 cent.

Publications périodiques illustrées

ONT PARU DU 6 JUILLET AU 27 JUILLET 1889

Le tour du monde. Livr. 1487 à 1490 (27 juillet 1889). — *Voyage aux îles Baléares, Majorque,* par Gaston Vuillier (1888). — Chaque numéro, 50 cent. — Un an, 26 fr.

Le journal de la jeunesse. Livr. 866 à 870 : *Le Théâtre annamite à l'Exposition universelle,* par Henri Latour ; *Le Kampong javanais à l'Exposition universelle,* par L. Rousselet ; *La philantropie à l'Exposition universelle,* par Robert Cazin, etc. etc. ; *L'épave mystérieuse,* par Mme de Nanteuil ; *Le Mousse de Portjiou,* par H. Meyer. — Chaque numéro 40 cent. — Un an, 20 fr.

Mon journal. Recueil mensuel pour les enfants de 5 à 10 ans. Livr. 10 : *Excursion de deux petits enfants, Yvonne et Louis, à l'Exposition universelle.* Dessins de E. Le Moüel. — Chaque numéro, 15 cent. — Un an, 1 fr. 80.